



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**A MORTE ENTRE OS LABIRINTOS DA MEMÓRIA: O ASSASSINATO DE
JOVELINA GOMES NA CIDADE DE UIRAÚNA EM 1943 – RECONTANDO UMA
HISTÓRIA**

ANTONIA CLEONEIDE MACENA DO NASCIMENTO

CAJAZEIRAS

2015

ANTONIA CLEONEIDE MACENA DO NASCIMENTO

**A MORTE ENTRE OS LABIRINTOS DA MEMÓRIA: O ASSASSINATO DE
JOVELINA GOMES NA CIDADE DE UIRAÚNA EM 1943 – RECONTANDO UMA
HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia
- apresentada ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Campina
Grande (UFCG), em cumprimento às
exigências para obtenção do título de
Licenciado(a) em História.

Orientador^a: Prof.^a Dr.^a Rosemere Olímpio de
Santana

CAJAZEIRAS

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

N244m Nascimento, Antonia Cleoneide Macena do
A morte entre os labirintos da memória: o assassinato de Jovelina
Gomes na cidade de Uiraúna em 1943 – Recontando uma história. /
Antonia Cleoneide Macena Nascimento. - Cajazeiras: UFCG, 2015.
109f.
Bibliografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana.
Monografia (Graduação) – UFCG.

1. Historiografia. 2. Gomes, Jovelina - memória. 3. Relações de
gênero. 4. Paraíba – 1943 – violência feminina. I. Santana,
Rosemere Olímpio de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –930(813.3)

ANTONIA CLEONEIDE MACENA DO NASCIMENTO

**A MORTE ENTRE OS LABIRINTOS DA MEMÓRIA: O ASSASSINATO DE
JOVELINA GOMES NA CIDADE DE UIRAÚNA EM 1943 – RECONTANDO UMA
HISTÓRIA**


Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia
- apresentada ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Campina
Grande (UFCG), em cumprimento às
exigências para obtenção do título de
Licenciado (a) em História.

Aprovado em: 23 / 11 / 15

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Rosemere Olímpio de Santana
Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora



Prof.^o Dr.^a Uelba Alexandre do Nascimento
Universidade Federal de Pernambuco
Membro

Prof.^a Dr.^a Mariana Moreira Neto
Universidade Federal de Campina Grande
Membro

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Universidade Federal de Campina Grande
Suplente

Dedico este, inteiramente ao Senhor Deus, por ter me sustentado e proporcionado forças para que com êxito pudesse alcançar mais uma etapa importante da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e não ter me deixado desistir até obter essa conquista importante em minha vida.

A minha família, especialmente aos meus pais, pela confiança que sempre tiveram em mim.

A minha avó Eurides (*In memoriam*), pelo grande carinho que tinha por mim, e que tanto sonhava em vê essa vitória. Não foi possível ela presenciar esse momento, mas quero aqui expressar o meu grande agradecimento.

As minhas irmãs Nara, Klébia e Claudiana que sempre estiveram ao meu lado torcendo por mim.

A Zilma, pessoa especial em minha vida, que tem me dado grande apoio e forças para não desistir.

A minha orientadora, Professora Dr^a. Rosemere Olímpio de Santana, pelas ricas contribuições para a conclusão dessa etapa tão importante em minha vida.

A todas as pessoas entrevistadas que dispuseram tempo de suas vidas para relatar suas memórias sobre a vida da professora Jovelina Gomes, cuja contribuição foi essencial na construção desse trabalho.

Agradeço especialmente a sobrinha de Jovelina Gomes Zarita e seu esposo Abdoral, que com todo carinho me receberam em sua casa dando um grande apoio para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

RESUMO

Essa pesquisa tem o intuito de problematizar o caso da morte de Jovelina Gomes, no ano de 1943, na então denominada Vila de Canaã, hoje Uiraúna - PB. Seguindo uma corrente historiográfica social, o trabalho procurou discutir através de relatos orais e do processo crime, a problemática que envolveu a morte da jovem, procurando analisar as relações de gênero envolvidas, tendo em vista tratar-se de um provável crime passional divulgado pelas “histórias” relatadas pela própria população através das memórias construídas ao longo de relatos passados de geração a geração. Jovelina era professora e morava sozinha em Canaã, foi assassinada por Francisco Chagas de Morais, conhecido como Chiquinho André, conhecido e frequentador de suas redes sociais. Buscou-se através de relatos orais (entrevista) de pessoas que viveram à época e que de alguma forma se relacionaram com a jovem, traçar a história que envolve a sua morte. Posteriormente, a pesquisa se desenvolve a partir da análise do processo-crime referente ao caso. Sendo assim, analisamos essa documentação no intuito de problematizar a trajetória de vida de Jovelina que foi tão marcante para as pessoas daquele vilarejo, pensando os vários momentos de construção das várias identidades elaboradas para ela. Analisamos a identidade em torno do ser professora naquele contexto, bem como o contexto social e cultural que Jovelina vivia e como isso era importante para pensar os comportamentos femininos nas décadas de 1930 e 1940 na Paraíba.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gênero. Paraíba. Memória.

ABSTRACT

This research aims to discuss the case of the death of Jovelina Gomes, in 1943, in what was then called Vila Canaã, currently Uiraúna - PB. Following a social historiographical current work sought to discuss through oral histories and criminal proceedings, the issue that involved the death of the young woman, trying to analyze gender relations involved, given that this is a likely crime of passion disclosed by "stories" reported by the population through the memories built over past reports from generation to generation. Jovelina was a teacher and lived alone in Canaã, was murdered by Francisco Chagas de Moraes, known as Chiquinho André, known and frequenter of their social networks. We attempted through oral reports (interview) of people who lived at the time and that somehow were related to the girl, trace the history that surrounds his death. Subsequently, the research develops from the analysis of the criminal proceedings concerning the case. Therefore, we analyzed this documentation in order to discuss the Jovelina life path that was so striking to the people of that village, thinking the various moments of the construction of multiple identities prepared for it. We have analyzed the identity around being a teacher in that context as well as the social and cultural context that Jovelina lived and how it was important to think about women's behavior in the 1930s and 1940s in Paraíba.

KEYWORDS: Gender relations. Paraíba. Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	15
1. MEMÓRIA E BIOGRAFIA: JOVELINA GOMES ATRAVÉS DOS LABIRINTOS QUE COMPÕEM A MEMÓRIA.....	15
1.1 Labirintos da Memória	15
1.2 O fazer biográfico	18
1.3 Recontando uma história a partir das vozes do passado.....	20
CAPÍTULO II.....	25
2. MULHER E TRABALHO NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	25
2.1 Relações de gênero no Brasil no início do século XX	25
2.2 Relações de gênero na Paraíba no início do século XX	30
2.3 Educação feminina e a Imagem da Professora Primária	34
2.4 Jovelina Gomes: uma mulher à frente do seu tempo?.....	38
CAPÍTULO III	46
3. JOVELINA GOMES: UMA HISTÓRIA INTERROMPIDA	46
3.1 Amor, ciúme e seus desdobramentos.....	46
3.2 Paixão e Crime Passional	50
3.3 Jovelina Gomes: análise de um crime movido pela paixão.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES.....	66
ANEXOS	69

INTRODUÇÃO

Eu percorro os séculos até a mais remota Antiguidade; não percebo nada que pareça ao que há sob meus olhos. Se o passado não ilumina o futuro, o espírito marcha nas trevas (Tocqueville).

A História enquanto ciência inicia no século XIX, abandonando a linha filosófica. Nesse período, os filósofos ditos metafísicos eram especulativos e idealísticos, uma linha de pensamento que tendia ao misticismo. A ciência, por sua vez, fundamentava-se na razão, na objetividade, na imparcialidade e no método. Assim, decidindo-se pela ciência, a história passa a adotar o método empírico sendo caracterizada pela narrativa dos fatos tal qual aconteciam, desprovida de uma análise subjetiva dos eventos ou das implicações futuras de quaisquer fatos. Dessa forma, a narrativa do historiador deveria ser objetiva e neutra, isenta de subjetividade, com o intuito de produzir um conhecimento tido como verdadeiro, fundamentado em documentos que possuíssem data e lugar.

Baseando-se nos princípios da objetividade e da neutralidade no trabalho do historiador, a história como ciência passou a narrar apenas a história da humanidade tal como ocorreu, caracterizando-se numa abordagem positivista da história no século XIX. Apesar de importante por fornecer, através do empirismo, aportes teóricos que possibilitaram imprimir um caráter científico à História, o positivismo histórico se preocupava apenas em ressaltar a importância dos grandes heróis nacionais e contar os fatos tal como se passaram o que fez com que os historiadores dessa época fossem denominados historiadores narrativos. Para estes, as fontes por si só expressavam a verdade dos fatos, eximindo o historiador de qualquer análise subjetiva dos mesmos.

A produção historiográfica do século XX, por sua vez, foi influenciada pela escola histórica francesa denominada *Annales*. Duas importantes obras trazem um histórico desse movimento francês. Uma delas, “A História em Migalhas: dos Annales à Nova História”, publicada na França em 1987 e traduzida no Brasil em 1992.

A segunda importante obra sobre a história dos *Annales*, “A Escola dos *Annales* (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia”, de Peter Burke, editada em inglês em 1990 e em português em 1997, Burke divide o movimento em três fases, cada uma com características e métodos próprios. Segundo Mariângela Duarte Magalhães (2013), em sua monografia intitulada “Crimes de Sedução em Cajazeiras na década de 1950: Por uma

Perspectiva de Gênero”, foi com a Escola dos *Annales*, principalmente na Terceira Geração, que problemáticas referentes ao cotidiano daqueles que pertenciam aos segmentos populares começam a ser pesquisadas e, graças às diversas transformações metodológicas que permitiram um aprofundamento do cotidiano, as histórias das pessoas simples podem ser tratadas como temas científicos e analisadas em pesquisas de grande porte (MAGALHÃES, 2013). Sendo assim, os historiadores passaram a trabalhar com componentes de várias esferas sociais, buscando analisar a vida das pessoas comuns.

Dessa forma, o presente trabalho de pesquisa busca analisar um caso de crime passionai, especificamente o caso da jovem Jovelina Gomes dos Santos, jovem professora assassinada em 1943, na então chamada Vila de Canaã, na época pertencente à cidade de São João do Rio do Peixe, Vila que posteriormente veio a se denominar Uiraúna, cidade localizada na região nordeste da Paraíba. Trabalhos com essa temática só foram possíveis graças as transformações na maneira de ver e perceber a história dos indivíduos considerados comuns.

A escolha do tema surgiu inicialmente por ter sido este um fato que marcou, não só a época em que ocorreu, mas a história do pequeno vilarejo. Todavia, o registro escrito sobre o fato é bastante escasso, observando-se na sociedade uiraunense a necessidade de conhecer melhor as circunstâncias em que ocorreu, bem como a necessidade de uma análise mais pormenorizada dos eventos que envolveram a vida e a morte da jovem professora. Portanto, o trabalho faz uso de entrevistas e analisa as memórias que vem sendo construídas pelos indivíduos que vivenciaram a época.

Embora o trabalho não se constitua como uma verdade dos fatos, pois é impossível chegarmos a uma “verdade”, também não pretendemos defender ou julgar o suposto culpado ou a vítima, mas buscamos compreender a partir das memórias, pois a história que se constitui em volta do crime do qual Jovelina fora vítima, nos chega através de outras falas, outros olhares, como formas de representações do caso.

Procuramos reconstruir a história a partir da memória que se constrói em torno da imagem de um crime que teve grandes repercussões. Como afirma Thompson (1992, p. 197):

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.

Nessa perspectiva de se trabalhar com memória, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), assinala que as memórias individuais são compostas por fragmentos de múltiplas vivências e experiências ao nível individual ou coletivo que são retrabalhados neste diálogo constante entre o indivíduo e a sociedade, entre o passado e o presente.

Ainda, segundo Albuquerque Júnior, (2007, p. 200):

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ocupo, e que mesmo este lugar segundo as relações que mantenho com os outros meios.

A escolha de se utilizar entrevistas na pesquisa surgiu, em primeiro lugar, pela escassez das fontes escritas e, em segundo lugar, pela importância da memória dos indivíduos que são contemporâneos dos fatos, conhecendo-os não apenas por ouvir falar, mas por terem desenvolvido uma relação de vivência com a vítima, tendo sido elas mesmas afetadas e suas vidas alteradas pelo desfecho trágico dessa história.

As entrevistas se fizeram com pessoas que vivenciaram a época, como o senhor Francisco Ferreira, conhecido por Chicão, (irmão de Artemísia, amiga de Jovelina, que também foi vítima no mesmo crime), a senhora Maria Gení Gomes da Silva, conhecida por dona Gení (amiga de Jovelina), a senhora Maria do Socorro Fernandes, conhecida por Maria de seu Mousinho (aluna de Jovelina), além de outras pessoas que também têm construído em si, lembranças de uma época.

Além das fontes orais, procuramos analisar as fontes escritas disponíveis, consistindo essas em um pequeno verso produzido pelos alunos que compõem a escola que leva o nome da vítima, um artigo publicado em uma revista local (Jovelina Gomes: uma tragédia à moda grega. Revista Uiraúna, 2005), escrita por Antônio Batista da Silva Neto, bem como o processo-crime que se encontra no arquivo judicial de comarca de São João do Rio do Peixe.

Com relação à fonte processo-crime, há alguns aspectos a serem considerados. A análise do processo nos revela uma linguagem técnica rebuscada. As falas não são transcritas da mesma forma em que são ditas, mas passa pela síntese do juiz e do escrivão que as transcreve, no entanto, longe de deixar essa documentação menos interessante, esse procedimento, também nos permite analisar os conflitos existentes no decorrer de cada caso, entender como a justiça se posicionava diante de cada história, quais estratégias utilizadas pela defesa e testemunhas.

O depoimento das testemunhas e o encaminhamento da investigação nem sempre revela a “verdade” dos fatos, pois está limitada pelas provas materiais, bem como pela intenção com que o discurso é produzido pelas testemunhas processuais. Por outro lado, essas fontes são de valor inestimável, pois nos permitem analisar a versão de vários agentes envolvidos com o caso: acusado, testemunhas, juiz, promotor, dentre outros.

O uso do processo- crime nesse contexto, passa a ser analisado como uma fonte que nos permite analisar as diversas naturezas contraditórias que compõe o processo-crime, as várias versões dos envolvidos no processo. Essas falas nos levam a olhar de forma diferente a forma como cada pessoa se posiciona através de suas versões. Nessa perspectiva de se trabalhar o documento, Grinberg (2009, p. 119-139) diz:

Para ler com processos criminais, portanto, é preciso saber trabalhar com as versões, perceber as formas como elas são construídas. Analisar como os diversos agentes sociais apresentam diferentes versões para cada caso e ficar atento, principalmente, às narrativas que se repetem as histórias nas quais as pessoas acreditam e aquelas nas quais não se acredita. É necessário trabalhar com a verossimilhança. Saber o que é e o que não é plausível em uma determinada sociedade nos leva a compreendê-la melhor. E, nesse caso, até a mentira mais deslavada vira categoria de análise.

Pela análise do processo-crime, percebemos que os discursos das pessoas próximas à Jovelina apontam para crime passional, embora os depoimentos das testemunhas que constituem o processo crime apontem para motivo diverso deste, relatando que o motivo que causou o crime teria sido prováveis boatos espalhados pela vítima com relação à pessoa do criminoso. Todavia, o uso de processos-crime merece muito cuidado. Rosemere Olímpio de Santana (2008) salienta que “longe de ser portador de um discurso neutro, ou mesmo objetivo, esse tipo de documento é mediado e filtrado por quem os construiu” (SANTANA, 2008, p.58).

Assim, percebemos que o uso das fontes de pesquisa, de forma geral (processo crimes, entrevistas e outros), por si só não mostram a verdade dos fatos. Nenhuma fonte é neutra, sempre traz em si opiniões de quem o constituiu. Dessa forma, foi necessário cuidado no manuseio com todas as fontes, pois as mesmas trazem em si características específicas dotadas de subjetividade de seu agente constituinte.

A partir da vida de Jovelina Gomes, surgem discussões em torno das relações de gênero. Algumas questões despontam sobre o modo de vida das mulheres da década de 30 do século passado: quais as regras e valores morais da época com respeito à mulher no Brasil,

especialmente no sertão da Paraíba; qual a imagem produzida pela mulher que trabalhava, que assumia um papel na sociedade além do lar. Era comum uma mulher solteira morar sozinha, sobretudo em uma localidade distante de onde nascera? O que a sociedade da época pensava com relação a uma jovem que morava distante de seus familiares? Quais perspectivas de Jovelina a conduziram a afastar-se do seio familiar? O que era ser professora naquela época?

Tendo em vista os diversos temas envolvidos no estudo do caso Jovelina Gomes, dividimos nossa pesquisa em três capítulos, conforme descrevemos a seguir: No primeiro capítulo, intitulado “Memória e Biografia: Jovelina Gomes através dos labirintos que compõem a Memória”, abordaremos os vários aspectos da memória e sua validade enquanto fonte histórica, construindo a história de Jovelina Gomes a partir do relato de pessoas que vivenciaram esse fato histórico. Discutiremos também os aspectos envolvidos no fazer biográfico.

No segundo capítulo: “Mulher e Trabalho no Início do Século XX”, discutiremos as relações de gênero que permeavam o contexto analisado, percebendo como no Brasil e na Paraíba se davam esses discursos, inclusive em torno da profissão e do conceito de modernidade. Nessa análise também discutiremos o comportamento e as escolhas de Jovelina Gomes.

No terceiro capítulo, “Jovelina Gomes: Uma história interrompida” trazemos uma análise do processo crime, bem como de fatores emocionais como amor, ódio e paixão que estão presentes em um crime passionai, analisando de forma aprofundada as circunstâncias que envolveram a morte de Jovelina Gomes.

Buscaremos percorrer diversos caminhos que nos possibilite maneiras de como analisar, a partir de fontes como processos crimes e relatos orais, como ocorreu esse crime, nos remetendo ao contexto de meados do século passado, analisando os possíveis aspectos relacionados ao caso, não de forma arbitrária, mas fundamentados em estudos relacionados ao tema em debate.

CAPÍTULO I

1. MEMÓRIA E BIOGRAFIA: JOVELINA GOMES ATRAVÉS DOS LABIRINTOS QUE COMPÕEM A MEMÓRIA

1.1 Labirintos da Memória

“A memória sempre pertence a nossa época e está intimamente ligada ao presente eterno; a história é uma representação do passado” (Pierre Nora).

A primeira espécie de história, sendo tão antiga quanto esta, foi a história oral¹. Referido termo é tão novo quanto a criação do gravador. Apenas recentemente é que a habilidade de usar a fonte oral deixou de ser uma expressão dos grandes historiadores (THOMPSON, 1992, p. 45), tendo em vista que a partir do século XIX a história tornou-se Ciência, opondo-se à história oral.

A reintrodução do método oral acontece no decorrer do século XX nos Estados Unidos, através do lançamento de revistas e realização de seminários por grupos de historiadores. Com o advento do gravador nos Estados Unidos o método oral se desenvolveu de forma mais ampla e espalhou-se pela Europa. Os antropólogos italianos De Martino, Bosio e o sociólogo Ferrauti na Itália, no final dos anos 60, foram precursores da segunda geração de historiadores orais, tomando a fonte oral não como um complemento, mas como “outra história” onde se pregava uma história alternativa em relação às construções historiográficas a partir do escrito. A terceira geração da história oral surge a partir de dois importantes encontros: o primeiro em 1975, em São Francisco, e o segundo em 1976, em Bolonha. Após o surgimento desta terceira geração de história oral são criados verdadeiros grupos de historiadores orais (MATOS, SENHA, 2011, pp. 4 -5).

A discussão a respeito do método oral como fonte histórica aponta para aspectos

¹ Em 1994 foi criada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), que conta hoje com mais de 60 filiados, entre instituições e pesquisadores individuais. Nos anos de 1994, 1995 e 1996, as reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) contaram com um grupo de trabalho intitulado “História oral e memória”, com a apresentação de cerca de 50 trabalhos. Em 1993, 1994 e 1996 foram realizados os três primeiros encontros nacionais de história oral, com um total de mais de quinhentos inscritos. No plano internacional merecem destaque, além da Associação Internacional de História Oral criada em 1996, os congressos internacionais que vêm sendo promovidos periodicamente desde 1978 (até 1966 foram realizados nove congressos), bem como as diversas revistas acadêmicas de história oral, especialmente as publicadas nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Espanha. Todos esses dados indicam uma produção regular e abundante em torno da história oral, além, é claro, de um público ávido em consumi-la (ALBERTI, 1997).

críticos em torno da sua utilização. Dentre estes, podemos citar: a confiabilidade da fonte, tendo em vista que esta pode ser afetada pela deterioração física da memória; a subjetividade, pois a mesma está relacionada à memória individual, sendo esta por vezes fantasiosas. A subjetividade é um fenômeno presente em qualquer fonte, sejam essas escritas, visuais ou orais. As fontes orais também podem ser afetadas por conceitos pré-concebidos do entrevistador e do entrevistado, bem como pela influência das versões coletivas e retrospectivas do passado.

Em análise do trabalho de Santo Agostinho Ricoeur (2011) diz que a memória é uma possessão privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito. São as impressões pessoais de um passado, um passado não de outrem, mas um passado próprio e vivenciado, garantindo a continuidade temporal da pessoa, estando associada à memória o sentido da orientação na passagem do tempo, tanto do passado para o futuro, quanto do presente para o passado. Para Thomson (1997), a memória “gira em torno da relação passado-presente e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas” em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado.

Segundo Le Goff (2003), a memória se constitui a partir de um conjunto de funções psíquicas através das quais o homem atualiza impressões ou informações passadas. Inicialmente pode parecer um fenômeno individual, todavia a memória é um fenômeno construído coletivamente tendo em vista que o indivíduo está inserido em contexto familiar e social, o que faz com que suas lembranças sejam permeadas por implicações coletivas. Essa construção da memória faz com que fatos sejam gravados, outros recalçados ou excluídos, através de um verdadeiro trabalho de organização, consciente ou não.

A memória se tornou assim fonte para a pesquisa histórica, permitindo seguir rastros, vidas e trajetórias que de alguma forma marcaram ou se fizeram lembrar nas emoções e sentimentos de várias pessoas, como no caso de Jovelina Gomes. Sua história está assinalada pela complexidade que envolve a história oral sendo variadas as memórias que constroem sua identidade. Como são poucos os escritos sobre sua vida partimos em busca de pessoas que conviveram com a mesma.

Para confirmar ou recordar uma lembrança as testemunhas nos são necessárias. Isso porque na reconstrução de um evento, as testemunhas completam as lembranças de forma acessória com relação ao fato vivido. Como bem coloca Halbwachs, citado por Bosi (2007), aí está a riqueza de detalhes que são adicionados quando se tem a oportunidade de ouvir várias testemunhas de um mesmo acontecimento. Dessa forma, para percorrer a trajetória de vida de

Jovelina Gomes destacamos a memória de idosos como Gení Gomes², D. Zuquinha³ e de D. Maria do Socorro Fernandes⁴, cujas memórias prestaram importante contribuição na efetivação do presente trabalho.

A memória das pessoas envelhecidas é uma construção de pessoas que não são mais membros ativos da sociedade. Estes não sendo mais agentes que impulsionam a vida presente são incumbidos de uma nova função: lembrar. Mas normalmente nas sociedades a função da memória dos velhos não é valorizada, o que acarreta a desvalorização dessa etapa de vida. Segundo Halbwachs, o que rege em última instância a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra, de forma que no momento em que o homem maduro deixa de ser ativo, ou seja, deixa de ser propulsor da vida presente do grupo a que pertence, resta-lhe uma função: a de lembrar. Dessa forma, ele torna-se a memória da família, do grupo, da sociedade. Haveria assim para os velhos, em algumas sociedades, a obrigação social de lembrar, e lembrar bem (BOSI *apud* HALBWACHS, 2007, p. 63).

Sobre a lembrança de velhos, Bergson citado por Bosi (2007, p. 60), assinala que:

O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsua seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito.

De fato, confirmando o pensamento de Bosi (2007), podemos citar o exemplo de Geni Gomes, cuja vida é diariamente escrita em um caderno. Neste ela escreve o que ocorre no dia-a-dia em sua vida para ajudá-la na função de lembrar. A exemplo também de Dona Zuquinha cuja função de lembrar desempenhava com dedicação. No livro intitulado “Livro de Zuquinha – uma vida iluminada”, as memórias de Zuquinha são registradas. Na apresentação do citado livro consta que a mesma possuía vários “caderninhos” onde registrava absolutamente tudo, todos os detalhes de sua vida diária “[...] quem nasceu, quem partiu, quem vai chegar e já chegou [...]”

Bosi (2007), enfatiza que um aspecto importante no trabalho de reconstrução é o processo de “desfiguração” que o passado sofre ao ser remanejado pelas ideias e pelos ideais

² Gení Gomes. Senhora de 83 anos. Natural de Uiraúna-PB, foi amiga de Jovelina Gomes. Geni ainda reside na cidade de Uiraúna.

³ D. Zuquinha (*in memória*), Irmã mais velha de Jovelina Gomes. Faleceu em 2014, com a idade de 97 anos. A mesma morava em Salgueiro-PE. Deixou seus relatos inscritos em um livro como lembranças de suas memórias sobre a família.

⁴ Maria do Socorro Fernandes: senhora com idade de 85 anos. Foi aluna de Jovelina Gomes. Viúva de Mousinho Nonato, ex-escrivente do Fórum da Comarca de Uiraúna.

presentes do velho. Segundo Bosi (2007, p. 63), a pressão dos conceitos pre-concebidos “[...] pode modelar seu passado e, na verdade, recompor sua biografia individual ou grupal segundo padrões e valores que, na linguagem corrente de hoje, são chamados 'ideológicos’”.

Necessário se faz assinalar que a fonte oral pode ser usada como complementação de documentos escritos, mas não apenas isso, pode ser o meio para confrontar com outros tipos de documentação e fontes.

Com relação à interação entre fontes orais e escritas, Garrido citado por Senha & Matos (2011, p. 9) assinala:

É necessário, pois, trabalhar com os dois registros sem que isto signifique que sejam complementares. Há coisas que nunca poderemos saber a partir apenas do documento escrito, e também há coisas que a pesquisa oral não permite sequer que sejam colocadas.

Dessa forma, a composição da história de Jovelina Gomes consistiu na utilização de fontes escritas e orais.

1.2 O fazer biográfico

A história é um romance; mas um romance de verdade (Paul Veyne).

A História enquanto Ciência é estruturada a partir de várias metodologias que resultam em técnicas de pesquisas diferenciadas. O modo tradicional de se escrever História utilizava-se de uma abordagem narrativa geral, comportando estruturas que se alteravam em eventos de longa duração. Nas últimas décadas do século XX, a ideia de história como uma ciência que deveria proporcionar uma visão geral dos fatos, que se resumia ao estudo de grupos como camponeses, burgueses, etc., sofreu mudanças.

Com a publicação na Itália da coleção "Microstorie" organizada pelos historiadores Carlo Ginzburg e Giovanni Levi pela editora Einaudi, entre 1981 e 1988, surge o gênero historiográfico denominado Micro-história⁵, passando esta a influenciar historiadores em

⁵ A micro-história é um gênero historiográfico surgido com a publicação, na Itália, da coleção "Microstorie", sob a direção de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, pela editora Einaudi, entre 1981 e 1988. Vem sendo praticada principalmente por historiadores italianos, franceses, ingleses e estadunidenses, com ênfase no papel desempenhado pelos primeiros, na importância da revista "Quaderni Storici" e no sucesso da referida coleção "Microstorie". Numa escala de observação reduzida, a análise desenvolve-se a partir de uma exploração exaustiva das fontes, envolvendo a descrição etnográfica e tendo preocupação com uma narrativa histórica que

várias partes do mundo com as novas metodologias e sua forma inovadora de se abordar o objeto de pesquisa.

A partir da década de 1970, a biografia se associou à História de forma diferente da biografia tradicional. A biografia na verdade, segundo Chaves Júnior (2011, p. 11), em um artigo publicado na Revista Cantareira⁶, "[...] uma das primeiras formas narrativas entre os saberes históricos, demarcando as relações humanas com a temporalidade, muito embora ela nem sempre tenha tido um lugar seguro entre os historiadores".

Segundo Levi (2006, p. 167), vivemos hoje numa fase intermediária: mais do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores [...]. Em certos casos recorre-se a ela para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida.

Mas é possível escrever a história de um indivíduo? Portelli (2006, p.108), diz que muitas experiências humanas são impossíveis de serem descritas tanto pelo seu caráter intrínseco como pela própria limitação da linguagem, e acrescenta:

É exatamente porque as experiências são incontáveis, mas devem ser contadas, que os narradores são apoiados pelas estruturas mediadoras da linguagem, da narrativa, do ambiente social, da religião e da política. As narrativas resultantes, (...) não só podem, como devem ser contadas.

Segundo Levi (2006), os historiadores passaram recentemente a abordar o problema biográfico de maneira bastante diversa situando a biografia em seu contexto. Nesse tipo de utilização a biografia conserva sua especificidade, todavia a época, o meio, a ambiência também é muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias.

Segundo o autor, contextualizar a biografia nos remete a duas perspectivas: o contexto nos permite compreender o que à primeira vista nos parece inexplicável ou desconcertante tendendo a normalizar comportamentos que perdem seu caráter de destino individual na medida em que são típicos de um meio social, nos permitindo interpretar as casualidades biográficas a partir de um contexto que as tornam possíveis e compreensíveis. O contexto também nos permite preencher as lacunas provocadas pela insuficiência documental através

se diferencia da narrativa literária porque se relaciona com as fontes. Contempla temáticas ligadas ao cotidiano de comunidades específicas — geográfica ou sociologicamente —, às situações-limite e às biografias ligadas à reconstituição de microcontextos ou dedicadas a personagens extremos, geralmente figuras anônimas, que passariam despercebidas na multidão (LEVI, 1992).

⁶ A Cantareira é um periódico eletrônico dos graduandos e dos pós-graduandos em História da Universidade Federal Fluminense ISSN 1677-7796.

de comparações com outras pessoas cujas vidas apresentem analogias com a do personagem estudado.

Assim, para Levi (2006, p. 180):

Há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita das inter-relações. A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mais também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas [...].

Para Bourdieu (2006, p. 189-190), em sua "ilusão biográfica", a história de vida é uma das noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquele de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.

Dessa forma, não podemos compreender uma trajetória sem que antes tenhamos construído os estados sucessivos em que a mesma se desenvolveu, associando ao conjunto das relações objetivas que ligaram o agente estudado ao conjunto dos outros fatores envolvidos e confrontados no mesmo espaço (BORDIEU, 2006, p. 190). Todas essas discussões nos ajudaram a pensar a trajetória de Jovelina ligada as questões de seu tempo. Não se trata de falar apenas de Jovelina, mas de suas escolhas e sentimentos. Sentimentos estes que estavam emaranhadas ao seu contexto e ao grupo social com que compartilhava valores e experiências.

1.3. Recontando uma história a partir das vozes do passado

Para a maioria das pessoas na cidade de Uiraúna, mencionar o nome Jovelina Gomes remete de imediato à imagem do Colégio⁷ situado no bairro São José. Para poucos, normalmente ex-alunos, ex-professores ou atuais, o termo Jovelina Gomes ainda pode evocar à memória uma jovem professora que foi assassinada em nome de uma paixão. Não mais do

⁷ E.E.E.F. Jovelina Gomes situada no Bairro São José em Uiraúna-PB. Escola criada inicialmente com o nome de Escola Reunida Mista de Canaã, cujo nome foi alterado em homenagem a Jovelina Gomes que lecionava em citada instituição de ensino.

que isso.

Para mim não era diferente, no entanto, algo de modo especial me atraiu a reconstruir esta história: Jovelina Gomes fora vítima de um crime motivado pela paixão de um homem, todavia nunca houvera sido mencionada como responsável por alguma conduta que tenha culminado com sua morte. Desejei conhecer de uma forma mais profunda essa história. Quem de fato teria sido Jovelina Gomes? Como se portava, o que pensava, como vivia? Normalmente em nossa sociedade ainda tão machista, em crimes relacionados ao amor, a mulher de vítima não passa a ser a própria algoz? Porque com Jovelina foi diferente? Porque a história foi passada de geração em geração preservando uma imagem positiva da jovem professora?

Os registros da história da professora Jovelina Gomes são escassos. Consistem em um verso (Projeto: Cultivando o Prazer da Leitura-Jovelina Gomes I Cordel) escrito pelos alunos da Escola que leva seu nome, datado de novembro de 2007; por uma pequena publicação em uma revista local (Jovelina Gomes: uma tragédia à moda grega. Revista Uiraúna, 2005), escrita por Antônio Batista da Silva Neto; além do processo crime cuja narrativa nos trazem detalhes preciosos de como se deu o crime além da tese de defesa da honra alegada pelo acusado.

A história de Jovelina também é contada nas salas de aula da Escola que carrega seu nome, todavia o escrito sobre sua vida que fazia parte do acervo da escola não foi mais encontrado naquela instituição de ensino. Pudemos também obter informações preciosas sobre a família de Jovelina Gomes por meio de um livro escrito por D. Zuquinha, (Livro de Zuquinha – uma vida iluminada, janeiro de 2012) que relata a saga de seus pais. Todas essas fontes serviram como embasamento inicial para a reconstrução dessa história e me permitiram uma visão inicial de quem teria sido Jovelina.

Partimos a seguir para as fontes orais, constituídas por entrevistas com pessoas que conviveram com a própria Jovelina Gomes e que são testemunhas desse enredo. Após as entrevistas retornei a fontes escritas para que pudesse entender melhor nossa personagem a partir da visão da época na qual estava inserida.

Ao falar da história de Jovelina, ou melhor, ao revirar essas memórias não estamos interessados em apenas contar, narrar ou reconstruir um acontecimento que chocou toda uma cidade. Estamos interessados em problematizar como essas pessoas viviam, o que sentiam, seus desejos, sonhos, intrigas e até onde estavam dispostas a ir por esses sentimentos. A morte de Jovelina foi responsável por criar memórias, por traçar múltiplas identidades para essa mulher no período compreendido entre 1920 a 1940 no sertão paraibano. Falar de sua morte é

também problematizar os espaços de sociabilidades para as mulheres, como também para os homens, é perceber como os sentimentos amorosos não correspondidos poderiam ganhar outros contornos e como a sociedade percebia e vivenciava isso.

A história aqui contada ainda não exauriu todos os questionamentos em torno da morte de Jovelina, no entanto pudemos acrescentar preciosos dados à história até então enredada. Como bem adverte Pollak, (1989), os projetos de História Oral para os quais o pesquisador conduz uma série de entrevistas visando atingir os objetivos de sua pesquisa, talvez nunca cheguem a satisfazer essa aspiração.

Como trabalhamos com memórias é importante enfatizar que lembrar de um fato não significa reconstituir esse fato de maneira precisa, isso porque nossa memória é seletiva. Nossas reminiscências, que segundo Tomás de Aquino é o processo de quase fazer silogismo buscando a lembrança do passado, são moldadas pela nossa identidade. Sua composição é efetuada por bloqueios e exclusões, conscientes ou não. Há uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Segundo Pollak (1989), a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros e aos critérios de aceitabilidade, admissibilidade e de credibilidade.

Por isso, ao analisar as memórias escritas de D. Zuquinha, por exemplo, percebemos quais informações "mereceram" serem gravadas em contrapartida de que outras não. Nesse livro de memórias, Zuquinha começa a narrativa a partir da história dos seus avós paternos que sendo fazendeiros, tinham boas condições financeiras. Todavia seu pai, ainda adolescente, viciou-se na bebida e no jogo, perdendo neste os bens da fazenda Mandassaia. Casando-se ainda muito jovem, Joaquim Gomes dos Santos (Major), pai de Jovelina, ganhava pouco dinheiro no seu trabalho sendo as despesas familiares complementadas pela esposa, Deolina, através da costura.

Os pais de Jovelina passavam por grandes dificuldades financeiras. Em 1921, Jovelina na época com idade de 3 anos, seus pais decidiram morar em Pilões - PB para trabalhar e sustentar a família, tendo permanecido lá apenas um ano e alguns meses e retornado à Serrita. Em entrevista a Maria Catarina Moreira da Silva (Zarita)⁸, filha de D. Zuquinha, relata:

Começando por meus avós (...), que moravam a princípio por muito tempo na cidade de Serrita, antigamente conhecida por Serrinha, e que por conta das situações de seca da época, passavam por períodos que buscavam fora da cidade meios de se viver (Entrevista 03, MARIA CATARINA, 22-10-2014).

⁸ Sobrinha de Jovelina Gomes, residente em Salgueiro-PE.

Segundo relato, Zuquinha em seu livro (2012, p.10) complementa:

Meus pais continuavam com dificuldades financeiras e foi quando, em 1928, Painho decidiu ir em busca de uma vida melhor em São Paulo (...). Viajamos a cavalo para Petrolina e, de lá, (...) fomos num vapor pelo Rio São Francisco. Passamos 10 dias nesse percurso até Pirapora, depois fomos de trem até São Paulo.

Assim, a família permaneceu em São Paulo por algum tempo, porém não havendo oportunidades de estudos para ela e os irmãos, tendo em vista que moravam nas fazendas de café, os pais juntaram alguns recursos e retornaram para a cidade de Serrita. Serrita então foi o lugar que deu oportunidade para Jovelina e seus demais irmãos estudarem. Como afirma Zuquinha em suas memórias: “Vila⁹ minha irmã se destacava na escola e tinha como objetivo ser Professora e dar aula” (ZUQUINHA, 2012, p. 26). Sem dificuldades de aprendizagem, conseguiram concluir o estudo correspondente ao primário que era o que as escolas locais ofereciam na época. É interessante perceber aqui que a identidade de Jovelina em torno de uma quase missão em ser professora começa a ser construída. Desde criança ela teria o sonho, e a coragem de lutar pelo que desejava.

Em 1932, quando Jovelina tinha 14 anos, através de uma forte propaganda da construção do grande açude de São Gonçalo, região de Sousa -Paraíba, o pai de Jovelina ao saber que lá estava um amigo trabalhando o procurou para pedir oportunidades de emprego. Conseguiu e posteriormente organizou toda sua mudança para Paraíba. Na época o transporte que circulava era cavalo. Fizeram a mudança a cavalo, paravam para dormir nas casas que havia no caminho e também nas árvores quando não conseguiam outro abrigo. Moraram em São Gonçalo por 10 anos.

Chegando a São Gonçalo, com todo movimento de homens trabalhando na construção do grande açude, seus pais tiveram a ideia de servir comida, prato feito em sua casa mesmo. Todos os filhos ajudavam.

Segundo relatos de Zuquinha “Desde que chegamos a São Gonçalo¹⁰, Vila esperava ter uma chance de continuar seus estudos e realizar seu sonho de ser professora (ZUQUINHA, 2012, p.12). Percebemos novamente a necessidade de enfatizar, ao relatar suas memórias, a associação de Jovelina ao sonho de exercer o magistério.

⁹ Como Jovelina era chamada no seio da família

¹⁰ Situado às margens da rodovia federal BR-230, na bacia hidrográfica do Rio Piranhas, o distrito de São Gonçalo está localizado a 15,6 km da zona urbana de Sousa e a 449 km de João Pessoa, capital da Paraíba.

Dessa forma, através da perseguição de um sonho e por intermédio de uma vizinha, Jovelina conseguiu uma vaga na Escola das Freiras de Cajazeiras, Escola Normal¹¹ das Irmãs Dorotéias, atual Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Referida vizinha estava concluindo seu curso e conseguiu que sua vaga ficasse para Jovelina, e assim ela daria continuidade a seus estudos gratuitamente em um bom colégio e conseguiria terminar o curso Normal (Magistério).

Confirmando o que está registrado no livro de memórias de D. Zuquinha, Zarita, sobrinha de Jovelina, em entrevista diz que “enquanto minha mãe trabalhava ajudando os pais (...), Jovelina teve a oportunidade de sair para estudar, então foi uma rotina diferente da minha mãe (Entrevista 03, MARIA CATARINA, 22-10-2014).

Percebemos que Jovelina teve uma vida diferente de seus demais irmãos pois queria ser professora, então teria que se dedicar a essa missão, enquanto que as demais filhas ajudavam os pais nos afazeres domésticos.

Essa fala é confirmada em outras narrativas, seja através do cordel, das memórias compartilhadas ou até mesmo daqueles que conviveram com Jovelina. Sua identidade gira em torno da sua determinação, das suas escolhas e do seu maior sonho. Esse sonho a encaminha para uma cidade na qual não conhecia ninguém, exerce uma profissão e vive dela, mora sozinha e "cria" uma menina como se fosse sua filha. Além disso, se envolve em alguns relacionamentos amorosos conturbados. Jovelina de fato não era uma mulher comum, mas isso faria dela uma mulher à frente de seu tempo? Uma mulher que queria uma experiência diferenciada das outras mulheres? Geralmente Jovelina é lembrada como a professora barbaramente assassinada, mas quem era a mulher Jovelina? É o que iremos analisar nos capítulos que seguem.

¹¹ A primeira Escola Normal brasileira foi criada em Niterói, Rio de Janeiro, no ano de 1835. O Curso Normal criado em 1835 tinha o objetivo de formar professores para atuarem no magistério de ensino primário e era oferecido em cursos públicos de nível secundário (hoje Ensino Médio). A partir da criação da escola no Município da Corte, várias Províncias criaram Escolas Normais a fim de formar o quadro docente para suas escolas de ensino primário. Desde então o movimento de criação de Escolas Normais no Brasil esteve marcado por diversos movimentos de afirmação e de reformulações, mas não obstante a isso, o Ensino Normal atravessou a República e chegou aos anos 1940/50, como instituição pública fundamental no papel de formadora dos quadros docentes para o ensino primário em todo o país (SILVA, 2011).

CAPÍTULO II

2. MULHER E TRABALHO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

2.1 Relações de gênero no Brasil no início do século XX

Para que possamos entender a vida de Jovelina Gomes, necessário se faz compreender o contexto social e temporal em que se insere sua história. Embora a vivência de Jovelina tenha sido numa vila de pequeno porte no interior do Sertão da Paraíba, é importante entender os discursos que circulavam a respeito dos lugares instituídos para as mulheres e como esses discursos eram alimentados e pensados.

No Brasil, após a Primeira Guerra Mundial, as mulheres aparecem como figura frequente na imprensa por toda parte. Os anunciantes usavam a imagem da mulher para venderem seus produtos e utilizavam suas aspirações e anseios para aumentarem seus lucros. Esse surgimento refletia mudanças nos papéis femininos, bem como era o reflexo de expectativas que nasciam e que se aceleravam com a expansão da economia no pós-guerra.

Entrando no âmbito público como consumidoras e à medida que frequentavam escolas e exerciam profissões antes vedadas para elas, o *modus vivendi* bem como as ideias e o pensamento da mulher, sofriam mudanças. Começavam a expressar seu descontentamento com a condição que assumiam perante a sociedade patriarcal daquele momento, questionavam os conceitos relativos à "natureza feminina", insurgiam-se contra abusos de poder masculino dentro e fora da família, assim como adotavam moda e hábitos "modernos" considerados escandalosos. Se por um lado a imprensa utilizava a imagem da mulher para divulgar produtos ampliando assim as vendas, por outro lado a mulher usava esse veículo para emitir suas opiniões e reivindicações, ou seja, aproveitavam essas oportunidades para ampliar sua participação social.

Rosemere Olímpio de Santana (2013), em sua tese: *Tradições e Modernidades: Raptos Consentidos na Paraíba (1920-1940)*, assinala que à medida que a mulher intensificava suas reivindicações por uma maior participação política, a sociedade temia mais essas transformações, pois suas propostas eram vistas como ameaçadoras, uma vez que o questionamento da família e do casamento representavam o próprio questionamento da moralidade social.

Silva (2001) *apud* Quelhas (2010, p. 4) em seu estudo *Mulheres Executivas no Mercado de Trabalho*, afirma que foram várias as modificações sofridas na estrutura familiar

tomando por base a família do século XIX até chegar à família contemporânea. A família era estruturada num regime patriarcal onde mulher e filhos deviam inteira submissão ao pai. (...). O pai, senhor supremo, encarregava-se de manter a família dentro dos padrões sociais. A ele competia julgar o certo e o errado, o futuro e o destino de seus filhos, sempre levando em conta as necessidades da família e nunca do indivíduo. Às filhas era reservado o mesmo destino das mães quando não lhes restava o celibato ou a vida religiosa.

No entanto, no que concerne ao conceito de patriarcalismo, este é alvo de discussão em torno de sua existência, cuja análise não se dá de maneira uniforme nas várias camadas sociais. Segundo Santana (2008, p. 33), existem

[...] discussões que não concebem o patriarcalismo como um poder único e polarizador de todas as relações, (...). Nessa perspectiva, o patriarcalismo representa algumas questões de uma sociedade pautada em conceitos morais rígidos, comandados pela figura masculina do pai. Esses conceitos não representavam toda a sociedade, mas também não estavam distantes das classes mais pobres.

A esse respeito Durval Muniz de Albuquerque Junior (2003, p.143) em sua obra: Uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino enfatiza que mesmo o termo não descrevendo a totalidade das relações, não o invalida, pois não parece que o mesmo seja mais “frouxo” do que termos como ‘feudalismo’ ou ‘burguês’, tendo em vista que estes também são abstrações, generalizações que estão longe de descreverem toda a trama social num dado período histórico.

O fato é que ao mesmo tempo em que existiam os grandes núcleos de famílias patriarcais, normalmente famílias chefiadas pelos senhores que detinham autoridade quase absoluta sobre suas famílias, com estas coexistiam famílias menores, bem como famílias chefiadas por mulheres (BESSE, 1999).

A repressão à personalidade própria do indivíduo característica do patriarcalismo, trouxe à tona paulatinamente o desejo de liberdade, o desejo de amar e ser amado, o desejo de realização pessoal ou profissional, desejos esses que sempre existiram, se não abertamente ao menos no íntimo do indivíduo.

Toda essa revolta enrustida, todo esse anseio de liberdade trouxe drásticas e profundas modificações. As mulheres passaram a bradar por todo o tipo de liberdade. Passaram a lutar pela liberdade moral, intelectual, social e até mesmo física. Ser o que quiser, quando quiser, da forma que quiser. A mulher, passou a exigir espaço e direitos de igualdade tanto no que tange aos

direitos quanto ao que se refere às obrigações. Passou a escolher como viveria (SILVA *apud* QUELHAS, 2010, p.4).

Velho (2011, p. 10), em seu estudo *Equidade de Gênero no Mundo do Trabalho*, afirma que a divisão sexual do trabalho passa a operar de forma sistemática e já no século XIX eram explícitos os padrões e condutas desejáveis para cada sexo. O homem, por exemplo, é visto como o trabalhador uma vez que sua atividade é desenvolvida no âmbito público da empresa, fábrica, ou outra organização produtiva que extrapole os limites do lar. Já a mulher passa a ser a cuidadora da casa e dos filhos e mesmo que trabalhasse, como passou a ocorrer principalmente após a Revolução Industrial, deveria ser de forma submissa.

A comunidade intelectual urbana do Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, lutava pela "regeneração" da família e elevação desta à instituição social primordial e essencial para a promoção da modernização econômica e preservação da ordem social. Para os modernistas urbanos, o progresso se realizava por meio da aplicação das teorias científicas europeias modernas à realidade brasileira. Para estes, casamento, sexualidade, maternidade e educação feminina assumiam grande importância. Os intelectuais urbanos mais tradicionais, no entanto, acreditavam na revitalização do catolicismo como agente capaz de deter a maré crescente dos movimentos democráticos e da "imoral" moda moderna. Estes lograram êxito na mobilização de católicos que aderiram a movimentos leigos e se em alguns pontos divergiam dos intelectuais modernos, suas ideias convergiam no ponto de que a regeneração nacional dependia da saúde moral e física das famílias (BESSE, 1999. p.3).

Os intelectuais paraibanos também não estavam alheios a toda essa problemática referente às relações de gênero. "Tanto na *Era Nova*¹² como em periódicos de pequena circulação, ou mesmo em jornais, a crítica ao casamento era feita por homens de diversos setores da intelectualidade paraibana". (CIPRIANO, 2002. p.90)

Enquanto o Novo Estado de Getúlio Vargas preocupava-se, dentre outros tópicos, com a reduzida taxa de nupcionidade, os homens tanto de convicções conservadoras quanto reformistas, tinham como motivo de alarme a "emancipação das mulheres" no interior da elite urbana e das classes médias ascendentes. Estes, que se proclamavam guardiães da moralidade pública, temiam a falência do amor, da autoridade e da responsabilidade. De fato, as liberdades urbanas em crescente expansão para as mulheres da classe média, intimidavam o poder do homem na esfera familiar como cabeça desta, papel este considerado fundamental

¹² Revista que circulou na Paraíba entre 1921 e 1926 e registrou transformações urbanas, mudanças de comportamento e novos discursos do feminino.

para a manutenção da ordem social. Dessa forma, a partir da elaboração pelas mulheres da classe média, de um novo discurso referente aos direitos individuais para as mulheres, se impunham como agentes de seus próprios destinos; em consequência, questões referentes à moralidade sexual e as relações de gêneros se tornaram temas políticos patentes.

Segundo Besse (1999, p. 5), com a ascensão de Vargas ao poder em 1930, o Estado brasileiro desempenhou um papel cada vez mais ativo na tentativa de redefinir as relações de gêneros: prescrevendo currículos educacionais, oportunidades de empregos, papéis públicos, responsabilidades familiares, comportamentos sexuais e traços de caráter adequados a homens e a mulheres. Dessa forma, a definição do papel social do homem e da mulher tornou-se parte importante dos conflitos políticos mais abrangentes da época. Santana (2013), enfatiza que o Estado também se preocupava com valores e comportamentos modernos e atuava como tutor da família quando desautorizava a igreja para a tarefa de resolução dos problemas de honra e de condutas morais.

O Estado, mediante a concordância das classes profissionais e das autoridades políticas da época, tinha como meta complementar de seu projeto corporativo, dentre outras, a submissão das mulheres, bem como o controle não só da produção, mas também da reprodução. Isso porque o aumento da produção de bens econômicos dependia da eficiência das mulheres em socializar de forma saudável a classe trabalhadora, ensinando a esta a disciplina e a competência. O Estado Novo tinha como intuito despolarizar as questões referentes aos gêneros, transformando estas em questões médicas, jurídicas e de moral, negando às mulheres o controle de seus próprios problemas.

O trabalho assalariado da mulher na nova conjuntura urbano-industrial revestia-se de ênfase por proporcionar maior proteção contra os altos índices inflacionários em detrimento do trabalho doméstico por elas efetuado. Além disso, novos padrões de emprego feminino eram necessários para alavancar o crescimento econômico bem como a modernização do país. Mulheres com instrução secundária eram freneticamente procuradas para ocupar lugares em escritórios, bancos, administração pública, serviço social.

A alteração nas relações de gênero no Brasil atingiu a mulher de forma diferente, de acordo com a classe social a que pertencia. As mulheres de classe alta e médias tiveram a oportunidade de ingressar na educação superior e de conseguir empregos remunerados, assumindo, mesmo em pequena quantidade, as profissões de médicas, advogadas, escritoras. Um número maior, normalmente mulheres de classe média, assumia empregos em escritórios. A remuneração do trabalho feminino, dada os altos índices inflacionários, começou a ser mais aceito pelas famílias urbanas de classe média, todavia o trabalho não poderia macular suas

reputações, comprometer sua feminilidade, bem como desestabilizar o lar chefiado pelo homem.

Por outro lado, o emprego das mulheres das classes baixas, normalmente operárias de fábricas, começava a ser visto como lamentável, apesar de necessário. Estas mulheres enfrentavam a aversão crescente à sua participação no trabalho, permanecendo em cargos menos remunerados.

A inserção da mulher da classe média no âmbito social de trabalho afetava o modelo de família burguesa, e no caso da mulher de classe baixa, esta inserção tornava-se problemática, sobretudo quando a afastava fisicamente do âmbito familiar. Isso acarretava preocupações por parte do Estado com a socialização apropriada das crianças, futuros trabalhadores, cujas mães passavam o dia nas fábricas.

Assim, com o intuito de atenuar as contradições existentes entre o emprego assalariado da mulher e a divisão sexual do trabalho dentro da família, o emprego assalariado feminino foi definido estritamente, restringindo seu ingresso em trabalhos “inadequados” ou perigosos. Dessa forma, o emprego feminino deveria possibilitar à mulher o exercício de seu papel familiar, bem como deveria ser vinculado à feminilidade, à delicadeza e à virtude sendo apenas “complementar” ao emprego masculino.

Margareth Rago (2004), em seu estudo Trabalho feminino e sexualidade, afirma que a divisão sexual do trabalho no Brasil, no início do século passado, era bem delimitada: as mulheres ocupavam as tarefas menos especializadas e mal remuneradas e os cargos de direção e de concepção cabiam aos homens saudáveis. Trabalhadoras denunciavam as péssimas condições de trabalho e higiene, o controle disciplinar e o assédio sexual à classe operária.

A ocorrência do trabalho feminino justificava-se pela necessidade econômica e pela utilidade social. As mulheres eram compelidas a optarem pelo trabalho assalariado, sendo condenável a ociosidade. Esta por sua vez era considerada a origem da degeneração, da miséria e do vício. Besse (1999, p. 143) assegura:

Não está longe o dia em que a própria [mulher] comece a envergonhar-se de não ter uma ocupação útil na vida, único meio de ser respeitada e respeitar-se a si própria. Não está longe o dia – cujos prenúncios se estão fazendo sentir – em que [a mulher] terá pudor de ser um parasite na vida, um zangão na colméia social. [...]

Não há nada mais digno do que o trabalho. As gerações futuras olharão com desprezo as mulheres que parasitam em torno da família.

Dessa forma, o emprego assalariado passou a fazer parte dos deveres da mulher do

novo período dito moderno, sendo que na década de 20 as mulheres que trabalhavam, sobretudo as que desempenhavam profissões que requeriam formação educacional, gozavam de certo prestígio. Existia determinada pressão para que estas demonstrassem seus valores através da dedicação a alguma tarefa econômica ou socialmente produtiva.

O emprego feminino era aceito se manifestasse características que fossem consideradas femininas, mas não que desenvolvessem características masculinas ou que as fizessem competir com os homens. Estudo de 1942, aprovado pelo Ministério do Trabalho, elencava as funções compatíveis com as características femininas, dentre elas: enfermeira, dentista, professora, secretária, vendedora, médica; todas elas, segundo o estudo, exigiam traços femininos como paciência, delicadeza, retidão e moral (BESSE, 1999, p.145).

O progresso obtido pelas relações de gênero, como bem coloca Besse (1999), deu-se de forma dúbia. Se por um lado as mulheres conquistaram muitos dos direitos da cidadania, inclusive o voto, por outro, dadas as tradições políticas, poucas podiam por em prática essas conquistas pois eram advertidas que no exercício de seus direitos, não comprometessem a execução de seus deveres familiares, considerados essenciais. É importante ressaltar que o Código Civil de 1916¹³, investia o marido do poder de decidir se a mulher exerceria ou não uma carreira profissional.

Considerando que os trabalhos tidos como "femininos" eram, via de regra, mal pagos, sua inserção no mercado de trabalho consistia mais em um mecanismo para suplementar a renda familiar e nutrir o desenvolvimento do país, do que uma forma de alcançar a realização pessoal. Assim, a nova definição dos gêneros, mesmo conseqüente de pressões feministas que promoveram o ingresso da mulher ao mercado de trabalho anteriormente ocupado pelos homens, provocou a consolidação da dominação masculina e da subordinação feminina, pois acabou deixando inabalável o papel da mulher no seio da família.

2.2 Relações de gênero na Paraíba no início do século XX

A década de 20 do século passado foi o período em que a modernidade passou a ser discutida e desejada na Paraíba. Preocupações relativas não só ao desenvolvimento do espaço físico mas sobretudo relacionadas aos costumes e comportamentos da sociedade, passaram a ser discutidas. Esse é um período de grande avanço tecnológico, a exemplo da chegada de

¹³ O Código Civil de 1916, nascido sob a influência da Revolução Francesa, adotava os valores do "Estado Liberal". O marido era o chefe da sociedade conjugal, função que exercia com a colaboração da mulher. No exercício dessa atividade, cabia ao marido prover a manutenção da família. A obrigação de sustentar a mulher, cessava para o marido, quando ela abandonava a habitação conjugal, e a este recusava voltar (CRUZ, 2008).

importantes meios de comunicação e transporte, como o telégrafo, o telefone, e o transporte ferroviário; bem como de adoção de medidas de melhoramento do espaço físico urbano, através da implementação da água encanada, do sistema de esgotos e da iluminação elétrica. Todavia, o termo modernidade estava não só atrelado ao progresso científico, mas também ligado a valores morais e comportamentais para o indivíduo daquela época. Waldeci Ferreira Chagas (2004), em sua tese: *As singularidades da modernidade na Cidade da Parahyba nas décadas de 1910 a 1930* assinala que na Paraíba, ser moderno assumia vários significados, tais como estar "bem vestido", "expressar-se bem em público", assim como consumir produtos exportados da Europa.

A historiadora Alomia Abrantes da Silva (2000), em sua dissertação: *As escritas femininas e os femininos inscritos: imagens de mulheres na imprensa parahybana dos anos 20*, enfatiza o que ocorria no território paraibano, à semelhança de outras partes do país:

Na Parahyba dos anos vinte, mais que no cinema, a “astúcia” feminina ganha contornos mais nítidos nas páginas da imprensa. [...] Textos escritos por mulheres, fatos femininos, publicidade que a elas se dirigem como consumidoras certas e atentas, assuntos que, estando na ordem do dia, não passam imunes às considerações sobre o feminismo.

Percebemos que, pouco a pouco, o tom de algo que faz parte da intimidade, que muitas vezes envolve o texto ou o silêncio em volta das mulheres, vai se desgastando. O feminino eclode e traz à tona para a imprensa as conversas de bastidores sobre intimidade e, mais ainda, sobre o amor e a sensualidade. [...]

As discussões sobre a educação e profissionalização das mulheres são as questões que mais frequentemente aparecem na imprensa parahybana dos anos vinte (SILVA, 2000, p. 29-31).

Assim, os conceitos assimilados no que concerne ao moderno na Paraíba tornaram-se temas de discussões em revistas e jornais, a exemplo da Revista Flor de Liz editada por mulheres católicas na cidade de Cajazeiras entre os anos de 1926 a 1937 e que, apesar de ser uma revista católica conservadora, trazia debates sobre temas diversos ligados ao desenvolvimento da cidade e aos comportamentos que homens, e sobretudo mulheres, deveriam ter na sociedade.

Raquel Alexandre de Santana (2013), em sua dissertação: *A dama do sertão: Analisando as relações de gênero a partir da revista Flor de Liz em Cajazeiras nas décadas de 1920-1930*, ressalta que a leitura de jornais e revistas fizeram parte dos símbolos modernos que permearam o imaginário social e tornaram-se hábito da população moderna. Salienta que a própria imprensa, considerada um símbolo da modernidade e progresso, abalava a vida

cotidiana nas cidades em que chegava. Através do referido estudo percebemos que as revistas femininas se tornaram comuns na Paraíba dos anos 1920 e as escritoras tinham como um de seus objetivos anunciar a mudança de hábitos das mulheres de classe alta, discutindo-se moda, comportamentos, bem como assuntos referentes a casamento e namoro.

Muito há para se falar no que diz respeito à mulher e à conquista de espaços nesse período, suas relações pessoais, familiares e profissionais, tanto no Brasil quanto na Paraíba. A partir da análise das conquistas da mulher, bem como das dificuldades por elas enfrentadas para sair do interior de suas casas e adentrar o mundo do trabalho é que podemos compreender a trajetória de Jovelina Gomes e o contexto no qual estava inserida. Jovelina não era uma mulher alheia às modernidades culturais e comportamentais que emergiam, mas uma mulher que soube inserir-se no mundo profissional para realizar um sonho pessoal voltado ao trabalho, ao mesmo tempo conseguiu manter-se atrelada aos comportamentos tidos como adequados à mulher da época sendo aceita e não questionada nem discriminada por seu papel social, pelo menos pela maioria das pessoas que com ela conviveu.

Mas o que era considerado comportamento normal e adequado a uma jovem no período de que se estende da década de 20 a 40 do século passado? A esse respeito Santana (2013, p. 37), assinala que

Nos primeiros anos republicanos houve uma transformação nos locais pensados para as mulheres e tais mudanças contribuíram para mudar a dinâmica de uma sociedade que apesar de conservadora colaborou para que a mulher conseguisse obter maior espaço fora de casa. Entretanto, tal espaço fora do lugar doméstico não estava restrito às ruas, mas a ambientes que defendessem a "Pátria", como as escolas e casas de assistência social (...), a fim de combater o analfabetismo através de sua inserção no meio educacional, a exemplo das atividades que as mulheres exerciam como professora de escola e internatos católicos.

Para Santana (2013), os tempos modernos pareciam imprimir uma reviravolta tanto nos hábitos femininos quanto nos masculinos, sobretudo no que diz respeito à moda, esta por sua vez tornava explícito os conflitos entre o moderno e o tradicional.

Com relação à moda masculina, surge o tipo conhecido como "almofadinha"¹⁴. A origem do termo não se sabe de fato. Para alguns pode estar relacionado ao uso de almofada para proteger as nádegas nas duras cadeiras de madeira dos bondes, o que era aceito para mulheres, mas não tão aceito para os homens. Mas o que caracterizava os almofadinhas?

¹⁴ Rapazes muito preocupados com a aparência, extremamente bem vestidos e adamados.

Besse (1999), afirma que "a rigidez das linhas das roupas dos homens se amenizou, e roupas esportivas e paletós de cores claras tornaram-se mais populares. Os homens passaram a barbear-se e deixaram de usar bengalas".

José Lins do Rego, em um artigo publicado na revista *Era Nova* (1921), expressa a sua opinião sobre a moda. Para o autor, a moda era um disfarce, "uma falsidade que mascarava os comportamentos masculino e feminino". Para Horácio de Almeida, intelectual e memorialista paraibano bastante reconhecido pela sociedade da época, em um artigo para a revista *Era Nova* diz que esse disfarce contribuiria para o "aniquilamento moral de nossa raça, para a efeminização do caráter masculino" e para "o hermaphoditismo social".

Todavia, para alguns o mais importante não era a aparência desses homens, mas o comportamento dos mesmos. Hugo Augusto Vasconcelos Medeiros (2010), em seu artigo *Melindrosas e almofadinhas: relações de gênero no Recife dos anos 1920*, faz uma análise das configurações das relações de gênero no Recife dos anos 1920, a partir de dois personagens estereótipos que figuravam nos discursos dos periódicos da época: a melindrosa¹⁵ e o almofadinha. Nele Medeiros coloca que o que incomodava o homem sertanejo com relação ao "almofadinha" era que na hora da confusão esse tipo se comportava como covardes, choramingando, sem nem se fazerem "alinhados", como conviria aos homens. Para o homem sertanejo, o modelo tradicional de masculinidade consistia em um homem solitário e reservado no que tange às suas experiências pessoais e neste modelo de comportamento não havia espaço para o choro, a maquiagem e a vaidade dos almofadinhas.

Para Santana (2013), em relação às mulheres, os riscos da moda eram ainda mais perigosos, uma vez que estas eram tidas como representantes máximas da vaidade. Para Medeiros (2010), "as melindrosas chamavam a atenção também pelo encontro que produziam entre características do masculino e do feminino em um mesmo ser, ofendendo convenções tal qual seus antípodas, os almofadinhas". O fato é que tanto almofadinhas, quanto as mulheres modernas, segundo Medeiros (2010), eram apresentados como seres que desafiavam as categorizações comuns à época, desviando-se para o outro lado, ousando correr o risco de sofrer represálias e censuras por usarem certos elementos característicos do outro gênero. Segundo Besse (1999), isso provocava nos demais habitantes da cidade uma espécie de "mal-estar generalizado a respeito da aparente 'masculinização' das mulheres e 'feminilização' dos homens".

¹⁵ Melindrosa é um termo típico dos anos 1920 aplicado a essa geração entre guerras. As moças vestiam saias curtas, aboliram o espartilho, cortavam o cabelo a moda Chanel, escutavam jazz, tango ou samba e desacatavam a tradicional conduta feminina (WIKIPÉDIA. Melindrosa, 2015).

Outro aspecto a ser considerado eram os lugares que a mulher podia frequentar. O considerado normal até então é que o homem saísse ao espaço público enquanto a mulher estaria se dedicando às tarefas domésticas. Nesse período há uma quebra no que seria considerado normal e a mulher ganha o espaço público indo sozinha às ruas, fazendo compras sem nenhum acompanhante. Fabiana Francisca Macena (2010), em sua dissertação: *Madames, mademoiselles, melindrosas: “feminino” e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)*, analisa a construção da modernidade e do feminino na cidade do Rio de Janeiro no contexto da Belle Époque (1907-1914) nas páginas da revista Fon-Fon¹⁶, publicação do início do século XX, assinala que a novidade não era a presença das mulheres no espaço público, o que já ocorria desde o século XIX. A novidade não estava no fato de as mulheres transitarem por estes espaços, mas a maneira como as mesmas se comportavam e como estes novos comportamentos serão significados. Para a autora, rompia-se o paradigma de honra feminina atrelada à reclusão e honra familiar que até então referenciavam o modelo de conduta feminina. Muitos lamentavam a *"mudança dos comportamentos em decorrência dos novos padrões da 'vida moderna', referia-se, particularmente à conduta feminina, a sua livre circulação pelo espaço público, o ingresso das mulheres das camadas média e popular no mundo do trabalho"*.

2.3 Educação feminina e a Imagem da Professora Primária

Considerando que a principal identidade formada em torno da pessoa de Jovelina Gomes consiste na imagem de professora e sobretudo de primeira professora "formada" do povoado da Vila Canaã, torna-se fundamental nos debruçarmos sobre o processo de desenvolvimento da educação oferecida às mulheres, bem como sobre em que consistia a figura de professor de nível primário.

Durante o período da Primeira República a educação era tida como a base da prosperidade, da moralidade, da saúde, bem como da ordem social e do poder internacional. A educação das mulheres passou a ser o requisito básico do progresso, tendo estas se tornado as grandes responsáveis por desenvolver a mais importante missão de sua existência: formar o homem. Dessa forma, a educação feminina, que no século anterior era tida como luxo desfrutado pela pequena elite, tornou-se uma necessidade tanto para homens quanto para mulheres, no seio de uma sociedade em processo de rápida urbanização e industrialização. Por

¹⁶ Fon-Fon foi uma revista brasileira fundada no Rio de Janeiro em 1907. Seu nome era uma onomatopeia do barulho produzido pela buzina dos automóveis.

consequente, a “educação feminina é pensada como uma necessidade para se estabelecer a justiça social [...] visando atingir um estágio superior de organização social” (SAFFIOTI, 1976, p. 206).

Com o objetivo de tornar a produção mais racional, a indústria necessitava de mão de obra qualificada e que fosse ao mesmo tempo moral e mentalmente disciplinada através de uma educação científica moderna. Dessa forma, a sociedade da época em todos os setores consentia em que a educação das mulheres era indispensável para impulsionar o progresso do Brasil. Para a sociedade intelectual brasileira, a educação feminina era sobretudo importante para que as mulheres fossem capazes de atender as exigências da administração eficiente do lar, bem como para que fossem capazes de formar o caráter dos futuros trabalhadores.

Com as novas condições sociais e econômicas e com as mudanças destas advindas, a sociedade percebeu que a mulher não poderia permanecer excluída da educação e a figura feminina passou a ser vista pela sociedade como necessitada de receber instrução formal. Mas, os orientadores dos currículos educacionais foram os valores tradicionais. As escolas que educavam as moças para o trabalho também as instruíam para aceitar os papéis domésticos como naturais, fazendo com que as mesmas continuassem a ser base da ordem social e as protetoras das relações sociais e de gênero tradicionais.

A Igreja Católica detinha a direção de boa parte do ensino destinado às mulheres por meio dos seus colégios religiosos que foram responsáveis pela educação das filhas da elite. Esses colégios, sendo pagos, não permitiam o acesso à educação às camadas desfavorecidas da sociedade. Santana (2013), diz que as escolas normais confessionais católicas foram instituições presentes na educação feminina brasileira no início do século XX, pois contribuíram de maneira essencial na formação de professoras para as escolas públicas primárias.

A educação feminina nas escolas ou internatos religiosos tinha como objetivo preservar a moral e a instrução da mulher para o lar. Segundo Michelle Pereira da Silva e Geraldo Inácio Filho (2004), em seu artigo *Mulher e educação Católica no Brasil (1989-1930): Do Lar para escola ou a escola do lar? essas instituições*

[...] especificavam em seus colégios uma conduta ética, religiosa e formação para o lar, que salientavam em seu ensino ministrado às alunas, as virtudes da função natural da mulher: ser mãe-professora (FILHO, SILVA, 2004, p.10)

As escolas normais se consolidaram como meio de preparar profissionais com vocação

para instruir alunos no processo da alfabetização, além de terem se tornado um ambiente eminentemente feminino através dos quais ocorria a profissionalização do magistério primário. Essas escolas, geridas pelo Estado ou por instituições religiosas, desempenharam importante papel na formação profissional e na elevação da cultura da mulher brasileira.

Segundo Silva & Filho (2004), as primeiras escolas normais foram criadas entre o período de 1835 a 1880. Na Primeira República, essas escolas foram importantes meios para a profissionalização de mão de obra feminina. Segundo Besse (1999) depois de 1879, quando a co-educação¹⁷ foi tornada legalmente obrigatória nas escolas públicas primárias, as escolas normais mistas foram instituídas de maneira ampla e definitiva para formar professores primários e secundários.

Embora no início do século XIX tenha sido aprovada uma lei federal¹⁸ que determinava a criação de escolas primárias para educar meninas, o número de professoras primárias femininas eram insuficientes para atender ao número de escolas e não se julgava apropriado professores do sexo masculino ministrando aula a meninas. Segundo Mariza de Oliveira Pinheiro(2008), em sua dissertação: *Anayde Beiriz e a escrita de si (Educação, história e relações de gênero)*, o fato é que

[...] no Brasil, antes da República a educação feminina, primária e secundária, era dada em sua maioria em colégios de ordem religiosa por professoras estrangeiras, sobretudo francesas e belgas (PINHEIRO, 2008, p.100)

A inserção da mulher nas escolas normais está relacionada à necessidade de professores para atender à demanda do curso primário, tendo em vista que o país pretendia modernizar-se mas apresentava um alarmante índice de analfabetismo. Assim,

(...) a profissionalização da mulher aparentemente ‘autorizada’ por lei, com a instauração das escolas normais, significava mais uma solução do problema da mão de obra escassa nas escolas primárias femininas dentro do princípio moral-cristão, com a não aceitação de mestres masculinos para o exercício do magistério primário (PINHEIRO, 2008, p.100-101).

¹⁷ A coeducação, também conhecida como *educação mista* ou *ensino misto*, é a designação dada aos modelos educativos em que, pelo menos do ponto de vista organizativo, não é tido em conta o sexo (género) do educando ou educanda na determinação do percurso escolar e académico (WIKIPÉDIA. Coeducação, 2015).

¹⁸ Lei da Educação de 1927, promulgada a 15 de outubro de 1827, ela ordenava a criação de "escolas de Primeiras Letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império", assim como a de "escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas" (NICOLIELO, 2009).

Infere-se então que as escolas primárias foram criadas com o intuito de remediar problemas educacionais e em consequência, criou-se a necessidade da formação de professores nas escolas normais para lecionar nas escolas primárias públicas, fazendo com que surgisse a possibilidade da mulher lecionar no ensino primário. Desta maneira, as professoras formadas nestas instituições confessionais iriam exercer sua função docente nas escolas primárias públicas.

Segundo Silva & Filho (2004), a feminização do magistério primário aconteceu pelo fato da docência ser considerada uma continuidade do lar e que, diante do imaginário da mulher na sociedade brasileira, a sua profissionalização não iria acontecer de forma repentina mas deveria estar ligada ao estereótipo criado pela própria sociedade que tinha a imagem da mulher como boa mãe, abnegada, delicada, pura. Velho (2011), citando Siqueira, explica a construção dos papéis sociais:

É uma construção arbitrária do biológico, de seus usos e funções, que dá um fundamento ‘natural’ à divisão do trabalho sexual e à divisão sexual do trabalho. É assim/que o sistema de oposições fundamentais, acentuado com a Revolução Industrial, continua a circunscrever o masculino e o feminino, organizados em torno das dicotomias interior/exterior, a casa/a rua, a educação de crianças/o trabalho produtivo, entre outras. Setores protegidos criaram-se no interior do mundo do trabalho e, com eles, os chamados ‘guetos profissionais’. Neste sentido, por exemplo, as atividades profissionais que engendram tarefas relacionadas ao ‘cuidar de’ (SIQUEIRA *apud* VELHO, 2011, p.10).

Sendo assim, o magistério na escola primária era comparado à maternidade e tinha a mulher como pessoa mais apropriada para desempenhá-lo por ser dócil, amável, delicada, uma continuação do lar, pois a esta competia a educação doméstica dos filhos. Dessa forma, através do magistério primário a mulher foi introduzida na profissionalização, sendo o trabalho com crianças considerado uma extensão do trabalho no lar.

O objetivo das escolas normais era ensinar a Professora Primária a ministrar aulas, ou seja, reproduzir e exercitar modelos desenvolvendo uma identidade feminina fundamentada na concepção de mãe-educadora, tendo representado também como o meio aceito socialmente de inclusão da mulher no mercado de trabalho. Essa inserção levou à emancipação das mulheres de maneira que, de mães-educadoras, elas se transformaram em educadoras profissionais, contribuindo para a transmissão do saber considerado legítimo na sociedade.

De acordo com Ilma Maria de Oliveira Silva (2011), em seu artigo: A Professora Primária e as Representações Construídas Socialmente na Memória das Alunas do Curso de

Pedagogia da UEMA, outro aspecto importante a considerar é a memória socialmente construída das normalistas que ainda são lembradas pela seriedade, tanto em termos morais quanto pelo respeito e compromisso com o que faziam.

2.4 Jovelina Gomes: uma mulher à frente do seu tempo?

No período que compreende as primeiras décadas do século XX, controvérsias em torno de prática ditas modernas eram pontos de destaque nos jornais e revistas. Temas como trabalho, família, casamento, educação eram pautas nas discussões nos diversos setores da sociedade.

Nesse contexto de mudanças, de ressignificações das posições masculina e sobretudo feminina, é que viveu Jovelina. Jovelina Gomes nasce em 1918. Sua infância e adolescência é contemporânea e permeada pelas polêmicas iniciais no que concerne ao papel da mulher na sociedade brasileira. Mas o quanto as novas práticas femininas influenciaram a vida de Jovelina?

Saber quem exatamente era Jovelina, o que a motivava e sobretudo o que pensava, torna-se impossível para nós. Isso porque o que dela temos e pudemos apreender não parte da fala da própria Jovelina. Ela não nos deixou algo escrito com suas ideias, seu modo de pensar e viver, e mesmo que tivesse deixado também não nos daria a certeza. Temos assim vislumbres de quem era a jovem professora através ora das impressões por ela deixada pelo seu modo de viver, ora pelas impressões por outros assimiladas no convívio com a mesma.

O que se fala a seu respeito está diretamente relacionado à formação educacional a que fora submetida. Através de bolsa de estudo, conseguiu ser admitida na Escola Normal de Cajazeiras¹⁹. Na época, a Escola Normal era administrada pelas irmãs Dorotheias²⁰. A esse respeito, Santana (2013, p. 50) relata:

Assim, algumas escritoras (...) não cansava de valorizar referida escola [Escola Normal de Cajazeiras] apontando-a como responsável pela valorização da profissão do magistério, a preparação para o casamento, ensinando prendas domésticas, além de encaminharem para os preceitos religiosos. (...) Sendo assim, as mulheres que estudaram na Escola Normal

¹⁹ Em 1921, o Colégio Padre Rolim situado na cidade de Cajazeiras é equiparado à Escola Normal do Estado e sua direção entregue ao Monsenhor Constantino Vieira da Costa que já dirigia o Colégio Padre Rolim (SANTANA, 2013).

²⁰ A Congregação das Irmãs de Santa Doroteia é uma congregação de religiosas católicas, fundada em 12 de Agosto de 1834 por Santa Paula Frassinetti. Atualmente, as Irmãs Doroteias estão presentes em várias partes do mundo, trabalhando em colégios, paróquias e comunidades carentes.

Nossa Senhora de Lourdes entendiam que a instituição administrada por uma organização católica, fora responsável pela moral e bons costumes [...].

Dessa forma, Jovelina Gomes recebeu sua educação formal numa escola normal católica, cujo conteúdo educacional estava voltado para preparação das moças com uma formação que as permitisse exercer o magistério, mas voltada para a moral e bons costumes, para o desempenho do casamento e da maternidade.

Não temos como classificar Jovelina como uma mulher moderna ou conservadora, até porque entendemos que as experiências e relações vivenciadas ultrapassam essas limitações. Não podemos negar que a determinação de Jovelina em se formar e exercer essa profissão em outra cidade longe da família é de fato marcante. No entanto, também vimos que Jovelina transitava em um contexto ainda indefinido para as mulheres. Assim, ela exercia uma profissão, mas que era regulada pela Igreja através da escola dirigida por freiras que "aconselhava que elas não se envolvessem como movimentos feministas e não se afastassem da religião, além de ter consciência de exercer com dignidade os papéis de mãe e esposa" (SANTANA, 2013).

Ao concluir o curso Normal, Jovelina por meio de um pároco veio lecionar na escola de ensino primário da Vila Canaã, sendo a primeira professora normalista a ensinar na Vila. Jovelina foi trazida à Vila pelo pároco de nome Oriel, tendo vindo, segundo Geni Gomes, por necessidades financeiras. Jovelina veio sozinha, sem familiares. Causa estranheza, a princípio, o fato da jovem professora não ser discriminada pela sociedade da Vila Canaã por ser uma jovem que, na década de 30, morava sozinha, distante de seus familiares. Questionada a esse respeito, D. Maria do Socorro Fernandes responde que:

Não, porque ela era professor, nera? O povo tinha era um respeito maior do mundo com ela, professora de idade, né? Que era formada (Entrevista 01, MARIA, 23-02-2015).

Elizangela Barbosa Cardoso (2010), em sua tese intitulada: *Identidades de Gênero, Amor e Casamento em Teresina (1920-1960)*, a "*principal atividade desempenhada pelas mulheres das classes alta e média, nas primeiras décadas do século XX, exercer a função de professora poderia propiciar prestígio, afeto e reconhecimento social. As professoras eram mulheres prestigiadas pelo exercício profissional*".

A esse respeito, Geni Gomes compartilha do mesmo pensamento de D. Maria do Socorro Fernandes

Ah, o povo dizia que era moça de responsabilidade. É professor. É formada, já tinha responsabilidade, já os pais confiavam (Entrevista 02, GENI, 07-10-2014).

Pelas falas acima, podemos perceber que para a sociedade da época Jovelina não era uma jovem qualquer: ela era professora. O fato é que o ensino primário naquele período havia se tornado uma profissão muito respeitada e procurada pelas mulheres instruídas, de “boas famílias” da classe média. Apesar da baixa remuneração, a convicção era de que, depois da maternidade, a função máxima da mulher era de educadora.

Siqueira (2002) citado por Velho (2011, p. 10-11) assegura que

(...) Setores protegidos criaram-se no interior do mundo do trabalho e, com eles, os chamados "guetos profissionais". Neste sentido, por exemplo, as atividades profissionais que engendram tarefas relacionadas ao ‘cuidar de’, permanecem eminentemente ‘femininas’. Este é o caso, certamente, da educação e, em especial, da educação de crianças.

Percebemos que não bastava ser professora para ter certo reconhecimento, era necessário a legitimação de outras instituições nessa formação profissional, além de todo um comportamento que se adequasse aos valores morais compartilhados.

Jovelina Gomes, (...) logo conseguiu se adaptar aos rígidos costumes da época, numa incipiente sociedade que ainda guardava laivos patriarcais, sob a forte influência da igreja católica. De origem modesta, levava uma vida simples e recatada que aliava seu *modus vivendi* à condição de professora e educadora exemplar (...) (SILVA NETO, 2005, p. 54).

No entanto, um outro fator fundamental conspirava a favor da reputação de Jovelina Gomes: manifestava o desejo de estabelecer laços matrimoniais. Isso porque o trabalho feminino era bem visto para mulheres solteiras, mas permanecer solteira na época do primeiro período republicano era motivo de vergonha e escárnio. A esse respeito não podemos precisar qual teria sido a atitude de Jovelina com relação a seu trabalho caso o matrimônio tivesse se concretizado, isso porque o exercício do magistério para ela era a realização de um sonho profissional, pois segundo relatos de sua família, exercer o magistério era um sonho de criança.

Diferentemente da imagem construída em torno de si pela professora Jovelina Gomes,

podemos citar o exemplo da professora paraibana e poetiza Anayde Beiriz²¹. Sua trajetória "*escandalizou a sociedade retrógrada da Paraíba, com o seu vanguardismo: usava pinturas, cabelos curtos, saía à rua sozinha, fumava, não queria casar e nem ter filhos, escrevia versos que causavam impactos na intelectualidade paraibana [...]*" (SILVA, 2007. p.92).

Com respeito à Jovelina, o fato de ser mulher e exercer o magistério não foi eivado de preconceito, pelo contrário, a sociedade local a aceitava e respeitava, isso porque Jovelina havia sido educada em Escola Normal cuja direção, como anteriormente assinalado, era conferida às irmãs Dorotheias, o que faz com que sua educação tenha sido profissional, mas também voltada para a vida doméstica e para a maternidade, qualidades de extrema importância para a sociedade da época. Segundo Geni Gomes, Jovelina era religiosa, pertencia às "filhas de Maria"²². Segundo esta: "Jovelina não perdia uma missa, ajudava a gente a cantar, nós era do Coral de Maria". Jovelina não se apresentava como feminista e sim feminina, de forma modesta, simples, bem como era tida como jovem humilde e prezada.

Mas todo o prestígio que Jovelina gozava junto à sociedade da Vila Canaã não foram suficientes para que a mesma conseguisse quebrar os laivos patriarcais que ainda definiam os casamentos da época. Nos anos 1920, ao contrário do que ocorria no período colonial e imperial onde o casamento era um meio através da qual eram instauradas e conservadas hierarquias sociais por meio de ajustes familiares, o amor como forma da verdadeira felicidade, permeava o social. O amor correspondido era sinônimo de êxtase e de acesso a mais alta felicidade (CARDOSO, 2010). Segundo a autora "as primeiras décadas do século XX foram palco de casamentos com base no amor e de casamentos cujos cônjuges foram escolhidos e/ou impostos por pais, mães ou responsáveis. Tratava-se de um período marcado por múltiplas temporalidades".

No seu artigo, o Silva Neto (2005, p. 44) disserta sobre a vida pessoal de Jovelina, mais precisamente sobre sua vida amorosa, enquanto viveu em Uiraúna:

Como qualquer moça, livre e desimpedida que era, namorava Antonio Mousinho Fernandes, ora falecido, que prestou relevantes serviços à Uiraúna, como Tabelião Público, cujo casamento não se realizou por habilidade da família, que o implodiu, antes que Pe. Anacleto os declarasse marido e mulher, e logo depois, passou a gostar de Otávio Anacleto.

²¹ Anaíde Beiriz (João Pessoa, 18 de fevereiro de 1905 — Recife, 22 de outubro de 1930) foi uma professora e poetisa brasileira. Tem seu nome ligado à História da Paraíba, devido à tragédia em que foi envolvida, juntamente com o advogado e jornalista João Duarte Dantas, com quem mantinha um relacionamento amoroso.

²² Filhas de Maria grupo de mulheres religiosas local.

Os motivos pelos quais o casamento não fora concretizado até então não eram mencionados na história escrita sobre Jovelina. O namoro com Mousinho Fernandes deu-se em oculto, sendo que Jovelina já estava na igreja vestida de noiva, à espera de Mousinho, quando o laço amoroso foi rompido.

Anos depois, Mousinho Fernandes casou-se com a jovem Maria do Socorro Fernandes, a quem tivemos a oportunidade de entrevistar. D. Maria, hoje viúva do Sr. Mousinho, ex-aluna de Jovelina Gomes, conta que:

Aí pronto, o menino [Mousinho] queria ser padre e tinha de ser direito, né? Não namorava não. Agora depois, aí eu soube (...) que namorava escondido [com Jovelina], e ia casar escondido do pai dele né? (...) Não sei se noivaram porque era escondido nera? Mas iam casar. Disse que já estavam na igreja [...] (Entrevista 01, MARIA, 23-02-2015).

Dona Maria segue relatando que Jovelina vestira-se para o casamento na casa da diretora de escola, D. Palmira, e que esta seria sua testemunha. Mousinho possuía um estabelecimento comercial, já havia chegado deste e estava vestindo-se para ir à igreja casar. O casamento seria realizado na igreja local pelo pároco Pe. Anacleto. Todavia, Padre Anacleto era muito amigo do pai do noivo e devido a essa amizade, mandou avisá-lo que, naquela tarde, Mousinho e Jovelina iriam se casar. O pai de Mousinho morava em um sítio próximo à Vila Canaã de nome Curupaity, e ao saber da notícia a respeito do casamento do filho, veio de imediato, a tempo de impedir que Mousinho fosse à igreja.

Ele entrou por trás [da casa onde Mousinho se arrumava], o muro estava aberto, o velho entrou perguntou por ele, aí disseram tá ali dentro. Ele saiu foi perguntar se ele ia casar, aí ele disse que ia, não negou não, né? Aí pediu por tudo no mundo, até se ajoelhou nos pés dele, disse que foi um reboliço, eu não vi, só ouvi dizer. Que não fizesse uma coisa dessa com ele não (...) até chorar, chorou (...) (Entrevista 01, MARIA, 23-02-2015).

Dona Maria segue narrando que sendo Mousinho um filho muito obediente fez o que o pai lhe pedira. O pai de Mousinho ditou um bilhete e Mousinho o escreveu, sendo este enviado a Jovelina, que o esperava na igreja (Entrevista 01, MARIA, 23-02-2015).

Com relação aos motivos pelos quais o pai de Mousinho não quis o casamento, Dona Maria acredita que o motivo estava ligado à cor da pele de Jovelina: “Era tudo moreninha (...) A mãe dela (...) As tias dela, as irmãs, tudo, aí não queriam. Eu acho que era por isso, porque ela era formada, né? Mais só tinha ela formada (...)” (Entrevista 01, MARIA, 23-02-2015).

Para Geni Gomes no entanto, o motivo principal pelo qual o pai de Mousinho impediu o casamento foi o fato de não conhecer a família de Jovelina. Geni diz que a família de Mousinho constituía-se de pessoas ricas, de muitos recursos e que costumeiramente casavam com pessoas da própria família:

Eu acho que foi porque não conhecia a família, era distante, né? Morava em São Gonçalo e ele morava aqui. Eles não conheciam a família porque os Nonato era tudo na família, né? Aí estranharam, não queriam, aí ele deixou. Acabou. Jovelina era morena assim da tua cor. (...) A mãe dela era mais morena e o pai também, o cabelo bem ruim, a família era toda morena, mas era um povo (Entrevista 02, GENI, 07-10-2014).

De fato, se por um lado os noivos Jovelina e Mousinho decidiram optar pelo amor romântico, por outro esse amor não encontrou força suficiente para superar as expectativas familiares por parte da família do noivo. Segundo Cardoso (2010), nesse período o amor entrou em cena "sem romper, necessariamente, a exigência de igualdade entre os cônjuges. Delineava-se uma nova norma, em que o casamento deveria ser por amor, mas o amor deveria ser entre iguais". Dessa forma um dos motivos apontados para a não efetivação do casamento entre Jovelina Gomes e Mousinho era a diferença social entre ambos. Mousinho pertencia a uma família abastada e um dos aspectos que caracterizava essa família era a endogamia, ou seja, os casamentos eram efetivados entre pessoas que tivessem parentescos com os mesmos. Cardoso (2010), assinala que na primeira metade do século XX, os parentes e as parentas, notadamente, primos e primas eram considerados por muitas famílias mais abastadas, pretendentes ideais.

Outro fator apontado era o fato da família de Jovelina ser desconhecida localmente. De fato, Jovelina morava sozinha distante dos familiares que sequer tiveram conhecimento que um dia a mesma tivesse sido noiva. Outro fator envolvido poderia está relacionado ao fato de Jovelina ter cor morena. Temos que o ideal de igualdade orientava a composição dos pares, e a expectativa dominante era a de que os futuros cônjuges fossem compatíveis não só em termos econômicos sociais, culturais, mas também étnico-raciais. Contudo, o universo das escolhas era mais complexo, uma vez que o amor também era um sentimento que ignorava diferenças de classe, de condição social e de etnia. Consequentemente, muitos casais se configuraram a partir do ideal de igualdade; outros, não (CARDOSO, 2010).

Jovelina teve uma vida amorosa relativamente intensa no período em que viveu na Vila Canaã, pois aproximadamente em quatro anos em que viveu neste local foi noiva com Mousinho Nonato, quase noiva do jovem Otavio Anacleto e namorou outros rapazes do local.

Além disso, tinha "pegado uma criança para criar", termo muito utilizado na época que indicava a adoção de uma criança, ou até mesmo de alguma menina, que ajudava nas tarefas da casa e fazia companhia.

Sobre a vida de Jovelina Gomes na Vila de Canaã e a maneira como se portava, Geni diz que:

Ah, Jovelina se comportava muito bem. Ela era divertida, mas quando ia pra uma festa tinha comportamento. Ela gostava de conversar com a pessoas mais ou menos, né? Jovelina, todo mundo gostava de Jovelina. Ela entrava em uma casa, entrava em outra, conhecia todo mundo, num instante Jovelina conhecia...

...ela era uma moça muito divertida, gostava muito de passear, ela ia muito lá em casa, andava a cavalo, era muito boa Jovelina. Fazia piquenique, levava a gente até pra conhecer os pais dela. A gente conhecia pai e mãe (Entrevista 02, GENI, 07-10-2014).

Os relatos sobre Jovelina Gomes como pessoa é sempre de uma jovem alegre, divertida. Como profissional Jovelina Gomes foi uma professora muito respeitada e, sobretudo, temida. Segundo Geni: “[...] era carrasca, viu? Ela não brincava com aluno. Todo aluno tinha medo de Jovelina. (...) vai haver uma festa, onde levava os alunos, se Jovelina tivesse por ali, a gente já estava tudo com o olho nela. Se fizesse um malfeito só bastava olhar pra trás” (Entrevista 02, GENI, 07-10-2014).

De acordo com Geni, Jovelina não era uma mulher vaidosa, era muito simples, “cabelo cacheadinho, às vezes numa festa usava um pouquinho de batom e mais nada. A roupa dela era simples, andava bem ajeitadinha. As roupas dela, as coisas dela era tudo boa, mas não era afetada não (...)” (Entrevista 02, GENI, 07-10-2014).

Com relação às vestes e a vaidade de Jovelina Gomes, o senhor Francisco Ferreira da Silva²³, conhecido como “Chicão”, 90 anos, que também foi contemporâneo de Jovelina e com ela conviveu diz que:

Morena, uma morena bacana! Uma mulherzinha tranquila, mas bacana. Bem arrumadinha, só vivia bem arrumadinha. Era roupa decente, roupa boa, as roupas dela eram boas (Entrevista 04, FRANCISCO, 07-10-2014).

A moda, assim como as vestes ao longo dos tempos, expressa a cultura, hábitos e costumes de uma pessoa ou local. Podemos constatar a partir da fala de “Chicão” que Jovelina

²³ Francisco Ferreira da Silva, irmão de Arthemísia, hoje padece de mal de Alzheimer.

através de seu modo de vestir conseguia transmitir a imagem de uma pessoa respeitável, ao mesmo tempo em que vivia sempre bem vestida e demonstrava certo grau de vaidade. Não se portava como uma “melindrosa” mas deixava transparecer o gosto pela moda, o gosto por andar bem vestida, inclusive o seu contato com aquele que viria a ser o seu assassino foi por meio da irmã deste que era costureira, o que levou com que Jovelina viesse a ir frequentemente à casa do mesmo tendo com a família grau de intimidade suficiente a participar por vezes como convidada para as refeições no seio familiar.

Diante do exposto, podemos perceber o quanto as relações de gênero na época eram traçadas pelas instituições e por seus valores morais, no entanto, também percebemos que os indivíduos, assim como Jovelina, não teciam as mesmas linhas ou caminhos, mas sabiam quais permitiam legitimidade às suas escolhas ou não.

CAPÍTULO III

3. JOVELINA GOMES: UMA HISTÓRIA INTERROMPIDA

3.1 Amor, ciúme e seus desdobramentos

Sendo uma das mais antigas instituições o casamento sofreu mudanças ao longo da história, moldando-se a aspectos sociais e econômicos. Na Idade Antiga, o casamento era um acordo formal entre o noivo e o pai da noiva, havendo o pagamento de um dote por parte do pai, sendo realizado através de uma celebração religiosa domiciliar. Constituindo-se em uma das principais instituições na Roma Antiga, tinha como principal objetivo gerar filhos legítimos que herdariam a propriedade dos pais, servindo para selar alianças de natureza política ou econômica, entre as classes mais abastadas.

Segundo Araújo (2006), na Idade Média (séculos XI-XII) o casamento passa a ser um sacramento da Igreja e assumia grande importância tanto no aspecto familiar quanto no econômico e no político; constituía-se em um modelo conjugal cristão, sendo exigida sua indissolubilidade, bem como a pureza na união. Não se dava importância ao amor no relacionamento, este tinha como objetivo não descentralizar a família, sendo que sua validade residia na fidelidade e em filhos em comum, sendo o amor entre os cônjuges considerado um resultado da união e não como base do relacionamento. Del Priore (2006, p. 22) assinala que constituindo um contrato civil antes de se tornar sacramento o que só ocorre na Europa em meados do século XII, o casamento é uma instituição básica para a transmissão do patrimônio, sendo sua origem fruto de acordos familiares e não da escolha pessoal do cônjuge. A garantia de igualdade era fundamental para impedir a dispersão de fortunas acumuladas.

A associação entre amor, sexualidade e casamento data da era moderna, com a burguesia. Assim:

O amor-sexual, amor-paixão, como fundamento do casamento, surgiu na modernidade e, com ela, trouxe um elemento revolucionário, pois enunciava uma nova ordem das coisas. Nesse cenário, o amor vai percorrer uma longa trajetória até chegar à condição de força “irresistível”, sempre pronta a desembocar no casamento, como capturaram as telas de Hollywood. Passando pelo impulso dramático shakespeariano, no século XVI, essa trajetória tem seu ponto de chegada no século XVIII, no bojo da revolução burguesa e nas ideias de liberdade individual. Em torno do novo ideal de conjugalidade instaurado, criaram-se muitas expectativas e idealizações, entre elas a ideia de casamento como lugar de felicidade onde o amor e a sexualidade são funda-

mentais. Desde então, a instituição casamento, moldada pelas determinações econômicas, sociais, culturais, de classe e gênero tem assumido inúmeras formas. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações (ARAÚJO, 2006, p.1).

O amor romântico começa a se constituir enquanto força social que juntamente com outras mudanças no âmbito social, provocou mudanças no casamento e em outros aspectos das relações pessoais. Mas somente a partir do pós 1ª Guerra Mundial, os relacionamentos baseados nos vínculos afetivos passaram a ser vistos de forma aceitável pela sociedade. Na verdade, “o progresso dos tempos modernos caracteriza-se, entre outros aspectos, pelo surgimento do que se chama de relacionamentos puros, isto é, aqueles centrados basicamente na vontade soberana e nas circunstâncias singulares de seus participantes” (RUDIGER, 2012). Todavia, percebemos que essa mudança não se deu de forma uniforme mas de forma gradual, pois constatamos que após esse período os casamentos ainda ocorriam por motivos diversos do amor.

Para Silva (2010, p. 4), os ideais do amor romântico parecem ter tido impacto especial para as mulheres já que estiveram ligados a influências que as afetaram diretamente, como a criação do lar, contribuindo para seu confinamento no espaço privado. A separação entre lar e local de trabalho enfraqueceu em alguns aspectos o poder patriarcal sobre o ambiente doméstico que passou a ser identificado cada vez mais como o lugar de ação da mulher. Para a autora o amor romântico reforçaria a construção das imagens de “esposa e mãe”, tornando-as domínio feminino, procurando articular a subordinação da mulher ao marido e ao lar.

O *amour passion*, por sua vez, estabelece conexão entre o sentimento amoroso e a atração sexual, valoriza o envolvimento físico, desvia os indivíduos da rotina, aproxima-os da loucura. Segundo Giddens (1992, p. 50), o amor apaixonado, *amour passion*, é marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, sendo o envolvimento pessoal com o outro, invasivo. Sendo especificamente perturbador das relações pessoais, arrancando os indivíduos das situações mundanas e gerando uma propensão a opções radicais e a sacrifícios. Diferente do amor romântico, o amor apaixonado jamais foi uma força social genérica. Tratava-se de uma ameaça à ordem social que deveria ser contida, ou seja, o amor apaixonado seria um fator que levaria aqueles por ele acometidos a um constante afastamento da realidade, prejudicando o desencadeamento da vida cotidiana em consequência dos devaneios que os afastam da rotina e das responsabilidades conscientes e equilibradas da vida secular.

Todas essas discussões e classificações em torno do amor nos faz pensar no quanto esse sentimento também foi ressignificado e transformado ao longo do tempo. Em nossa pesqui-

sa, se faz importante pensar como esse sentimento era interpretado e principalmente como as relações de gênero eram engendradas pelos discursos normatizadores da época. O crime passionai, por exemplo, foi amplamente discutido pelos juristas nas décadas de nossa pesquisa.

Rabinowicz, criminalista polonês pertencente a Escola Clássica²⁴, em sua importante obra "O crime passionai", cuja primeira edição data de 1930, com o intuito de combater a absolvição do crime passionai vigente à época, faz uma análise do crime passionai em seus aspectos psicológicos e jurídicos. Em sua análise sobre o amor, diz que este é a reunião de todos os nossos outros sentimentos, mas é alguma coisa qualitativamente diferente e superior, que conserva um aspecto particular (RABINOWICZ, 1961, p. 46).

Para o autor, o amor é diferente para os homens e para as mulheres e há muitas maneiras de amar, quais sejam: o amor platônico, o amor afetivo e o amor sexual. O amor platônico seria a forma mais sublime e mais sublimada do amor normal (amor físico), não sendo o desejo do corpo (desejo da posse carnal), mas o contato das almas, a amizade do coração. O amor platônico seria a transformação inconsciente da energia sexual em energia intelectual, sendo por vezes, o produto de uma timidez exagerada, bem como muitas vezes a primeira forma de amor juvenil. Esse tipo de amor não leva a crimes passionais, sendo que estes são incapazes de fazer o menor mal (RABINOWICZ, 1961, pp. 50-52).

A segunda forma de amor é o amor afetivo. Este está voltado para o amor da carne, para o reino físico, sendo considerado o "amor normal". Distingue-se do amor sexual por ser baseado na ternura, não havendo neste os furores do desejo. É a afeição que abrange a alma e o corpo, é o desejo mútuo satisfeito. Nele, os envolvidos são ao mesmo tempo amantes e amigos, sendo que no amor platônico são apenas amigos e no amor sexual, apenas amantes. O amor afeição poderá dar origem a crimes passionais, mas isso é raro, tendo em vista que nele o desejo está subordinado à ternura. (RABINOWICZ, 1961, pp. 53 - 56).

A terceira forma de amor, o amor sexual, caracteriza-se pela embriaguez do desejo, exasperação dos sentidos, furores carnis. Esta é a forma mais primitiva, assentado unicamente sobre a volúpia. Nele, ignora-se a alma, só se pensa nos atributos do sexo, iniciando-se logo a conquista. O amor sexual é egoísta, profundamente egoísta. Trata o objeto de desejo como uma propriedade de quem se tem o direito de dispor livremente, que se pode sequestrar para si, para dela gozar livremente, exigindo que de livre vontade haja renúncia de todos os outros.

²⁴ A Escola Clássica surgiu no final do século XVIII, e constituiu-se de um conjunto de idéias, teorias políticas, filosóficas e jurídicas acerca das principais questões penais. Antecessora ao positivismo, em sua primeira fase, a escola clássica procurou pontuar a diferença entre a justiça divina e a justiça humana, lutando pela soberania popular contra o absolutismo e também pelos direitos e garantias individuais. Em um segundo momento, focou-se no estudo jurídico do crime e da pena através da sistematização de normas jurídicas repressivas tendo como principais conceitos a responsabilidade penal, o crime e a pena (DIAS, 2008).

O amor sexual é acompanhado pelo ódio. Entre os dois amorosos só existe a carne: nenhuma ternura, nenhum sentimento além do prazer carnal. O amor sexual fornece a maioria dos criminosos sexuais (RABINOWICZ, 1961, pp. 57- 61).

Com o amor, nasce o ciúme. Esse segue incontestavelmente o amor. O ciúme é a dúvida, o medo de perder o objeto para o qual se dirigem nossos desejos; o desejo de conservar aquilo que queremos para nós. Todavia, o ciúme raramente adquire grandes proporções antes de possuímos o ser que nos atrai. O ciúme faz com que o ser por ele possuído sofra no seu amor próprio, na sua confiança, na sua tranquilidade, no seu espírito de dominação e de posse (RABINOWICZ, 1961, pp. 63- 67).

Toda a análise feita pelo autor gira em torno de sua tentativa de combater a constante absolvição dos réus que cometiam crimes passionais no início do século passado, impunidade esta que resultava na multiplicação dos crimes passionais naquele período. Os criminosos passionais eram justificados na tese da defesa como acometidos por violenta comoção no momento do crime e os jurados, naquele período, tinham para o delinquente a benevolente indulgência. Para o autor a repressão evitaria a reincidência bem como seria uma preventiva intimidação.

Maria Sônia de Medeiros Santos de Assis (2013), em sua dissertação: Tese da legítima defesa da honra nos crimes passionais: da ascensão ao desprestígio diz que o ciúme tanto pode ser circunstancial como temperamental. O ciúme circunstancial consiste numa reação dinâmica dos impulsos do temperamento do indivíduo. O ciúme em relação a um determinado fato passageiro, desde que pertinente e fundado, justifica-se como sentimento ocasional e, portanto, normal; o que não levaria a atitudes extremas de violência.

O ciúme por temperamento não tem motivo ou razão aparentemente verdadeira. Esse tipo de ciúme envolve elementos como insegurança, imaturidade afetiva e instabilidade emocional. A conduta injustificável e afastada da realidade circunstancial não corresponde à potencialidade para atitudes violentas ou patológicas, podendo, no entanto, em determinadas circunstâncias levar a uma reação transitória, assumindo um caráter ocasional, que leve a matar a pessoa amada (ASSIS, 2013).

Para Giddens (1992, p.137), a violência contra a mulher, inclusive o crime passionais, contém os mesmos elementos básicos de um encontro amoroso não violento, quais sejam: a dominação e a conquista do objeto sexual. Assim, tanto no relacionamento não violento quanto no violento o que os ensejava seria a posição histórica de dominação do homem sobre a mulher o que me parece bastante pertinente no caso de Jovelina Gomes, pois o que a atitude do criminoso deixa transparecer é de ressentimento por não ter conseguido o objeto de sua

paixão, de forma que se ele não pôde dominá-la e exercer seu poderio sobre a mesma, a solução foi exterminá-la.

3.2 Paixão e Crime Passional

Crime passional é o crime cometido tendo como fator desencadeante a paixão. Segundo Eluf (2007), em sua obra: *A paixão no banco dos réus*, juridicamente convencionou-se chamar crime passional o homicídio cometido em decorrência de relacionamentos sexuais ou amorosos.

Tundis (2009, p. 1), afirma que segundo o *Vocabulário Jurídico* (1999), em linguagem jurídica chama-se de passional apenas os crimes cometidos em razão de relacionamento sexual ou amoroso. A paixão aqui, junto à área criminal, relaciona-se à “paixão pela mulher, de onde geram os ciúmes, o amor ofendido, capazes de provocarem as emoções, que alteram ou afastam a serenidade do outro”. Porém, no que concerne ao dano doloso movido por paixão, este é um crime que acontece muitas vezes pelo ódio, possessividade, ciúme patológico, busca de vingança, prova de poder, não tolerância à frustração, entre outros.

Os tipos de paixões são infinitos. Para Benedito Ferri, estas podem ser elencadas em dois tipos: as sociais e as antissociais. As sociais são as paixões úteis, favoráveis à ordem e ao desenvolvimento social, podendo citar como exemplos o amor, a honra, o patriotismo, o afeto materno. As antissociais são danosas e contrárias a ordem: o ódio, a cólera, a vingança, a cobiça, a inveja (ELUF, 2007, p. 157). Podemos perceber aqui que tanto as paixões sociais quanto antissociais estão presente em maior ou menor grau na vida de cada um de nós e que até mesmo a educação é um fator preponderante para deixarmos aflorar estas ou aquelas.

O crime passional já esteve justificado por lei. Durante o período colonial o Brasil estava sujeito às ordenações Filipinas que permitia no caso do adultério a efetivação da vingança privada. Na legislação lusa e na sociedade colonial constata-se a assimetria na punição do assassinio do cônjuge por adultério.

Enquanto para as mulheres não se colocava sequer a possibilidade de serem desculpadas por matar maridos adúlteros, para os homens a defesa da honra perante o adultério feminino comprovado encontrava apoio nas leis. O marido traído que matasse a adúltera não sofria qualquer punição. Lemos nas Ordenações: “Achando o homem casado sua mulher em adultério, licitamente poderá matar assim a ela, como o adúltero, salvo se o marido for peão, e o adúltero, fidalgo, desembargador, ou pessoa de maior qualidade”. Assim, enquanto a condição

social do parceiro do adultério era levada em conta, à condição social da adúltera não se revestia da menor importância. Tanto podia ser morta pelo marido a plebeia como a nobre. Outra punição para as adultas, o confinamento em um convento (DEL PRIORE, 2006. p. 57-58).

Já no primeiro Código Penal, datado de 1830, a vingança privada é eliminada, e no caso de adultério a pena passa a ser a prisão, impedindo assim que as mulheres adúlteras fossem punidas com a morte. O segundo Código Penal brasileiro (1890), que já era republicano, traz como inovação a irresponsabilidade criminal, que abria “a possibilidade de isentar de culpa ‘os que se acharem em estado de completa perturbação de sentidos e de inteligência no ato de cometer o crime’ [...]”. (CORRÊA, 1981, p. 21). O Código de 1890:

[...] deixava de considerar crime o homicídio praticado sob um estado de total perturbação dos sentidos e da inteligência. Entendia que determinados estados emocionais, como aqueles gerados pela descoberta do adultério da mulher, seriam tão intensos que o marido poderia experimentar uma insanidade momentânea. Nesse caso, não teria responsabilidade sobre seus atos e não sofreria condenação criminal (ELUF, 2007, p. 220).

Dessa forma, os advogados de defesa daqueles que provocavam o assassinato de suas companheiras (companheiros), afirmavam que estes o faziam por um estado de loucura momentânea gerada pela paixão, tornando-os irresponsáveis no momento do ato criminal.

Para contrapor de forma mais evidente no que diz respeito a responsabilidade criminal no caso de crimes passionais, o Código Penal brasileiro de 1940 traz de forma clara em um de seus artigos que “[...] a emoção ou a paixão não excluem a responsabilidade criminal”, todavia esse código trouxe a atenuante de que se um crime fosse cometido sob influência de violenta emoção, provocada por ato injusto de alguém, a pena poderá ser reduzida de 1/6 a 1/3. Dessa forma paixão deixa de ser uma excludente da responsabilidade penal, passando a ser apenas causa de diminuição de pena, e o artigo penal que deu origem a essa exceção passou a ser denominado de homicídio privilegiado.

Todavia, para os advogados de defesa, prisão para os criminosos passionais entre um e seis anos não era satisfatório, desejavam a absolvição, criando a partir daí uma nova tese de defesa: legítima defesa da honra.

Dessa forma, surgiu a legítima defesa da honra e da dignidade, que os jurados aceitavam, sem muito esforço, para perdoar a conduta criminosa. Até a década de 1970, ainda havia na sociedade um sentimento patriarcal muito forte. A concepção de que a infidelidade conjugal da mulher era uma afronta aos direitos do marido e um insulto ao cônjuge enganado encontrava eco nos sentimentos dos jurados, que viam o homicida passional com benevolência.

Por essa razão, embora o novo Código tivesse eliminado a exclusão de ilicitude referente à paixão e à emoção, o Júri popular passou a aceitar outras teses para absolver o marido ou amante vingativo. A mais popular de todas, a legítima defesa da honra, foi usada numerosas vezes, com sucesso, para absolver assassinos de mulheres (ELUF, 2007, p. 221).

Mesmo não sendo previsto em lei, mas apenas um artifício da defesa, a tese da legítima defesa da honra, foi usada com sucesso, para absolver assassinos de mulheres. Isso porque sendo um crime doloso contra a vida, o julgamento dos homicídios são efetuados pelo corpo de sentença do tribunal de Júri, e sendo os jurados leigos não decidem com base na lei, mas sim nos seus valores culturais.

Atualmente a tese da legítima defesa da honra não tem sido mais aceita pelos jurados. A tolerância com os assassinos de mulheres foi extinta e quando se consegue a redução da pena, tem-se como um julgamento bem sucedido para a defesa (ELUF, 2007).

3.3 Jovelina Gomes: análise de um crime movido pela paixão

Senhores, agrada-vos ouvir uma bela história de amor e de morte? (...) (Denis Rougemont).

Talvez Rougemont (1988) tenha razão quando diz que as histórias de amor combinadas com a morte são as que nos tocam mais profundamente. O amor feliz não tem história, não marca não nos atrai aos cinemas, nem aos romances. Não inspiram músicas.

Paixão quer dizer sofrimento, coisa sofrida, predomínio do destino sobre a pessoa livre e responsável. "Amar o amor mais que o objeto do amor, amar a paixão por si mesma. Amor-paixão: desejo daquilo que nos fere e nos aniquila pelo seu triunfo (...). Por que preferimos a narrativa de um amor impossível a outra qualquer?" (ROUGEMONT, 1988, p. 15).

Provavelmente a história de vida da professora Jovelina Gomes nos passasse despercebida se não fosse o fim trágico que a acometeu. O homicídio de que Jovelina Gomes fora vítima pode ser classificado como homicídio passional porque mesmo que ela nunca houvesse tido um envolvimento amoroso com o autor do crime o que motivou foi a paixão que o praticante nutria pela professora.

Compete-nos inicialmente fazer uma narração do crime, segundo consta nos autos do processo criminal.

Segundo relato do processo crime que tramitou na Comarca de Antenor Navarro (hoje São João do Rio do Peixe), o crime ocorreu por volta das nove horas da noite no dia 28 de julho de 1943. Foi um crime trágico, que abalou a pequena Vila de Canaã.

Segundo a denúncia, Francisco Chagas de Moraes, conhecido como Chiquinho André, invadiu a casa onde dormiam Jovelina Gomes e Arthemísia Assis e desferiu ferimentos profundos em ambas as vítimas com uma faca de ponta com que estava armado os quais ocasionaram a morte imediata das vítimas e que o referido denunciado havia confessado espontaneamente que era autor das duas mortes, declarando que havia praticado o crime porque a vítima Jovelina Gomes comentou com seus pais que o mesmo estava frequentando a casa de mulher de moral duvidosa na citada vila, ficando o denunciado incurso nas penas do art. 121 do Código Penal, parágrafo 2º incisos II, IV e V.

Narra os depoimentos das testemunhas do processo que na noite do crime ouviram barulhos na rua e quando saíram para ver o que estava acontecendo, encontraram Arthemísia “banhada de sangue”, deitada no colo de sua mãe Chôta, e que neste local formou-se uma aglomeração de pessoas, inclusive o próprio Chiquinho André. Que então um grupo de homens resolveu adentrar na casa da professora Jovelina Gomes o que o fizeram derrubando a porta da entrada. Ao adentrarem no domicílio, encontraram o corpo da professora morta dentro da sua própria rede. Logo após alguns minutos Arthemísia veio também a falecer.

Diante do fato, alguns cidadãos decidiram ir naquele momento à cidade de Antenor Navarro, com intuito de comunicar o ocorrido ao delegado de polícia, o sub-tenente Coriolano Ramalho, dentre estes homens estava a pessoa de Chiquinho André. Quando foram abastecer o carro para a viagem, um deles percebeu que na mão de Chiquinho André havia mancha de sangue. Este alegou que havia sofrido um “arranhão” quando estava saindo de casa, sendo orientado para que se desfizesse daquela marca de sangue para evitar que fosse investigado. Segundo se depreende dos autos, Chiquinho André dirigiu-se à “bodega” que seu pai possuía, na companhia de alguns daqueles homens e ofereceu a estes, bem como consumiu, uma dose de cachaça e aproveitou o ensejo para lavar a mão com aguardente, apagando assim o vestígio.

Segundo uma das testemunhas, no trajeto para Antenor Navarro Chiquinho André aparentava nervosismo, bem como enquanto todos comentavam sobre o crime ele mantinha-se em silêncio em toda a viagem tanto de ida quanto de volta. Na própria Vila, segundo as testemunhas, Chiquinho levantava suspeitas pois sempre que alguém mencionava que caso o assassino pertencesse à Vila e ainda estivesse lá seria facilmente descoberto, ele “mudava de cor” e aparentava nervosismo diante de tal afirmativa.

Através do comportamento de Chiquinho André e dos comentários na Vila que este seria o provável assassino, o delegado efetuou a intimação e oitiva de Chiquinho André encerrando-o a seguir no cárcere mediante a confissão espontânea por parte do mesmo. Todavia, segundo o Procurador do Estado da Paraíba, Antonio Batista da Silva Neto, através de artigo publicado em revista local (Jovelina Gomes: uma tragédia à moda grega. Revista Uiraúna, 2005), na noite do dia 29 de julho, o Delegado que conduzia as investigações munido de pá e picareta conduziu o réu ao Sitio Serrinha, sendo que em determinado local ordenou que o mesmo cavasse uma cova e ameaçou que o enterraria vivo caso não confessasse pormenores do fato delituosos.

Após a denúncia e instrução dos autos, o réu é levado a julgamento pelo Tribunal de Júri na data de 30 de setembro de 1943, sendo Francisco das Chagas de Moraes, “Chiquinho André”, condenado por 6 votos a 1, pelo crime previsto no art; 121 do Código Penal, parágrafo 2º incisos II, IV e V, homicídio duplamente qualificado, com os agravantes de crime fútil, arquitetado e executado, cuja pena consistiu em 31 anos de reclusão, a ser cumprido em regime fechado na Cadeia Pública da Capital.

Interessantemente em nenhum momento do processo vemos a menção de crime passional. Também não percebemos arrependimento por parte de Chiquinho André. Este confessou o crime, expôs o motivo que o havia levado a cometer e a partir daí praticamente todas as testemunhas mencionam o mesmo motivo que Chiquinho André expôs para a prática do crime, o que nos faz pensar que na verdade os depoimentos que se seguiram ao de Chiquinho André consistiram de pessoas que após saber do alegado pelo réu como motivo desencadeante, apenas o repetiram como verdade.

A tese da defesa girou em torno de crime praticado em defesa da honra, tendo em vista que o réu afirmava ter sido vítima de injúria por parte da professora Jovelina Gomes, pugnando também pela redução da pena em 2/3, fundamentado no art. 21 do Código Penal, alegando que o réu havia cometido o crime sob estado agudo de emoção não tendo no momento da prática plena capacidade mental para entender o caráter criminoso do ato praticado.

As testemunhas elencadas nos autos do processo-crime não eram pessoas que convivessem de forma íntima com Jovelina, mas testemunhas oculares do crime, ou melhor do momento pós execução do crime, pessoas que estiveram no local do ocorrido, ou que tenham estado com o executor. Cabe-nos enfatizar que mesmo que o processo crime seja organizado por uma série de regras estabelecidas no Código de Processo Penal, há a interferência dos profissionais que dele participam e o elaboram, por exemplo, no caso do

Delegado de polícia que seleciona durante as investigações as pessoas que deverão estar presentes no inquérito e o que deve ou não constar nos referidos autos. O processo-crime é composto por vários atores: juiz, delegado, promotor, advogados, vítima, réu, testemunhas, cada um desempenhando seu papel construindo discursos elaborados para atingir um determinado objetivo. Com respeito a elaboração do processo-crime, Corrêa (1983, p. 40), assinala que:

[...] no momento em que os atos se transformam em autos, os fatos em versões, o concreto perde quase toda sua importância e o debate se dá entre os atores jurídicos, cada um deles usando parte do 'real' que melhor reforce seu ponto de vista. Nesse sentido, é o real que é processado, moído, até que se possa extrair dele um esquema elementar sobre o qual se construirá um modelo de culpa e um modelo de inocência.

Concordamos com Bacellar (2008, p.37), quando diz que "os processos criminais e cíveis são fontes igualmente abundantes e dão voz a todos os segmentos sociais, do escravo ao senhor. A convocação de testemunhas, sobretudo nos casos dos crimes de morte, de agressões físicas, permite recuperar as relações de vizinhança, as redes de sociabilidade e de solidariedade, as rixas, enfim, os pequenos atos cotidianos das populações do passado". Percebemos que a 'verdade' presente no seio de um processo judicial, pode não corresponder a 'verdade' real dos fatos. Corrêa (1983, p.33), nos ensina que ao mesmo tempo em que constroem a fábula a ser apresentada aos julgadores, os atores jurídicos trabalhando cada um de acordo com seus objetivos pretendidos, deixam marcas em sua construção que devem se adequar ao molde legal e social do seu contexto de ação, sugerindo uma certa coerência entre as normas escritas e vividas aceitas pelos componentes do grupo construtor e julgador.

O fato é que mesmo ausente dos autos, a paixão como motivo desse crime foi o que perpetrou ao longo da história. A história passada ano após ano na pequena Vila, hoje cidade de Uiraúna, é que Chiquinho André havia assassinado Jovelina Gomes porque era apaixonado pela mesma. A esse respeito o Silva Neto (2005, p. 55), afirma:

Habitualmente, [Jovelina] frequentava a casa do marceneiro Joaquim André, na conhecida rua Nova, pai do seu futuro assassino, por ter esse uma irmã modista, com quem se relacionava, o que talvez tenha despertado nele, naturalmente, a **mórbida paixão que alimentou por Jovelina, levando-o a eliminá-la de forma brutal e hedionda (...)** [grifo nosso].

Das pessoas que nos concederam entrevista, Maria do Socorro Fernandes e “Chicão” dizem que o crime foi motivado pela paixão que Chiquinho André nutria por Jovelina, não sendo correspondido. Essa também foi a versão que chegou ao seio da família de Jovelina Gomes, como mencionado por “Zarita”, sobrinha da mesma. Percebemos, no entanto, que Geni Gomes é cautelosa ao se referir ao crime bem como aos motivos que levaram Chiquinho André a cometê-lo.

Não consideramos que os agentes que elaboraram os autos do inquérito e do processo crime tenham propositalmente mudado o foco da investigação com o intuito de descaracterizar o crime passional. O fato é que a justiça pública é limitada, seus meios são escassos bem como estão atentos aos prazos para conclusão e precisam muitas vezes dar uma satisfação à sociedade apegando-se muitas vezes à primeira versão que lhes são mencionadas.

Considerando que de fato o motivo real tenha sido um 'amor' não correspondido, podemos dizer que referido crime consistiu em um caso fortuito de crime passional. Na maioria esmagadora dos casos normalmente ocorre o desenvolvimento de um relacionamento entre vítima e executor, sendo a infidelidade, o abandono e brigas os motivos principais que culminam com a eliminação do parceiro (a).

Na década de 20 do século passado a principal tese de defesa no caso de crimes passionais era a legítima defesa da honra, maridos matavam suas mulheres para defenderem sua honra ultrajada. No caso de Chiquinho André não havia um relacionamento anterior, não havia honra de marido a ser defendida. No entanto, criou-se uma outra honra, uma outra tese para a defesa: Chiquinho André alegou que sua honra havia sido ultrajada pois Jovelina o havia injuriado.

O fato é que o crime em pauta deu-se em meados do século passado, e como já discutimos anteriormente, período em que a mulher estava se inserindo de forma mais contundente no mercado de trabalho. No caso em pauta, percebemos que a vítima era uma mulher economicamente independente, e para Engel (2001, p. 89), em seu artigo "Cultura Popular, Crimes Passionais e Relações de Gêneros -Rio de Janeiro, 1890-1930", afirma:

[...] as agressões passionais masculinas seriam resultantes, sobretudo, da dificuldade ou inviabilidade, determinadas pelas próprias condições concretas de sobrevivência, de que os homens populares exercessem os papéis – como, por exemplo, o de provedor – que lhes eram atribuídos pela ideologia dominante.

Jovelina não se deixava dominar. Era uma mulher independente que construía a sua própria história em meio a uma sociedade eminentemente machista encravada no alto sertão da Paraíba. Isso parece ter despertado em Chiquinho André o ódio exatamente pela impossibilidade de controlá-la e de tê-la, de fazer com que ela cedesse aos seus desejos e vontade, o que nos remete ao conflito resultante da quebra de paradigma quanto ao papel que deveria ser desempenhado pela mulher no início do século passado, onde ela sai da total submissão à luta pelos seus próprios ideais.

Para Geni Gomes o ato praticado por Chiquinho André foi uma surpresa. Algo inesperado vindo da parte do mesmo: "Ninguém nunca no mundo pensou nisso!" Santos (2007) explica que esse ato violento é quase sempre inesperado advindo de pessoas que apresentavam geralmente um comportamento discreto e suave. Amigos e parentes do assassino geralmente ficam perplexos diante do fato. Inclusive todas as testemunhas do processo relatam que Chiquinho André era um homem de boa conduta, honesto e trabalhador.

Parte das testemunhas do processo-crime afirmam que Chiquinho André tinha ódio da professora Jovelina, mencionando que referido sentimento era movido pela injúria feita por esta a Chiquinho André. Todavia, o depoimento de tais testemunhas foi tomado depois da confissão do acusado e exposição dos motivos que o levaram à prática do crime, o que nos causa a impressão pela leitura dos depoimentos que as testemunhas apenas repetem como motivo do crime aquilo que o próprio executor havia afirmado, não mencionando quando e de que forma tomaram conhecimento do referido motivo.

Uma testemunha do processo-crime nos chama a atenção de maneira especial: o Sr. Manoel Vieira de Sá. Este afirma que alguns dias antes do crime o próprio Chiquinho o havia procurado e dito que tinha muito ódio a Jovelina Gomes e tinha causado a impressão de que praticaria algum tipo de vingança, mas os motivos que motivavam semelhante ódio não haviam sido expostos. Para Bonavides (2011), a vingança é uma das características do criminoso passional. Segundo a autora "esses crimes, na verdade, retratam a falta de amor, o egoísmo, o ciúme desmedido, a vontade de controlar a vida do outro como forma de dominação". O fato é que o ciúme decorrente da paixão leva ao ódio da pessoa que não corresponde, como afirma Santos (2007, p. 25), a pessoa ciumenta fala com raiva daquele que é objeto do seu ciúme. E à medida que o ciúme evolui, pior fica o tratamento dispensado pelo ciumento, chegando ao ponto, em casos extremos, de violência física e até de morte.

Segundo Beraldo Júnior (2003), o homicídio passional tanto pode vir do amor como do ódio, da ira e da própria mágoa. O sentimento, neste caso, move a conduta criminosa. O agente comete o fato por perder o controle sobre seus sentidos e sobre sua emoção, na maioria

das vezes comete-o sob o argumento da legítima defesa da honra. Característica comum nesses crimes é que os criminosos são confessionais, como sentem que suas vidas se foram com a vida da vítima “para eles, nada mais fizeram do que defender a si mesmo e a sua honra, e não se importam com o julgo da justiça e nem com a pena que sofrerão: ao mesmo tempo em que seu objetivo se completou, a razão que tinham para continuar sempre em frente não existe mais” (MAZZUCHELL; FERREIRA, 2012, p.8).

Assim, na análise do crime que tirou a vida de professora Jovelina Gomes percebe-se que o mesmo foi permeado por resquícios de um crime movido por ressentimentos que perpetraram a personalidade do agressor e que por meio desses sentimentos houve a paralização do processo de vida de uma profissional que através do pouco período que viveu na pequena Vila conseguiu, por sua vida e mesmo por sua morte, deixar marcas na educação e na vida daqueles que compõe ao longo dos anos a sociedade do vilarejo. O crime de que Jovelina fora vítima nos parece simbolizar a luta feminina ao longo dos séculos pela dignidade e pelo respeito às suas escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pudemos verificar ao longo desta pesquisa, a imagem construída em torno da vida e morte da professora Jovelina Gomes está associada à imagem transmitida por esta enquanto professora do ensino “primário”.

Jovelina, enquanto professora, conseguiu construir a imagem de alguém confiável, digna de respeito cuja imagem e comportamento não foram questionados pela sociedade ui-raunense ao longo dos anos. Por outro lado, é possível constatar que a jovem fazia jus ao respeito adquirido, haja vista ter sido capaz de conciliar, mantendo num patamar bastante equilibrado, os papéis sociais que desempenhava enquanto mulher e profissional que viveu em uma sociedade ainda marcada pelo patriarcalismo e pela mudança do papel feminino, sociedade esta caracterizada pelas mudanças advindas da inserção da mulher no mercado de trabalho para além das fábricas do período industrial. Assim, pudemos perceber, ao analisarmos o contexto social da época, o quanto a imagem de Jovelina Gomes está intimamente relacionada ao ser professor no período considerado.

Dessa forma, os discursos criados em torno da imagem da jovem professora foram passados ano após ano através da memória daqueles que vivenciaram o período no qual o fato está inserido. De forma análoga, os discursos sobre sua morte também foram passados ano após ano como um crime motivado pela paixão. Pudemos constatar que Jovelina jamais fora mencionada como uma mulher cujo comportamento tenha ensejado o crime de que fora vítima, tendo em vista que mesmo tendo vivenciado romances no período em que viveu no pequeno vilarejo, a jovem jamais assumiu um comportamento que não fosse aceito pela sociedade contemporânea.

O desenvolvimento desta pesquisa nos permitiu um vislumbre das representações discursivas referentes ao papel da mulher nas primeiras décadas do século passado, a partir da fundamentação teórica através de documentos escritos bem como da história repassada oralmente e arquivada na memória daqueles que guardam em suas lembranças as impressões de um tempo vivenciado. O mérito da pesquisa está em analisar a história dessa mulher e como essas memórias falaram de Jovelina, mas também de inúmeras outras mulheres daquele período, mulheres que sonhavam, que amavam e que por isso pagavam, pois Jovelina foi morta justamente por não corresponder um amor possessivo marcado pelo poder viril e machista daquele período.

Longe de ser uma obra conclusiva sobre a vida da professora Jovelina Gomes dos Santos, o presente estudo nos permitiu uma leitura dos discursos que representam sua vida e mor-

te e, sobretudo, dos discursos referentes aos fatores envolvidos e desencadeantes do crime de que fora vítima. Dessa forma essa discussão se constitui uma análise inicial não conclusiva sobre referido fato e ensejamos que o presente trabalho fomente novas discussões e análises sobre à presente temática.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Obras coletivas de história oral. Tempo. *In: Revista do Departamento de História da UFF*. v. 2. n.º 3. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/415.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- ALBURQUEQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Uma invenção do falo: Uma história de gênero masculino**. Maceió: Edições Catavento, 2003.
- ALBURQUEQUE JUNIOR. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.
- ARAÚJO, Thays. **A história do casamento**. 2006. Disponível em: <<http://www.caentrenos.org/a-historia-do-casamento/2006/>>. Acesso em: 04 Jun. 2015.
- ASSIS, Maria Sônia de Medeiros Santos de. **Tese da legítima defesa da honra nos crimes passionais da ascensão ao desprestígio**. Mestrado [Dissertação]. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. *In: PINSKY, Carla B. (org). Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BERALDO JUNIOR, Benedito Raymundo. Legítima defesa da honra como causa excludente de antijuridicidade. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 9, n. 367, 9 jul. 2004. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/5418>>. Acesso em: 30 out. 2015.
- BESSE, Susan K.. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1910-1940)**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BONAVIDES, Renata. **Crimes passionais ou amor patológico?**. São Paulo: Paixão Editores, 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Identidades de Gênero, Amor e Casamento em Teresina (1920- 1960)**. Tese [Doutorado em História] Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2010.
- CHAGAS, Waldeci Ferreira. **As Singularidades da Modernidade na Cidade da Parahyba nas décadas de 1910 a 1930**. Tese [Doutorado]. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **Adúltera no território da infidelidade**: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do Século XX. Mestrado [Dissertação]. Universidade Federal de Campinas. Campinas – SP, 2002.

CRUZ, Maria Luiza Pova. **Alimentos entre cônjuges e companheiros**. Publicado em: 02/04/2008. Disponível em:<<http://www.recivil.com.br/preciviladm/modulos/artigos/documentos/Artigo%20-%20Alimentos%20entre%20c%C3%B4njuges%20e%20companheiros%20-%20Por%20Maria%20Luiza%20P%C3%B3voa%20Cruz.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

CORRÊA, Mariza. **Morte em família**: representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CORRÊA, Mariza. **Os crimes da paixão**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, Eric Alberto Matos. Escolas Penais. *Via Jus*. Publicado em: 22/10/2008. Disponível em:<<http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=1762&idAreaSel=4&seeArt=yes>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

ELUF, Luiza Nagib. **A paixão no banco dos réus**: casos passionais célebres: de Pontes Visgheiro a Pimenta Neves. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

ENGEL, Magali Gouveia. **Cultura Popular, Crimes Passionais e Relações de Gêneros**: Rio de Janeiro, 1890-1930. In: **Revista Gênero**. v. 1. n. 2, 2001. Disponível em:<<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/issue/view/28>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1992.

GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários. In: PINSKY, Carla B, Tania Regina de Luca (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

JÚNIOR, Inaldo José Chaves. Biografia e micro-história: diálogos possíveis para uma história da governança no Império Português (Capitania da Parayba, c.1764-1797). **Revista Cantareira**. jul-dez, 2011. Disponível em:<<http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/04/15a2.pdf>> Acesso em: 21 abr. 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

MACENA, Fabiana Francisca. **Madames, mademoiselles, melindrosas:** “feminino” e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914). Dissertação [Mestrado em História] Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

MAGALHÃES Mariângela Duarte. **Crimes de Sedução em Cajazeiras na década de 1950:** “Por uma Perspectiva de Gênero”. Monografia [Graduação em História]. Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2013.

MATOS, Júlia Silveira; SENHA, Adriana Kivanski. **História oral como fonte:** problemas e métodos. Rio Grande, 2011. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=julia+silveira+matos&ie=utf-8&oe=utf-8>> Acesso em: 24 abr. 2015.

MAZZUCHELL, Camila Gonçalves; FERREIRA, Kátia Regina de Oliveira. Crime Passional: Quando a paixão aperta o gatilho. **Encontro de Iniciação Científica (ETIC)**. vol. 3. n.º 3, 2007. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/1393/1331>>. Acesso em: 04 Jun. 2015

MEDEIROS, Hugo Augusto Vasconcelos. Melindrosas e Almofadinhas: relações de gênero no Recife dos anos 1920. **Tempo e Argumento**. v. 2, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180302022010093>>. Acesso: em 19 abr. 2015.

NICOLIELO, Bruna. **Revolução na escola**. Publicado em: 08/06/2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/revolucao-escola-475912.shtml>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

PINHEIRO, Mariza de Oliveira. **Anayde Beiriz e a escrita de si** (educação, história e relação de gênero). Dissertação [Mestrado em Educação] Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN. Natal, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. v. 2. n. 3. Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2278/1417>> Acesso: em 19 abr. 2015.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de *Civitella Val di Chiana* (Toscana: 20 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

QUELHAS, F. C. **Mulheres Executivas no Mercado de Trabalho**. VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.excelenciaemgestao.org/portals/2/documents/cneg6/anais/t10_0254_1213.pdf> Acesso: em 19 abr. 2015.

RABINOWICZ, Léon. **O crime passional**. Trad. Fernando de Miranda. 2. ed. Coimbra (PT): Arménio Amado Editor, Sucessor, 1961.

RAGO, Margareth. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. *In*: COSTA, Cláudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (Org.). **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2011.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. Trad. de Paulo Brandi & Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

RUDIGER, Francisco. O amor no século XX: Romantismo democrático *versus* intimismo terapêutico. **Tempo Social**. v. 24, novembro de 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v24n2/v24n2a08.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2015.

SAFFIOTI, H. I. B. **A Mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTANA, Raquel Alexandre de. “**A dama do sertão**”: analisando as relações de gênero a partir da revista flor de Liz em Cajazeiras nas décadas de 1920-1930. Monografia [Graduação em História]. Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2013.

SANTANA, Rosemere Olimpio de. **Raptos consentidos: afetos proibidos e relações de poder na Paraíba (1880-1910)**. Dissertação [Mestrado em história]. Universidade federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

SANTANA, Rosemere Olimpio de. **Tradições e Modernidades: Raptos Consentidos na Paraíba (1920-1940)**. Tese [Doutorado] - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013.

SANTOS Ferreira, Eduardo. **Ciúme**: o lado amargo do amor. São Paulo: Ágora, 2007.

SILVA NETO, Antônio Batista da. Jovelina Gomes: uma tragédia à moda grega. **Revista Uiraúna**. 3ª ed. p. 54-55, ago., 2005.

SILVA, Alômia Abrantes da. **As escritas femininas e os femininos inscritos**: imagens de mulheres na imprensa parahybana dos anos 20, Dissertação [Mestrado em História]. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2000.

SILVA, Favianni da. **A Eva do século XX**: Analice Caldas e outras educadoras – 1891|1945. Dissertação [Mestrado em História]. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2007.

SILVA, Ilma Maria de Oliveira. **A Professora Primária e as Representações Construídas Socialmente na Memória das Alunas do Curso de Pedagogia da UEMA**. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. UFBA, Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306332825_ARQUIVO_professorprimariarevisado.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SILVA, Mayana Hellen Nunes da. “Até que a morte nos separe”: violência de gênero e crimes passionais no Maranhão (1949 -1958). **Outros tempos**. v. 7. n.º 9, 2010. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/revista_vol7_9_pdf/mayanna_hellen.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2015.

SILVA, Michelle Pereira; INÁCIO FILHO, Geraldo. Mulher e educação Católica no Brasil (1889-19300): Do lar para a escola ou a escola do lar?. **Revista Histedbr On-Line**. n. 15, 2004. Disponível em: <www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art14_15.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2015.

SILVA, Marlete dos Anjos. **Escola Normal no Brasil**. s. d. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_escola_normal_no_brasil.htm>. Acesso em: 20 mar. 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado, Historia oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre relações entre a História Oral e as memórias. **Projeto História**. v. 15, 1997. Disponível em:<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11216/8224>> Acesso em: 24 abr. 2015.

TJPB. Processo-criminal n.º 1.923. Antenor Navarro, 13 de outubro de 1943. (Vitima: Jovelina Gomes dos Santos; réu: Francisco das Chagas de Moraes) Vila de Canaã.

TUNDIS, Amanda Gabriela Oliveira. **Papeando com a Psicologia: Crimes Passionais e Suas Implicações**. Grupo Papeando, 16 de setembro de 2009. Disponível em:<<https://grupopapeando.wordpress.com/2009/09/16/crimes-passionais-e-suas-implicacoes/>>. Acesso em: 15 de jul. 2015.

VELHO, B.T.M. **Equidade de Gênero no Mundo do Trabalho: A História de uma Organização**. VII Congresso Nacional de Excelência em Gestão. LATEC|UFF, 2011. Disponível em:<http://www.excelenciaemgestao.org/portals/2/documents/cneg7/anais/t11_0452_2137.pdf> Acesso em: 19 abr. 2015.

WIKIPÉDIA. **Coeducação**. 2015. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Coeduca%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

WIKIPÉDIA. **Melindrosa**. 2015. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Melindrosa>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

ZUQUINHA . **Uma vida iluminada**, 1ªed. janeiro de 2012

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo A morte entre os labirintos da memória: o assassinato de Jovelina Gomes na cidade de Uiraúna em 1943 – recontando uma história, coordenado pela discente Antonia Cleoneide Macena do Nascimento e vinculado a UFCG Universidade Federal de Campina Grande (UACS/CFP).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral, problematizar a partir de diversos documentos a construção de uma determinada memória sobre o crime passional ocorrido nos anos de 1943 na chamada Vila de Canaã, atual Uiraúna-PB, e a partir deste analisar as relações de gênero produzidas naquele contexto, como também desenvolver alguns objetivos específicos, como: perceber como os discursos que circulavam na época sobre Jovelina Gomes ajudam a construir uma determinada figura de mulher; questionar as diversas falas construídas sobre a vida da professora Jovelina inserido nas memórias de pessoas que presenciaram ou que escutaram sobre essa história e analisar o contexto das mulheres da década de 30 a 40, como as instituições, ou as regras e valores morais da época falavam das mulheres de forma geral e principalmente como a Paraíba e o sertão estavam falando dessa mulher. Este estudo se faz necessário para realização de conclusão de curso, defesa do TCC.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: O trabalho se constitui a partir de entrevistas. Os riscos envolvidos com sua participação são: Não há riscos. Os benefícios da pesquisa serão: Produzir resultados favoráveis para o trabalho.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Antonia Cleoneide Macena do Nascimento, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Antonia Cleoneide Macena do Nascimento

Instituição: Universidade Federal de Campina Grandes UFCG

Endereço: Rua Manoel Mariano, nº 126

Telefone: (83) 9630-7789

Email: cleoneidemacena@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Uiraúna-PB, _____ de _____ de _____

Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

ANEXOS

ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 01- MARIA DO SOCORRO FERNANDES

Nome

Maria do Socorro Fernandes

Idade

Nasci em 29 de setembro de 1929.

Foi aluna de Jovelina?

Fui. Na época eu tinha, deixa eu vê, era bem pequena. Foi em 40. Estudei com ela só um ano. Eu fui até com ela para a casa dela. Mês de junho. Ela ia passar 15 dias lá com a mãe dela aí mim chamou e mim levo, viu? Estudei eu acho que a terceira série, primário não sabe?

Quem era Jovelina?

Ela era uma moça. Era lá de Pernambuco. Eu não sei bem o lugar dela não, o nome dele viu? Sei que ela é de lá. Apareceu aqui, já moça para ensinar que de primeiro era muito difícil uma professora. Aí trazia de fora. Ela chegou, aí ficou ensinando lá no grupo e eu estudei com ela o ano todinho. Nesse tempo foi onde eu fui com ela né? Aí tinha muita amizade com ela não sabe? Fiz até a festa do meu aniversário eu me lembra. Ela veio, trouxe até uma caixa de chocolate (chorando emocionada) naquele tempo, Ave Maria, chocolate era difícil, ela trouxe de Sousa e mim deu.

Quanto tempo Jovelina morou aqui?

Eu acho que foi um ano né? Eu sei que ela morreu em julho né? Ela morreu em julho mais pra mim já tinha passado um ano pra trás num sabe? Não sei não, num mim lembra bem não. Eu sei que ela morreu em julho e não terminou o ano.

Quando Jovelina morreu a senhora estava estudando com ela?

Tava não. Quando ela morreu eu já tinha ido para o colégio em Joao Pessoa, estudava lá. Não, eu fui em 41, foi. Mais como era? Eu não estudava com ela mais não. Eu sei que ela foi essa festa de Luiz Gomes. Ela tinha ido pra festa, aí o cara lá abriu um buraco na cozinha na casa dela. De lá da cozinha, a cozinha era mais baixa do que a casa viu? Aí a gente

ia subindo lá pra fora quando chegava lá na sala já tava bem alta viu? Já tava vendo só os pés, era assim a casa. E do canto do buraco da cozinha lá no cantinho pra cá ele via. Tinha a cozinha, tinha a sala, sala de jantar, salinha. Aí tinha o quarto, só um quarto. Aí esse quarto tinha porta aqui para entrar para o quarto, da sala para o quarto e tinha parece que do corredor também, tinha para dentro do quarto num sabe? Aí ela dormia ali na porta do quarto viu? Ela aqui e a irmã Artemísia, a irmã de Chicão dormia na outra ponta viu? Era duas redes e a menina. Ela criava uma menina tinha bem cinco anos, dormia do armador dela, aqui pra o de Artemísia no pé da parede lá era, eu vi porque eu fui olhar ela morta né? Na casa dela dentro da rede. Era dentro da rede, e até o dedo dela na minha perna que eu tive foi um susto, dedo frio ela tava deitada assim meio de banda e tava Cléia na rela dormindo, ainda nesse canto. Pois é.

Como Jovelina se comportava?

Ela não era muito jovem não. Eu acho que ela tinha mais de 25 anos ou 30 viu? Eu achava assim. Uma nega. Ela já tinha terminado professora nerá? Em cajazeiras, tinha terminado e não sei se ela fazia tempo. Ela num gostava muito de festa não. Tinha as amigas dela com o povo daqui né? As famílias ali pra aquelas casas. Mais festa mesmo eu nunca nem vi.

A senhora sabe dizer se Jovelina namorou Otavio Anacleto?

Namorou.

E quase casou?

Não sei se teve esse final viu? Eu sei que ela namorou com ele.

E com seu Mousinho?

Disse que nesse tempo que eu estudava num era?

Com Jovelina?

Não, em João pessoa. Eu tava em João pessoa, aí aqui ela namorava com ele escondido porque a família dele não queria nerá? A família de Mousinho não queria esse namoro e ela não descobria também. Agora ela tinha muita amizade na casa de Cirilo que era irmão de Mousinho ela levou até a menina aquela menina chamada Neuma casada com seu Tonho. Ela levou desse tamanho, tinha uns três anos, levou pra lá, também como mim levou, levou essa menina, passou uns dias lá com ela em São Gonçalo. Tirou retrato agente vê os retratos né?

Retrato dela tirado lá e eu também. Aí ela namorou nesse tempo com Mousinho. Conheceu Mousinho aqui, eu pelo menos não conhecia nem Mousinho. Mousinho era estudante de papado sabe? Foi pra Cajazeiras de Cajazeiras a João Pessoa de João Pessoa a Fortaleza, foi o estudo dele não sabe? E não namorava, desse povo metido a padre né? Ele é primo de Padre Vieira primo legítimo. A família dele era toda religiosa alí. Aí pronto, o menino queria ser Padre e tinha que ser direito né? Não namorava não. Agora depois, aí eu soube né? Que namorava escondido, e ia casar escondido do pai dele né? Ela tinha muita amizade na casa de Cirilo disse que todo dia ia pra lá conversar e o pai não sabia né? Cirilo era irmão de Mousinho viu? Aí. Não sei se noivaram porque era escondido nerá? Mais iam casar. Disse que já estavam na igreja, porque ela veio para alí, tu sabe onde é a casa de Teresinha de Cosmo? A casa de Cosmo quem morava lá nesse tempo era a diretora do grupo dona Palmira, morava lá e era pra ser testemunha dela né? Aí então ela veio pra casa dela. Só sei desse dia que ela morava nessa rua Lica Claudino numa casa que lá até Constantino quem morou nela. Aí mandou fazer, chamou uma mulher para fazer a festa nerá? Lá ficou fazendo e ela veio para a casa de dona Palmira daí se arrumar e ir para igreja, já estava na igreja e Mousinho negociava aqui viu? Já tinha parece que era duas horas o casamento da tarde e já tinha vindo do comércio e tava se arrumando dentro do quarto para ir para igreja. Mais antes disso, Padre Anacleto tinha muita amizade com o pai dele aí ficou agoniado em fazer um casamento desse sem dizer a ele, aí saiu na calçada olhou tava o velho Batista. Batista era sogro de tio Dedé. Dedé era Dedé de Capitão. Era pai de Salete ele ia passando morava lá no Curupaty onde o pai de Mousinho morava, aí ele mandou o recado vem cá, você vai para o Curupaty vou, pois você vai dá um recado aí mandou o recado que ele ia casar Mousinho naquela hora já tava tudo pronto se ele quisesse saber de alguma coisa, mandasse dizer para ele que ele demorava uma coisinha né? Aí Batista foi na carreira dizer foi e disse. Quando deu fé o pai dele chegou por atrás ali onde tem aquela gula. Ali era um beco de trás dessa casa a casa onde ela morava. Mousinho morava com Cirilo até eu mim casar, mim casei e morei lá também. Aí ele entrou por trás, o muro estava aberto o velho só foi entrou perguntou por ele aí disseram tá ali dentro. Ele saiu aí foi perguntar se ele ia casar aí ele disse que ia, não negou não, né? Aí pediu por tudo no mundo, até se ajoelhou nos pés dele, disse que foi um reboição eu não vi, eu ouvi dizer, que não fizesse uma coisa dessa com ele não, que ele Ave Maria, até chorar chorou, o velho, e aí Mousinho, você agora vai fazer um bilhete pra ela. Que ela esta esperando na igreja, faça aí um bilhete, eu vou ditar você vai escrevendo. Senta aí. Aí ele sentou, foi dizendo e Mousinho escrevendo a história e mandou deixar lá na igreja a ela. Aí quando terminou de entregar o bilhete aí disse agora vamos pra casa pro

Curupaty. Foi com ele, quando chegou lá no outro dia de manhã mandou deixar ele lá no Rio Grande, mandou deixar Mousinho lá. Não, é coisa de gente criança né, não? Quem é que obedece mais a pai desse jeito, obedece não mulher. Mousinho era muito obediente tudo o que o pai dele pedisse ele fazia. Eu nunca vi um filho obediente daquele tanto. Hoje filho não obedece mais a pai, ninguém sabia do namoro, nem de casamento, nem de nada, pensava que Mousinho não queria nem casar. Queria ser padre né? E casar assim sair do seminário? Mais o que? Guardadinho dentro. Deixou pra mim viu? Há agora quando ela morreu já fazia tempo que a gente marcava o casamento e não casava de jeito nenhum. Começou marcar em janeiro de 43 não deu certo, marcou para maio, mês das noivas, também não deu certo, eu disse vala meu Deus foi um Lili que ela botou em mim é um Lili. Eu já sabia do que tinha havido, é um Lili que já tá botando em mim e eu não caso com ele não. [Risadas]. Passou maio, botou pra junho, não teve jeito. Aí em julho ela morreu. Pronto, vou aproveitar e casar logo, mais era agosto, casar não pode ser que agosto é o mês do desgosto. Eu conheci Mousinho quando eu cheguei de Joao Pessoa. Tinha uma moça que morava vizinha lá de casa, ele botou nela, parece que ele pagou para mim iludir, sabe? Pra eu querer. Eu disse: Não tá vendo mulher que não vou mim casar com um rapaz velho de 25 anos. Quero de jeito nenhum. Deus mim livre, eu não pensava nem em casar nova, nem namorava com ninguém. Vixe eu, vinha do colégio inocentíssima e ela ficou pelejou, pelejou um rapaz que era seminarista, muito bom e agora comerciante aqui, ele é louco por você. Menina ela botou na minha cabeça até eu querer, aí casei, não mim arrependi. Casei em setembro de 43, ela morreu sabendo que eu andava para todo canto mais ele. Pra missa, ela via, eu tinha um medo dela tomar.[Risadas]. Eu noivei em setembro, quando foi no outro setembro completava um ano de noivado eu achava feio muito tempo de noivado ai eu disse não num vou deixar passar um ano não. Mais em agosto eu não quero mim casar, casei dia dois de setembro, com 14 anos. Meus pais queriam demais eram todos apaixonados por Mousinho, todo mundo lá de casa queria bem a ele.

Qual o motivo que levou o pai de Mousinho a impedir o casamento?

Porque achava muito fraca né? E a família dele era muito boa né? Aí não queria que casasse com ela. Era tudo moreninha umas negrinhas viu, lá? A mãe dela era uma negra mesma, eu conheci tudinho. As tias dela, tia, as irmãs tudo, aí não queriam. Eu acho que era por isso, porque ela era formada, né? Mais só tinha ela formada, aí tinha irmã, tinha tudo lá.

Na época seu Mousinho trabalhava em que?

Era negociante, tinha a mercearia. Mais eu digo que ela morreu, não tinha nada com ele não. O delegado de São João era o delegado daqui. Foram buscar lá. De noite mesmo foram buscar. Aí aqui ele ouviu um bocado de gente, viu? Os namorado que ele ouvia dizer que namorou com ela foi ouvido. Ouviu Mousinho, ouviu Otávio Anacleto, ouviu um bocado de gente. Aí finalmente descobriu esse homem, aí ele veio e disse que tinha muita vontade de namorar com ela. Ela andava todo dia na casa dele, desse homem porque tinha uma irmã que era costureira, costurava pra Jovelina. Ela ia pra lá e ficava lá conversando e ele só olhando pra ela. Com uma vontade maior do mundo de namorar com ela. Aí quando soube que ela ia casar, eu mato e ela não casa. Nunca nem namorou com ela. Ela não dava cabimento né? A ele. Nesse tempo ela namorava com Otávio Anacleto, mais só namorou, não ia casar não.

Jovelina era namoradeira para época?

Não achava não. Otávio Anacleto era da cor dela, não sabe? Dos Anacletos, aqui, num sabe? Ele era irmão do Padre Anacleto, Otávio viu?

O que falavam sobre a vida pessoal de Jovelina?

Eu nunca ouvi falar porque eu era muito menina, num sabe? Você repare bem que eu fui pro colégio estudei, cheguei, mim casei com 14 anos. Nesse tempo que fui com Jovelina eu tinha uns, não sei se era 10 anos que fui com ela para São Gonçalo. Ela só levava as meninas pequenas, eu tinha era retrato dela eu não sei cadê.

Ninguém estranhava ela morar sozinha?

Não, porque ela era professora, nerá? O povo tinha, era um respeito maior do mundo com ela, professora já de idade, né? Que era formada. O povo só se formava bem tarde não era como agora não. Não tinha colégio não. Só tinha em Cajazeiras, tinha que ir para lá. Aí ela veio sozinha, não tinha ninguém com ela não. Aí aqui acharam essa Artemísia para dormir com ela. Uma mulher passou aqui dando os filhos dela, com seis filhas mulher, dando o povo. A mais nova era essa menina Célia, tinha aquela Maria Isaura que era a mais velha. Sabe quem é Maria Isaura? A mais velha era ela. Deu a Chico Euclides. Casou-se lá na casa de Chico Euclides. Tinha outra que ela deu a uma prima minha, foi pra Natal e levou. Tinha outra Neusa, deu a Dr Osvaldo, eram seis. Aí ela criou essa menina, não sei nem onde anda essa menina. Se é viva ou se é morta.

Quem era Chiquinho André?

Chiquinho André eu não sei não. Eu sei que o pai dele era, Joaquim André. Moravam no Rio Grande. Aí ficaram morando ali naquela casa onde tem aquele colégio radiano, num tem? De frente a Cobul. Ali foi onde ele matou Jovelina. Tinha uns cacimbão no muro disse que ele chegou tirou a roupa dele toda melada de sangue e jogou dentro do cacimbão.

Porque ele matou ela?

Porque ela não queria casar com ele. Num namorava com ele. Ruindade de gente ruim mesmo, né?

Como era o comportamento dele?

Eu não conhecia ele não. Minha rua era lá na rua da praça. Praça, padre França. A minha casa, eu nasci e mim criei, é naquela casa que aquele Veinho desmanchou e fez, Aque-la casa, sabe? Ali era a casa de papai, casona grande, eu tinha dez irmão, eu viu? Morava ali. E ela morava nessa casinha de frente a minha nessa de cá, não sabe? Num tem a casa de Saliege? Visinha a Saliege, do lado de lá era a casa dela. Casinha, a porta e ajanela, ou era duas janelas de frente. Lá de casa de noite na hora que matou se levantou e olhou por debaixo da janela via tudinho lá, a gente só foi pra lá depois que quebraram porta, abriram pra entrar. Todo mundo com medo dele está escondido ali e matar outra pessoa num, sabe? Mais não tava não, já tinha ido embora. Mais ele passou o dia todinho andando na rua com o povo atrás dos namorado num, sabe? E ele mostrando. Ele foi buscar o delegado no caminhão, foi buscar em Antenor.

Quem era o povo?

Era o delegado. Para ouvir os que tinha namorado com Jovelina. Perguntava se tinha namorado e tal, delegado você sabe como é? O jeitinho né? Aí contava a história ele acreditava. Aí quando chegou esse homem, não sei como foi que ele veio, sei que ele

chegou e disse que matou nerá? Porque queria casar com ela e não queria ele, né? Já tinha pelejado pra namorar com ela. Ele quis arancar até o olho, deu uma furada no olho mais quando ele matou Jovelina do lado de cá foi que ele foi para Artemísia, ele viu Artemísia se bulindo, ela viu e vai dizer o povo, ele imaginou, aí veio para rede dela quando veio pra rede dela correu e abriu a janela pra rua viu? Pelejou para abrir a porta não pôde, abriu a janela e pulou e era alta a janela, viu? Ela pulou e saiu ainda correndo assim, pra uma

casa vizinha encostada no poste, ela ficou sentada gritando pela mãe dela. Que a mãe dela morava no outro lado da casa de Saliege, viu? Jovelina morava do lado na casinha e a mãe de Artemísia do outro lado. Era Artemísia, a mãe dela, Chicão e outro irmão dele que tinha, moravam tudo juntos, viu? Por isso que é ruim morar só, né? Ela arranjou Artemísia para morar com ela, não sei quanto tempo fazia, que ela morava com Jovelina, só fazia dormir. Agora quem fazia as coisas de Jovelina eu não sei. Eu nunca fui lá na casa de Jovelina.

Jovelina foi a primeira professora da senhora?

Não. Eu já tinha 10 anos né? Deixa, eu vê. Eu tinha quantos anos meu Deus! Nove anos. A minha primeira professora, eu tinha cinco anos dona Augusta, uma velha que veio de fora também, foi professora aqui, depois de dona Augusta. Depois de dona Augusta não mim lembra quem era. Estudei um ano com Jovelina. Em 40 estudei com ela, em 41 fui para João Pessoa. Muito tempo ela passou aqui né? Foi muito namoro que ela teve né? Já teve vários namorados por aí, não é do meu tempo não.

O que a senhora sabe mais sobre Jovelina?

Não sei mais de nada não. Não mim lembra não. Porque o tempo que eu conheci ela foi nesse tempo que eu estudei com ela. Fui com ela pra São Gonçalo, mamãe deixou. Ela mim levou passei 15 dias com ela ai vim né? Em 40. Em 41 fui pra João Pessoa né? Aí teve ainda o ano de 42. Só sei dessa festa. Em 43, ela foi para Luiz Gomes pra festa do dia 26 né? A turma daqui, ia tudinho, a turma ia. Todo ano ia um caminhão com a banda de música e cantoras e ela aproveitou foi também. Toda vida iam muita gente. Eu mesma fui uma vez, menina enxerida, né? Mais mãe mandou eu ir, disse que eu podia ir, fui com meu tio Manuel israel. Manoel Israel, era o maestro da banda, tio Manoel. Aí meus tios, tio Dedé, tio César, tio Misael e tio Ezinho e tio Expedito, todos eram da banda de música, toda família. Os sobrinhos todos da banda tinha ido à festa, ai ela estava lá também e veio no caminhão. Na frente lá de casa desceu do caminhão. Lá de casa é em frente à casa dela. O caminhão parou ali, tinha um pé de figo muito grande na casa vizinha que era a casa de seu Luiz, o caminhão parou lá e todo mundo desceu. Quando foi mais tarde a morte dela né coitada, queria muito bem a ela. Ele olhava de lá já tinha deixado as coisas tudo preparado. Aí depois resolveu a voltar e ir no caminhão buscar o delegado para apurar o caso.

ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 02- MARIA GENI GOMES DA SILVA

Qual seu nome? O nome completo?

Meu nome completo é Maria Gení Gomes da Silva. Eu mim chamo Gení. [filha diz: não! Não é apelido não]. Eu fui batizada por Maria, né? E, a mulher que tratava de mamãe... Eu mim batizei com dois dias de nascida, foi? Eu nasci no dia 06 mim batizei no dia 08, dois dias de nascida. Quem botou meu apelido foi a assistente, né? Começou chamar Gení, Gení, Gení e por Gení ficou.

Onde nasceu?

Eu nasci aqui mesmo em Uiraúna, na Rua Grande.

Todo tempo morou aqui?

Ai minha filha, eu morei aqui, quando eu nasci até 32. Aí de 32 nós saímos e fomos morar no Tamandaré. Aí eu vou andar [filha diz: ande!]. Do Tamandaré em 33, depois da secona, mamãe foi morar no Curupaity. Aí do Curupaity, agente morou toda vida. Aí mamãe veio passar, comprou essa casa, essa aqui não a dela. Aí a gente passou ainda uns dois anos morando aqui ainda na rua. Voltamos pro Curupaity. Aí eu mim casei. Fui morar na Cacimba dos Bodes, lá na Extrema. Aí meu sogro foi cimborá. Aí eu num ia mais ele, aí volto pro Curupaity. Aí do Curupaity vou pras Moradas. Das Moradas, volto venho praqui, pro Uiraúna. Aí daqui fui morar, morei sete anos no Maranhão. Do Maranhão vim, Belém.

Nos anos 40 como era a Vila de Canaã?

Era pouca rua, nera? Essa rua aqui não tinha de jeito nenhum. Era só roça, a roça do pai de Graça, quando chovia era água! O cemitério velho era ali na capela, nera? Só ia visitar dia de finado.

Gení, como era que as pessoas viviam naquela época?

Minha filha, as mulheres era só os homens que sustentava, comprava de tudo. Agora assim, por causa da agricultura tinha algodão, né? O algodão aqui dava tudo. Vendia o algodão aí comprava o vestido, comprava o calçado, comprava tudo o que precisava era com o dinheiro do algodão, porque não tinha outro emprego, né? Outro tinha bodegas, negocio com tecidos, esses eram negociantes que agente chamava rico. Nenhum é rico né? Pois é!

Quais eram os costumes das mulheres?

Era fazer o servicinho de casa, quando era de tarde sentava nas calçadas, conversando como hoje muita gente faz. Nessa rua é! E muitas eram cirmadas não gostavam.

E as jovens, como eram naquela época?

As jovens eram muito conformadas, né? Porque não tinha divertimento. Só o divertimento que tinha era nos domingos que às vezes as mães deixavam dar uma volta no comércio. Ora onde o ambiente, né? Um cercado, um comércio velho um portão lá atrás outro na frente, tava tudo ali dentro vendendo era café era fruta, tudo o que tinha no mundo era tudo ali dentro, né? E as bodegas de fora, né? Era assim, a gente às vezes ia saber de alguma novidade ia lá ao comércio.

Como era que as jovens se comportavam?

As mulheres passeavam. As mulheres gostavam muito de passear. Ia às festas. Havia muitas brincadeiras, assim, de reisado, caboclo. Ajuntava muita gente, muita gente no reisado, muita gente! Foi ou não foi aparecia essas brincadeiras. As outras brincadeiras, São João! Não! Só era as fogueiras. Já no meu tempo mais de moça, fazia casamento, São João, brincava com as brincadeiras bem diferente. Hoje é assim, faz muita fantasia bonita mais fazia as fantasia, os vestidos estampadão, amarmotado.

Como era as vestes das moças naquela época?

Ah, as moças naquele tempo minha filha, as roupas eram tao bonitas, as roupas. Era cheia de recortes, era quando no tempo de usar saiote. Era um saiote por aqui, outros até em baixo, às vezes só era um enfeitado com bico, bolero, tudo cheio de recorte. Todo vestido era cheio de recorte. Era roupa descende, não usava roupa curta, só menina usava. As moças mesmo usar roupa curta? Usava não. [tossiu]. Logo a avó era tudo, né? No outro tempo não deixava ninguém usar roupa curta. Tudo era na época.

As moças costumavam ir só para as festas?

Para as festas na igreja? Não! Iam nada! Iam não. Deixa eu dizer, vai haver um São João, vai dançar, pode ir, vai mais quem? Mais fulano pode ir. Tinha que procurar uma pessoa com quem ir para dizer se podia. Se vai com fulano vai, tal hora é para está em casa. A gente dizia ei já tá na hora, tempos de festa, de quermesses que havia, a gente estava ali com

o povo. Aí dizia já está na hora de ir pra casa. Só aquele povo rico quem ficava por alí arre-matando bolo, essas coisas. Aí era que ficava o povo. Se espalhavam logo tudo, se acabava logo tudo. De 50 pra cá foi que as coisas mudou, era tudo no tempo. As moças começou a sair só, com as colegas, nós ia pra Catingueira, passar o São João lá. Nós ia a cavalo. Já mudou muito.

Gení naquele tempo, nos anos 30 a 40, o que era uma mulher morar sozinha, principal-mente as jovens?

Não conheci nenhuma morando sozinha.

O que as pessoas podiam pensar de uma jovem morar sozinha naquela época?

As pessoas podiam achar que não estava com o juízo certo. Não conhecia nenhuma morando sozinha, nem duas. Ou morava mais a mãe, ou mais uma irmã, ou mais um irmão.

Sobre Jovelina, como a senhora conheceu ela?

Há Jovelina Gomes era professora, né? E ela... eu estudava com dona Palmira. Agora minhas primas estudavam com ela, era adiantada e ela ensinava o 4º ano e 5º, nera? E eu fazia o 3º ano com dona Palmira, mais aí ela era jovem, era filha de Maria, usava uma fita e eu também, aí ela andando na igreja, as filhas de Maria era bem unida. Aí a gente começava a usar. Ela tomou mesmo amizade com a gente, comigo com as meninas de tia Lica, muita gente ela começava... Agora ela era uma moça muito divertida, gostava muito de passear, ela ia muito lá em casa, andava a cavalo, era muito boa Jovelina, fazia piquiniqui, levava a gen-te, ela levou a gente até para conhecer os pais dela. Agente conhecia pai e mãe.

Como ela chegou a Canaã?

Eu sei que quem trouxe ela pra cá foi padre de Oriel. Ele disse que tinha arranjado essa professora em São Gonçalo. Foi ele quem arranjou ela. Eu acho que foi ele que trouxe ela pra cá.

Com quem ela morava?

Quando ela chegou, ela morava só. Ai ela arranjou essa menina chamada Cléia.

O que as pessoas pensavam a respeito de Jovelina morar sozinha, em um lugar onde ela não conhecia?

Há, o povo dizia que ela era uma moça de responsabilidade. É professora. É formada. Já tinha responsabilidade, já os pais confiavam. Depois ela morou com essa menina. Quando ela morreu, morreu com uma irmã de Chicão que dormia com ela. Ela nunca dormia só, né? Ela sempre chamava uma pessoa para dormir com ela. Ela, eu sei que foi chamar uma das meninas de tia Lica, mais tia Lica não deixou. Não deixava dormir em canto nenhum. Eu não estava aí não, mais pra festa de Luís Gomes eu estava com ela. Ninguém sabia que, depois que aconteceu, que descobriu, na festa aonde a gente tava esse rapaz tava. Uma pessoa conhecida demais, jóia, jóia, eu não sei como aconteceu aquilo.

Como Jovelina se comportava?

Há Jovelina se comportava muito bem. Ela era divertida, mais quando ia pra uma festa tinha comportamento. Ela gostava de conversar com as pessoas mais ou menos, né? Jovelina, todo mundo gostava de Jovelina. Ela entrava em uma casa, entrava em outra, conhecia todo mundo, num instante Jovelina conhecia. Nós fomos um piquenique na casa dela avé maria, era todo mundo em cima dela. Era boa, Jovelina.

Ela gostava de ir festas?

Assim, festa fora não. Eu mim lembro da festa de Luís Gomes que ela foi essa, mas ela não ia, pra Cajazeiras, não ia para Luis Gomes, não ia para Antenor Navarro. Só essa festa que ela foi pra Luís Gomes, não andava assim, andava só para os sítios que ela conhecia o povo, mas para ela ir uma festa lá no Riachão, lá no Bujary, não, não ia.

Jovelina durante sua vida aqui em Canaã, tinha namorado?

Ela namorava. Ela namorava com Dedé, ela namorava com Otavio Anacleto, namorava com Mousinho Nonato. Com Mousinho Nonato ela quase casou.

Porque não foi realizado esse casamento?

Não sei né? Eu sei que o padre já tava na igreja, aí seu Joãozinho Fernandes foi quem veio dizer ao padre pra não casar. Aí eu não sei o padre não disse a gente. Rsrprs. Eu tava na igreja mais mamãe quando ela chegou. Jovelina se arrumou-se na casa de dona Palmira e foi mais dona Palmira e Zeneide de Ariosvaldo para igreja. Aí lá o padre não casou. Seu Mousinho estava na bodega. Tinha uma bodega né? Tava botando um chapéu na cabeça pra vim casar, mais não veio. Já fazia tempo que eles namoravam. Namoravam escondido, nerá? Mais não fazia muito tempo não. Ela tinha namorado com Otávio, tinha namorado com quem

outro meu deus. Não sei quem foi o outro não, não mim lembra não. Sei que um foi Otávio. Aí pronto acabou-se o casamento. Aí o pai de Mousinho tirou Mousinho para o Rio Grande para a terra do povo dele, né? Lá ele ajustou um casamento com uma moça, bonita Carminha, chamava-se Carminha. Era bem magrinha. Mais ela tinha um namoro com um viúvo bem novinho né? E ela não queria Mousinho mais aí ajustaram o casamento mais não casou. Lá Mousinho voltou e ficou andando no Curupaty aí findou namorando com Maria aí casou com ela. Já tavam na igreja e não casarem né? É claro que a família não queria, porque não conhecia a família de Jovelina. Jovelina era uma morena, menina boa, diplomada, todo mundo gostava de Jovelina aí eu num sei, porque essa família Nonato era tudo na família, depois foi que começou a sair da família, mais era tudo na família. E Mousinho casar com uma diferente, nerá? Eles achavam que Mousinho. Mousinho tinha vestido batina para ser padre, e não foi. Mousinho passou muito tempo estudando passou, né? Quando chegou no Curupaty na casa do pai dele. ele não trabalhava não. Vinha deixar um leite na rua e algum mandado, não fazia nada. O pai rico. Tinha muita condição, toda vida tinha, os Nonato era conhecido, a maioria era no Rio Grande mais tudo era ricursado.

O que acha do impedimento de Mousinho não casar com Jovelina, foi porque ele era bem de vida e ela não?

Eu acho que não. Eu acho que foi porque não conhecia a família, era distante, nerá? Morava no São Gonçalo e ele morava aqui. Eles não conhecia a família porque os Nonato era tudo na família né? Aí estranharam, não queriam, aí ele deixou. Acabou. Jovelina era morena assim de tua cor. Da minha cor, não ela era mais escura, o cabelo dela bem cacheadinho. A mãe dela era mais morena e o pai também bem, o cabelo bem ruim rsrs, a família era toda morena, mais era um povo bom.

Quando Jovelina morreu, ela estava namorando alguém?

Tava não. Tava não. O namoro dela com Mousinho foi depois do namoro com Otávio Anacleto. Foi depois, mais ela namorou com outra pessoa é porque não mim lembra. Não mim lembra quem foi o outro. Sei que foi Otávio Mousinho e o outro não mim lembra de jeito nenhum. Mais já fazia tempo que tinha deixado o namoro com Mousinho. Namorava escondido porque os pais não queria, nerá? Porque a família, o povo sabe, era tudo ali, né? E Mousinho um rapaz, né? Não queria. Mais ela era uma professora boa, gostava da gente.

Jovelina era uma jovem que gostava da igreja?

Era, não perdia uma missa. Ajudava a gente cantar, nós era do Coral de Maria, ela ajudava a cantar.

Geni a senhora sabe o que levou Jovelina a vir morar aqui?

Porque não tinha professora aqui. A única professora que tinha aqui era Jovelina e Dona Palmira. Veio uma professora de Antenor de Família de Macabira, mas não passou, acho que só passou um ano, talvez não tenha passado. Ai veio outra lá de dona Mariá da família do povo do Olho d'Água Seco, morava em Cajazeiras, mas também não demorou, passou uns três meses foi embora. Não tinha professor. Um bocado de meninos pra estudar, jovens, tudo, né? Aí esse padre de Oriel arranhou ela, conhecia ela desde lá de Cajazeiras, né? Aí ela precisava ganhar, aí veio. Naquela época as mães não trabalhavam, quem sustentava era os pais. Eu já trabalhava porque já fui criada na roça. A maioria das moças não trabalhava não. Era só os pais que dava as coisas, não sei nem como era que dava as coisas, comida, como diz o outro calçado, vestido, remédio, de tudo, só o dono da casa, era só o homem que sustentava.

Geni e no caso de Jovelina uma jovem que já trabalhava. Essa sua escolha poderia interferir na busca de um casamento?

Não. Certamente moça tem o desejo de casar, né? Ela namorava, tinha a intenção de casar, né?

Ela falava em se casar?

Não. Quando ela namorava agente dizia ei Jovelina tá namorando, aí ela dizia: e como pode! Ela gostava de dizer: e como pode? A gente dizia podendo, como você tá namorando, mais ela não falava em casar não.

Jovelina era vaidosa?

Não, muito simples, cabelo cacheadinho, ela as vezes numa festa, ela usava um pouquinho de batom e mais nada. A roupa dela era simples, andava bem ajeitadinha. As roupas dela, as coisa tudo era boa, mas não era afetada não. Nem relógio nesse tempo as mulheres possuíam, de jeito nenhum, relógio era de parede.

Como Jovelina se relacionava com as pessoas?

Gostava muito de conversar. Ela chegava lá na casa de tia Lica, tinha muita moça, nera? Vamos conversar. As meninas tocava violão, ela ia assistir, sentava mais as meninas. Ia lá pra casa. Vamos andar a cavalo, ela gostava muito de comida de milho novo, canjica, pamonha doce, milho assado, ela gostava muito. Mamãe fazia, ela comia. Aí ela passeava naquele cavalo. Aí chegava já na hora. Está na hora de ir embora, vamos embora? Vamos, aí ela vinha.

Jovelina gostava de ser professora?

Ave Maria gostava, agora era carrasca, viu? Ela não brincava com aluno. Todo aluno tinha medo de Jovelina. A gente já tinha medo. Quando estava em um canto assim, vai haver uma festa, onde levava os alunos, se Jovelina tivesse por alí, a gente já estava tudo com o olho nela. Se fizesse um malfeito só bastava olhar assim pra atrás. Gostava de dançar, viu? Só nos aniversários, porque as filhas de Maria não dançava não.

O que você sabe sobre a morte de Jovelina?

Da morte dela eu não sei nem dizer, porque eu não vim nem para o enterro. Mamãe estava com uma mulher para ganhar neném e eu estava com as meninas e não podia ir. Aí minha irmã mais velha veio assistir o enterro e eu fiquei com as meninas, mas ela chegou contou como era. Todo mundo fazia pena, e o povo todo assombrado com a morte de Jovelina, que quando era cedo era tudo de porta fechada, tudo de porta fechada, já tinha descoberto quem tinha sido o matador, mas o povo era tudo assombrada, tudo né? De porta fechada. A gente eu, ia buscar água mais minha irmã no açude, a gente ia e olhava para atrás assombrado como se aquele cara estivesse solto, para ir, né? Muito conhecido da gente, né? Era muito conhecido, Chiquim era muito conhecido. Conhecía a mãe, o pai e a irmã dele. Também gostava muito de Dona Cecília, ela sentiu muito. Ela quase deu um passamento, quase não dorme, a mãe dele.

Ele era amigo de Jovelina?

Era! Era amigo. Ela gostava muito da casa do pai dele, né? Andava muito lá. Às vezes até comer lá, comia. Tinha a Mercedes que era casada, mas separada do marido, e ela gostava muito de Mercedes. Mercedes costurava, às vezes costurava roupa pra ela.

Havia algum relacionamento de namoro entre Chiquinho e Jovelina?

Não, nunca. Nunca, nunca.

Ele gostava dela?

Não, ele nunca gostou. Que ele conversava muito com a gente e nunca que ele falou que quisesse namorar com Jovelina, que gostava de Jovelina. A gente vivia sentado lá na calçada alta e nós se sentava na calçada alta, pés de figo e ele conversava à vontade com a gente, nunca e nem no nome de Jovelina ele triscou. Aí, não sei não!

Como ele se comportava antes do crime?

Ah...bem, namorador que só! Namorava com uma irmã minha, namorava com uma prima minha, não faltava namorada. Chiquim era um rapaz simples, ele não era uma rapaz farrista, não era um rapaz que vivesse de samba, nem brigando, ninguém nunca viu briga de Chiquim, né? Era um rapaz simpático, bem alto, vermelho.

E o crime, como se deu?

Aí, eu não sei não...não sei não. Eles diz que ele descobriu o telhado, né? Ele já tinha destestado na época que ela foi pra festa, e ela foi pra festa, ele mais tarde que ia com mau intenção, ele desteou a casa e deixou já no ponto, assim contaram, eu não sei não. Tô fora do que aconteceu, que eu não vi nada, graças a Deus!

Ela estava com quem na festa?

Eu estava com ela. Onde a gente estava, ele estava. Aí ela perguntou: Geni, é tu que ta namorando com Chiquim? Eu disse: eu não. Não é tu não? Ela disse eu não. E eu onde a gente tava, ele tava. Ela disse: e porque é? Eu disse: não sei, comigo é que não é. Ninguém nunca no mundo pensou nisso, eu nunca e nem ela.

Como a sociedade da época ficou após o crime de Jovelina?

Ficou tão calma! Até as moças ficaram com medo de andar. Era tudo calmo, dizia: vai fulano, tu vai pra onde? Vai pra tal canto, vou não mulher, a gente tem tanto medo do acontecido de Chiquim! Ah, mulher, mais ali ninguém sabe porque não vai acontecer isso não! Ou, mulher, mais eu não vou não. Outra dizia: eu não vou não. Não queria nem mais sair pra festa, nem pra bar, não queria nem sair. As moças ficou tudo nervosa, as mulheres ficou, avalie os moços! Já sabia que tinha sido ele que tinha matado, né? Artemisia coitada, também não tinha culpa nenhuma, quem diz o outro, se ele matou Jovelina, porque tinha má-

goa, mais já a pobre de Artemisia não tinha, né? Foi dura a pobre de Artemísia! Toda vida foi dura! Mais a coitada era inocente.

A senhora ouviu falar algum motivo que tenha levado Chiquinho a matar Jovelina?

Não, só quando ele deixou ela já morta que Artemísia ficou viva, irmã de Chicão. Ela saiu para o lado de fora deitando sangue, gritando socorro. Morava vizinho ao meu tio, tio Manoel. Aí, tio Manoel se levantou já saindo abrir a porta. Quando chegou estava ela na calçada caída, deitando sangue, aí foi que alarmou. Jovelina nunca tinha namorado com Chiquim, de jeito nenhum. Namorado foi esse tio Dedé, Otávio Anacleto e Mousinho Nonato, esses três que conheci, nunca foi noiva com ninguém.

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 03- MARIA CATARINA MOREIRA DA SILVA

Seu nome

Maria Catarina Moreira da Silva. Sou conhecida por Zarita.

Qual seu parentesco com Jovelina Gomes?

Eu sou sobrinha, legítima né? Porque minha mãe era irmã dela.

O que você sempre escutou sobre a família de Jovelina?

Começando por meus avós, pessoas simples, pessoas humildes que moravam a princípio por muito tempo na cidade de Serrita, antigamente conhecida por Serrinha. E, que, por conta das situações de seca da época passavam por períodos que buscavam fora da cidade meios de se viver. Numa dessas viagens foi onde Jovelina, a minha tia ficou estudando na cidade onde ela se formou, porque foi acompanhando os pais em busca de trabalho na época na construção de um grande açude que teve por aqueles lados. Ééééé, minha mãe sempre dizia que, minha tia desde criancinha dizia que o sonho dela era ser professora, mas professora formada que a minha mãe mesmo trabalhou ensinando. Ela gostava de ensinar também, mais ela não era formada e minha tia queria ser professora formada e ela encontrou nessa viagem assim, a realização de seu sonho numa oportunidade de uma bolsa em um colégio que surgiu na cidade de Cajazeiras e por conta disso ela conseguiu. Como meus avós eram pobres não podia pagar um colégio particular pra ela, conseguiu estudar com esta bolsa.

O que fez Jovelina dedicar se ao magistério?

Como eu te disse, ela sonhava desde criança. Ela sonhava em ser professora, quando ela via, mamãe dizia que quando ela via a quantidade de crianças, sem estudo, sem escola, ela ficava dizendo que não queria ver criança fora da sala de aula, criança era para está estudando. E ela queria se dedicar a isso a ver as crianças estudando e ela contribuir com isso. Então ela buscou e teve ainda eu digo a felicidade de ter conseguido a realização desse sonho de infância. Os pais dela eram pessoas pobres, meus avós, eram pessoas pobres mais pelo simples fato de serem pobres ela não teria deixado a família se o sonho não fosse a parte mais importante o sonho de ser professora, o sonho de ser professora não fosse a parte mais importante que pra isso ela deixou de vir com a família pra sua terra natal e permanecer lá numa cidade onde ela não tinha outros familiares para concluir os seus estudos e depois ao

invés de vir embora pra cá ela já encontrou a oportunidade de começar a ensinar que era tudo o que ela queria, por isso ela ficou longe da família. Era mais importante pra ela ser professora pelo fato de ensinar do que pelo fato de ganhar dinheiro.

Com quem ela foi morar em Canaã?

Olha a minha mãe só dizia assim: ela foi com uma pessoa conhecida, conhecida da minha avó, mais o nome eu não sei precisar. [tossiu] Na época eu não havia nascido. E tudo o que eu ouvi, ouvi da parte da minha mãe que falava muito dessa história, e da minha avó que por muito tempo morou na nossa casa depois que meu avô morreu. Ficou morando na nossa casa. E essa filha foi aquela ferida no coração da minha avó que nunca se catrizou. Ela sempre falava nessa filha que perdeu. Essas lembranças eram muito doloridas, pra todos eles.

O que falavam sobre a rotina de vida de Jovelina?

Olhe não é do meu conhecimento, como eu te falei eu ainda não havia nascido, e a minha mãe o que falava era da parte que ela própria fazia e que Jovelina não fazia a mesma coisa que ela. Porque enquanto minha mãe trabalhava ajudando os pais no caso meus avós, Jovelina teve a oportunidade de sair para estudar, então foi uma rotina diferente da minha mãe que não sei lhe dizer como.

Como foi a repercussão da morte de Jovelina no seio da família?

Foi como eu te falei. Minha avó carregou até a morte essa, essa dor. Porque eu sei que para qualquer mãe perder um filho é uma dor sempre muito grande. Mas, a perda dessa filha para eles, foi muito, foi muito grave, foi muito séria porque quando eles vieram saber que ela havia morrido devido a distância e a dificuldade de transporte que havia naquela época, quando alguém chegou para avisar que veio em animal, não havia carro que fizesse essa distância de lá para cá, ela já tinha sido sepultada. Então, foi assim, um choque tão grande que minha avó não pode ir, quem foi, foi meu avô, porque minha avó ficou acabada. Foi meu avô com o marido de minha tia e o meu pai. Eles foram para vê o que tinha acontecido, mas nenhuma das mulheres puderam ir porque como eu acabei de dizer, acho que todo mundo sabe, naquela época, naqueles tempos os meios de transporte eram muito difíceis e além dos mais eles eram pobres. Não tinham essa facilidade de conseguir é eu nem sei que tipo de meios para se locomoverem. E minha avó ficou acabada aqui com minha mãe e minhas tias que caiu mesmo, acho que em qualquer família caiu como uma bomba destruindo

assim toda a paz dessa família. Morrer por nenhum motivo qualquer, já é difícil e morrer assassinada uma moça que era tida como uma moça de muita dedicação ao que fazia, uma moça boa, que nunca havia tido um problema no seio da família e nem com outras pessoas, ser deixada para trás com toda confiança da família porque sabia que ela merecia essa confiança, ter sido deixada lá para em sequência ir trabalhar e depois chegar somente a notícia que a sua vida foi tirada por uma pessoa assim a quem ela nada fez, foi muito, foi muito difícil para todos eles superarem ainda por muito tempo a família não se conformavam daquele tempo como ainda hoje existe as pessoas que acham que é dente por dente e olho por olho. Ééééé, o meu cunhado. Pessoas de meus familiares, foram na intenção de acabar com a vida de quem havia feito isso, mas ao chegar a justiça já tinha encontrado, assim, já tinha chegado a conclusão de que realmente o assassino era aquele e que ele já estava preso, e eles então voltaram sabendo que a justiça já tinha sido feita, mas por muito tempo ainda permaneceu entre eles essa vontade de que não ficasse só nisso, mais Deus ajudou que justiça mesmo resolvesse o problema.

Qual o relato que a família teve acerca das circunstâncias que envolveram a morte de Jovelina?

O que elas contavam pra gente, mais jovem é que a minha tia tinha decidido que a vida dela seria para se dedicar ao trabalho, a ensinar, a viver dedicada ao que tanto ela desejava que era o magistério. Então, o que contaram pra elas, minhas tias e minha mãe é que esse rapaz ééé, queria que ela aceitasse ele como namorado, e que ela não quis porque disse que o que ela queria não era isso, ela tinha ido em busca de uma outra finalidade e além disso ela achava que ele tinha um costume de beber que não agradava a ela de jeito nenhum. Não que eu não estou dizendo que ela não quisesse na vida dela ter um companheiro, mais que não era ele a pessoa que ela gostaria que fosse, e que no caso ele não se conformou porque ela não aceitou e nesse dia o que nos contaram é que ele é quando ela estava com umas amigas ele apontou para uns amigos dele que ela era namorada dele e ela disse que não, não era isso que queria, não namoraria, ele sabia que ela não queria e por conta disso ele se encheu de raiva e mais tarde foi até a casa dela e fez a barbaridade de assassina-la. Era tudo o que eu ouvi falar.

O que você acha do que sempre escutou sobre Jovelina?

Eu acho que, eu sempre considerei assim, minha tia como uma mártir. A mártir, mártir da educação, porque foi isso que ela foi buscar num lugar tão distante do seio e que ela

achava que ali seria a vida que ela escolheu pra ter e que no fim ela jamais imaginou que encontraria essa tragédia na vida dela. Então, essa tragédia, pra mim transformou minha tia numa mártir, a gente sempre que olhava para a fotografia dela, tinha na casa da minha avó, tinha na casa da minha mãe sempre num lugar de destaque. A gente sempre que olhava para ela, tinha ela assim, como aquela, a mártir da família que foi tirada a vida tão cedo sem ter feito nada pra que isso acontecesse. É disso que todos nós, todos os sobrinhos, somos muitos que todos os sobrinhos sempre tivemos ela nesse conceito. [Tom muito triste]

ANEXO 4– TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 04- FRANCISCO FERREIRA DA SILVA

Qual o nome completo?

Francisco Ferreira da Silva, apelido, Chicão

Dia, mês e ano de nascimento?

09 de março de 1924 nasci aqui em Uiraúna. Morei aqui, morei lá na propriedade na Quixaba, aí nós morava lá. Daqui fomos pra lá, morar lá todo mundo na Quixaba né?

Nos anos 40 como era a cidade Vila de Canaã?

Era, era uma coisa acabada, era nos anos 40. Em 45 eu fui servir o exercito, fui chamado, o jeito que teve foi eu ir. Mamãe não queria que eu fosse. Eu digo eu vou preso. Eu vou preso. Aí fui. Deixei ela aqui chorando e fui. Passei uma base de dois anos lá em Campina Grande. O coronel, recebi uma ordenança do coronel, um servicinho pesado, era um servicinho pesado. Numa hora dessa nós estava assistindo um tiroteio na Alemanha. Numa hora dessa estava assistindo todo mundo. Aí um dizia vamos fulano, vamos fulano almoçar. Depressinha cada macaco, aí vixe Maria era uma coisa sem limites, sem limites aquilo. Aí ficamos, terminou aí nós viemos do quartel, no quartel pegou-se uma briga lá dentro, aí o coronel disse o Paraíba ta brigando? Eu disse tô não, tô pedindo a eles pra não brigarem. É, tá certo. Peça pra eles não brigarem. Aí viemo pra casa, viemo pra casa. Quando chegamos em casa, aí o coronel resolveu eu ser ordenança dele. Aí ele disse não tenham medo que vocês não vão passar nessa guerra não. E não passamo não. Ficamo tudim, uns dez.

Como as pessoas viviam naquela época?

O costume de todo mundo era comer ruim, viu? Não tinha comer não. Era comida d'água, comida ruim. O caba rico vinha e dizia: o que ta fazendo aqui! Vá pra casa! Aí eu saia quando eu chegava, ave maria, ave maria, era um choro! Eu avisava pra mamãe que aqui tava pegando fogo, pegando fogo. Aí nós fomos tirar a guarda, tirar a guarda. No outro dia foi preciso um bocado de soldado, isso foi um clamor maior que já vi na minha vida, clamor maior que já vi na minha vida. Mais foram. Chegaram lá saíram até bem, mais sofrero coitado! Mais sofrero. Trabalhavam. Jovelina mesma vivia dentro de casa mais nós, Jovelina mesmo vivia dentro de casa mais nós. Vivia uma vida danada, era! As jovens, as mulheres tinham que se comportar, tinha que se comportar. As ordens dele eram válidas. Quando che-

gava lá o coronel dizia: e lá como se vai pelo Uiraúna? Que era Belém nesse tempo, Era Belém. Como é que vai? Vai bem. Essa guerra tá desgraçando tudo. Já morreu quase tudo viu, os que foram daqui. Morreram quase tudo. Avé Maria, era um clamor.

Nos anos 40 como as mulheres se comportavam, principalmente as solteiras?

Há, se comportavam que não podia, não podia elas sair não porque o banditismo era grande. Não saiam de casa não. Quando elas saiam, saiam com companhias, companhia delas, família delas. Saíam o rebanho, tinha o rebanho. Os pais deixavam. Eram duro mas deixava ir, deixava ir. Era vida pesada. O jovem frequentava, era aqui pelos matos mermo: Fazenda Nova, Poço Dantas, Varge de Cacimba. As festa passava um pedaço e vinha cimbora pra casa. Tinha que vir cimbora. Uma hora dessa vinha da Varge de Cacimba, da Fazenda Nova, vinha bater em casa.

Naquela época o que era uma jovem morar sozinha?

Não tinha não. Não podia não. Ela tinha que ter uma companhia. Que nem Jovelina mermo, tinha uma companhia que era nós, morava dentro de casa.

Como o senhor conheceu Jovelina Gomes?

Ela veio ser professora aqui. Aqui ela ficou dentro de casa mais nós. Esse tempo todo ficou dentro de casa mais nós. Jovelina Gomes foi uma mulher de bem, era uma professora excelente. Jovelina quando chegou aqui, veio à procura de uma pessoa que fizesse sua boia (comida) e aí minha mãe conhecida como Chôta apoiou ela lá em casa, mamãe fazia a bóia pra ela e ela ficou morando tudo lá em casa. Era muito bom. Quando os pais dela vinha era muito bom. Era uma professora de bem, todo mundo gostava dela na Vila. Os alunos chegava lá em casa a procura dela e ela dizia vão andando daqui a dez minutos eu saio para escola. Não mim lembro quem trouxe ela, sei que ela é de Pernambuco. Uma família muito boa, uma mulher de bem que todo mundo gostava, admirava seu jeito, nós trabalhava na roça era mamãe, papai cinco filho e Jovelina, e ela queria comprar as coisas e mamãe não deixava dizia que a comida dava pra tudim, mais Jovelina ainda comprava tempero mandava o menino do açougue deixar carne, mamãe dizia: dá pra nós sobreviver Jovelina. Jovelina era boa, em todo tempo não tinha arenga, não tinha nada. Veio morar sem a família, nunca mais eu vi gente dela aqui doido pra vê uma pessoa de Jovelina mais não vejo mais. Jovelina era de casa, era uma pessoa excelente, pessoa de bem, é tanto que ainda sinto falta dela, nem sei ler nem escrever muito, mais o pouco que sei agradeço a ela, Não, ninguém, era ela que pas-

sava umas lições para nós. Queria ensinar a todo mundo, Jovelina era muito educada, boa, excelente Jovelina. Nunca mais vi nem falar nela. Ela tará viva ainda, Jovelina? [Respondi], tá não. Tá não, não?

Como ela chegou?

Há, chegou uma mocinha delicada, era animada, era ela respeitava todo mundo. Ele chegou com o pai dela e a mãe dela. Aí entregou ela a mamãe. Ela chegou atrás de uma mulher que fizesse a boia dela, que os ganho não dava para pagar uma pensão e aí mamãe disse pode ficar aqui, quando era no fim do mês ela vinha pagar a mamãe e mamãe não queria nada, pode ficar aqui todo tempo que quiser. Depois de morar um tempo Jovelina foi morar numa casa vizinha, sozinha. Ela veio morar só, mais mamãe aceitou ela lá em casa, depois ela foi morar sozinha na casa vizinha, e Artemísia minha irmã era muito amiga dela dormia com ela, era a companhia dela. Maria Artemísia da Silva morreu de facadas, saiu de casa quando chegou o Chico André queria casar com Jovelina. Chico André que matou! Ele queria casar com ela mais ela não queria, ela estava quase noiva com Otavio Anacleto, da Fazenda Nova, aí quando foi um belo dia lai vai, laigou a faca em Jovelina disinganou pra Artemísia não descobrir matou também Artemísia de faca. Era facada, era facada! Eu ainda pensei umas poucas de vez em matar ele, mais mamãe não deixou.

Veio morar com quem?

Lá em casa. Veio entregar ela a mamãe. Era três, era eu e mais dois irmãos que morreu. Nos não sabemos dizer não, ela chegou procurando mamãe. Mamãe era a mulher que fazia comida, aí indicaram Chôta minha mãe, aí ela veio bater lá em mamãe. Ainda me lembro que mamãe disse pode vir pra aqui pra casa, tem Artemísia, as meninas a casa cabe, tem cama não precisa trazer nada, tem tudo. Aí ela disse: dona Chôta eu vou comprar umas coisas pra fazer a boia, ajudar a senhora. Mamãe disse: não traga nada, o que eu comer você come. Ela era boa... Depois não sei por que ela resolveu morar em outra casa, aí foi nessa passagem que aconteceu, ela pediu a mamãe pra Artemísia dormir com ela, e mamãe deixou ela dormir com Jovelina, mamãe disse: deixo com todo prazer. No tempo em que ela morava, aqui acolá, vinha um visitar ela. Quando vinha se hospedava lá em casa. Ela era boa, boa mesmo. Nunca tinha aborrecimento com ela. Ela começou a ensinar na primeira escola daqui. Jovelina era da igreja, a gente ia tudo pra igreja. Jovelina não topava Chiquim André, ele era louco por ela e ela não queria ele de jeito nenhum. Ela queria era Otavio Anacleto. Veio pra trabalhar, sem conhecer ninguém. Aonde ela chegou foi lá em casa e ficou. Jovelina

se dedicava muito à escola, gostava muito de ensinar, não era bruta com os alunos porque tem professora que é bruto com os alunos. Ela não era bruta não! Dedicava muito à escola. Eu fui militar, passei três anos em Campina Grande, quando cheguei aconteceu isso, e Chiquim André tinha muito medo de mim porque eu tinha arma.

Como ela chegou na casa do senhor?

Chegaro no carro. Chegou lá em casa cassando uma casa para se hospedar, né? Pela hospedagem, mamãe disse: pela hospedagem, você fica aqui com nós. Eu garanto que não tem quem bula com você. Uma hora dessa assim os véi foi cimbora. E ela ficou, morou todo tempo mais nós.

Como Jovelina se comportava?

Bem! Uma moça educada, boa nós ficava tudo com ela. Ela ia as festas mais não todas as festas. Foi aí onde o véi passou ordem pra ela não ir todas as festas. Eu tinha duas irmãs aí ela ia mais essas duas irmãs, Milta e Artemísia. Ia e voltava. Mamãe dizia tal hora eu quero vocês aqui. Quando era na hora chegava. Quando não vinha eu ia buscar.

Porque ela veio morar aqui?

Veio morar pra ser professora. Ela era professora. Veio morar pra ganhar o custo de vida, que lá era ruim. Cajazeiras era ruim pra ela. Ela ia trabalhar pra ganhar, né? Pra ganhar o dinheirinho dela. Mamãe não queria nada dela. Ficou mais nós até um tempo. Ai casou a mais velha que era Milta, casaram e ela ficou mais nós. Boa! Depois ela voltou pra Cajazeiras, ela voltou pra Cajazeiras.

Era uma moça vaidosa?

Morena! Uma morena bacana! Uma mulherzinha tranquila, mais bacana. Bem arrumadinha, só vivia bem arrumadinha. Era roupa decente, roupa boa as roupas dela era boa. Quando o véi saiu disse: olha vou entregar ela aqui a vocês façam de conta que são os pais dela. Quando mamãe ia uma festa tinha que levar ela. Não deixava ela só não.

Ela gostava de ser professora?

Demais! Era bacana, era uma professora bacana. E por causa dela eu aprendi a ler sem nunca ter precisado ir à escola. Eu nunca fui à escola.

Na época era normal as mulheres trabalharem?

Era! Não, era normal as mulher trabalhava. Até na roça, até na roça elas trabalhavam. No caso de Jovelina era que Jovelina era de uma famia pobre. Tinha que trabalhar pra sustentar os pais. Tinha que trabalhar. Todos os sábados, todo fim de mês ela mandava dinheiro dela para mãe dela. Era professora de lapada, boa! Bem educada.

Naquele tempo por as mulheres já trabalharem, isso podia interferir ou atrapalhar na busca de um casamento?

Não. Mousinho Nonato queria casar com ela. Conheceu Mousinho Nonato? [respon-di] Não. Conheceu não. Ele queria casar com ela e outros mais. Ai mamãe alertava ela, se você casar com ele, casa bem. Mais nós vimos que o cara queria era outra coisa. Queria era besteira. Acabe com esse casamento!

Jovelina falava em casar?

Falava não, falava não. Mamãe tinha um café, levava ela, fazia um café pra vender nessas bar levava ela. Ela não saia de casa. Ela saia também, mais quando saia era com as duas irmãs que eu tinha, Milta e Artemísia. Era as duas irmãs que eu tinha, era as duas irmãs que eu tinha. Ela falava muito pouco em casar. O namoro dela era Mousinho Nonato, conheceu Mousinho Nonato? Mousinho Nonato, queria casar com ela. Mamãe chamava ela e dizia cuidado, cuidado nesse povo, que é um povo é metido a rico e não faz bem não. Até que não casou com ela não.

Jovelina namorou com quem mais?

Um bocado de gente. Ela chegava perguntava a nós tô namorando com fulano acha que dá certo? Eu digo se for de uma família esbandaiada, esbagaçada, caia fora.

Quem era?

Era não mim lembra mais do nome. Era Otavio Anacleto, era Juvino.

No aspecto religioso, como Jovelina se apresentava?

Era, gostava da igreja, comportada. Gostava muito da igreja. Mamãe fazia a comida e ela ia pra igreja. Teve um militar que quis casar com ela, um militar quis casar com ela, aí mamãe disse não.

Com relação ao crime de Jovelina Gomes o que o senhor pode falar?

Não tem quem saiba contar. Um monte de gente da rua mais não contava o certo.

Como foi a morte dela?

A morte dela essa coisa ai mim fugiu. Mim fugiu.

Quem matou Jovelina?

Foi Chico André, foi Chico André. Do Madeiro, Luís Gomes, Rio Grande do Norte. Não sei mais de nada da famia dele, não conheço mais ninguém. O que tenho de falar sobre Jovelina é que era uma pessoa bacana, todo mundo gostava dela, da família dela só tem eu da família de mamãe só tem eu, o resto já se acabaram. O crime foi em 1943 não me lembro do dia, tinha ido à festa em Luís Gomes, aonde ela tava ele ia atrás dela. Ela era uma mulher importante, querida, o aluno chegava e ela distrinchava isso, isso e isso, era boa...nós sintimo muita falta.

Porque ele matou ela?

Porque ele queria ela e ela não queria. Ele queria ela mais ela não queria. Ele gostava dela mais ela não gostava dele, se ela gostasse dele ele não tinha feito isso, ele era dos André. Abalou muito as pessoas, Jovelina era muito boa, excelente professora! Era um absurdo de gente no enterro. Era o caixão de Jovelina na frente e o de Artemísia atrás. Jovelina nunca foi de sair e chegar tarde sempre chegava cedo em casa, não era de folia, só andava com Artemísia ,eram muito amigas. Jovelina era querida aqui por todo mundo, só não por Chico André. Chiquim André sabia que Jovelina não queria ele, ela queria era Otávio Anacleto.

Confessou porque logo foi visto, as facadas foi grandes! Artemísia olhava assim pra gente com um olhar quase morto, matou Artemísia somente para não descobrir, porque ele queria matar era Jovelina. As duas estavam acordadas quando ele entrou já foi atacando Artemísia, depois Jovelina. Ele tinha já tudo preparado para fazer isso. Tinha um medo de mim que se pelava porque eu tinha servido ao exercito e tinha uma arma.

Chiquinho André era amigo de Jovelina?

Era, ele gostava dela. Eles morava ali na Rua Nova, sabe onde Antônio Sabino? Ali eles morava ali, na rua nova. Ele era amigo de Jovelina.

Chiquinho André namorava com ela?

Ele queria, mais ela não queria. Era desse povo educado não dava certo não.

ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 05- FRANCISCA CLÉIA GOMES DOS SANTOS

Como é seu nome?

Meu nome é Francisca. Quando mim entregaram a madinha Jovelina, meu nome era Francisca. Só que madinha Jovelina foi e botou meu nome de Francisca Cléia, sabe? Gomes dos Santos, por causa de pai e mãe que mim criou aí mim casei aí butei só Francisca Cléia Gomes Neto, por causa da família de meu esposo que era família Neto. [Homem falando com alguém diz: é uma entrevista fazendo aqui em casa, sobre Jovelina]. Aí eu num sei se fui batizada, eu num sei se eu fui batizada. Porque quando mim entregaram a madinha Jovelina, Neusa e Isaura deve saber se eu fui batizada, e registrada que eu não sei, né? Quem mim registrou já foi a mãe de madinha Jovelina, tá entendendo? Nessa época quando mataram ela, mãe morava na Serrita, aí pai foi mim pegar lá trousse, aí mim registrou. A data errada, que quem tem essa idade que eu tenho é a que mora no Recife que eu sou a mais nova, aí ficou por isso mesmo, eu digo é muito a Neusa minha irmã nós somos gêmeas nós duas, só que eu sou de um mês tu é de outro, mais assim fui levando a vida. Quando foi, ela entregou a minha mãe entregou agente por causa que meu pai tinha separado da nossa mãe aí disse que tinha ido comprar uma farinha, pra fazer comida pra gente, né? Só que essa farinha nunca apareceu e nem ele também. Aí minha mãe pra nós não morrer de fome ela pegou deu a gente. Mim deu a madinha Jovelina, a Isaura eu não sei, sei que a Neusa foi criada por um médico, a Isaura foi criada lá por um pessoal que eu não conhecia e a Creusa que mora no Rio Grande do Norte, que a Creusa, nem ligar pra gente ela liga e depois que ela ficou viúva pior aí é que ela não liga mesmo, ficou lá. Aí nós estamos vendo se se junta tudim pra reunir nós quatro e ainda falta uma que nós não sabe onde é que anda. Uma Teresinha, nós não sabe se é viva, se é morta ninguém sabe. Aí quando mataram madinha Jovelina, mataram não, ele queria matar ela numa festa, né? Um tal de, o nome dele era Chiquinho. Aí ele foi pra essa festa, aí quando chegou lá não deu condição dele matar. Ele pegou voltou, entrou pra dentro da casa de madinha Jovelina, né? Madinha Jovelina muito enfadada, aí chamou a vizinha Artemísia pra dormir com a gente tava com medo de dormir só, com medo de dormir sozinha comigo. Aí armou a rede minha, que ela nunca gostou de dormir de cama, toda vida gostou de rede, ela Artemísia e eu. Eu mim lembro, olha ainda tenho uma lembrancinha da última vez que fui passei pela casa só não quis entrar porque mim deu aquela coisa ruim aí eu não quis entrar, aí mais o quarto que antigamente tinha uns quarto assim uma porta pro corredor nera? Uma porta pra sala da frente e outra porta pra sala de janta. A madinha Jovelina tava

na porta que sai pra janta, e eu tava na porta que sai pra porta da frente e Artemísia no corredor, Quando ele entrou, Artemísia tava rezando o terço, aí se aproximou e disse: eu não vou lhe matar não, só vou matar dona Jovelina, eu não vou lhe matar ela foi se alterou-se, ele pegou e deu facas nela, né? Jogava aquela faca e ela ataiava com as mãos, aí ele viu que não podia fazer mesmo pegou ela abriu a janela, aí quando foi jogando ela deu uma facada nas cruz dela aí jogou ela pra fora aí fechou a janela voltou, ele disse que passou por debaixo da minha rede, né? Diz ele, né? Passou por debaixo da minha rede e deu uma facada em madrinha Jovelina, só deu uma facada, só deu somente uma. Ela quetinha tava, quetinha ficou aí foi embora e eu fiquei dormindo, né? Aí ele foi e disse que não mim matou por causa que eu não acordei, se eu tivesse mim acordado tinha mim matado também pra mim não descobrir, mais que não era meu dia de ir, né? Aí tudo bem, né? Eu pequena com três anos de idade, as meninas daquele tempo não, é? Não é o tempo de hoje que é tudo diferente não, é? Aí sei que foi muita gente, e aí meu padinho Raimundo e o seu Milton que foi o pai dela de Zarita, foram para vê se pegavam ele, só que o carro deu o prego no caminho, não pegaram ele né? Aí ele findou, sim aí ele foi pra casa dele, que a mãe dele ave maria, adora madrinha Jovelina. Ele foi pra casa deitou, depois que aconteceu o que aconteceu, disse que ele deitou, ficou deitado aí disse que viu o reboição, mãe tá um reboição lá na rua vou já olhar o que é, sendo ele o que tinha feito né? Aí foi voltou e disse mãe mataram dona Jovelina ôh mulher, tendo sido ele que matou. Aí disse que a mãe dele agoniada foi olhou e disse: e a menina? Ele disse a menina tá viva num mataram a menina não, só mataram ela e a moça que estava fazendo companhia a ela. Aí disse que foram, Isaura minha irmã, que é a mais velha, né? Quando foi pra mim vê que ela disse que se tivesse mim entregado eu a ela, ela tinha mim criado que realmente ela tinha direito que era a mais velha, né? Mais só que a família de madrinha Jovelina não deixou ela mim vê, num errou isso, aí? Eu acho que errou, que sim. Aí ela disse é ta bom, mais eu queria pelo menos vê ela porque eu sei que não vou vê mais ela, e realmente disse que, Isaura disse que foi e mim mostraram eu a ela, eu pequena sem saber de nada. Aí Isaura disse que foi embora pra casa, chegou em casa aí disse que começou a chorar, disse que devia ter ficado comigo e não deixaram nem eu ter visto direito aí tudo bem ficou. Aí vim mim embora pra Serrita. Pai foi mim buscar mais seu Milton, mim trouxeram, mim criei na Serrita, aí quando Serrita, era muito atrasada nessa época eu vim praqui estudar aqui. Aí fiquei morando com a mãe de Zarita, madrinha Zuquinha. Eu fiquei morando lá até o estudo. Quando eu terminei o estudo foi o tempo que eu mim casei, mim casei muito nova com 17 anos uma criança, né? Mais, mãe era viva nessa época, aí mãe, mãe não queria, esse casamento mais graças a Deus meu casamento foi muito bem, graças Deus, que ele foi um bom

marido, foi um bom pai para os filhos, graças a Deus, aí nesse papel aqui tem assim: Ôh quer vê escuta. Tem assim: Vila minha irmã com a sua, com seu esforço começou a estudar, tornou-se professora. Foi ensinar no município de Uiraúna, lá ela tomou para criar uma menina chamada Cléia, que foi eu, que era ainda bebê, criancinha. Ela, essa missão, de Vila não conseguiu realizar, não conseguiu realizar, pois foi criminosamente assassinada enquanto dormia por um jovem nome inconsequente, não botaram o nome dele acho que com raiva, né? Que se apaixonou por ela e não foi correspondido. O mesmo tinha trágico, teve a jovem Artemísia que foi a moça que lhe fazia companhia a sobrevivente dessa tragédia foi Cléia que dormia numa rede juntinha a ela. Esse crime, aconteceu no dia 28 de Agosto de 1943. Pela distância da dificuldade de comunicações a nossa família só tomou conhecimento da morte de Vila dias depois. Painho, que foi o pai dela, painho enlutando e muito abalado foi até Uiraúna e trouxe a pequena Cléia para ele e a mainha criar. Assim compreendeu e desejou sua filha morta de 25 anos quando ela morreu. Mataram ela tinha 25 anos. Aí diz assim: Vila teve tempo de realizar seu grande sonho ser professora que foi ensinar com a morte trágica e a escola onde ela ensinava passou a ter o seu nome, a sua história ainda hoje por quem mora em Uiraúna. Em Recife anos depois Zuleide construiu uma escola e deu o nome da escola Tia Jovelina, que é a filha de madinha Zuquinha que mora no Recife. Aí ela construiu um colégio aí botou o nome de Jovelina. Aí nessa época fiquei levando a vida com tudim aqui, com madinha Zuquinha, madinha Edite, que faleceu, madinha Diva também morreu tudim só ficou madinha Zuquinha mais madinha Zuquinha agora faleceu. Ficou eu, aqui, mais essa casinha aqui é dela, aqui eu moro até o resto da minha vida, aí quando Deus mim levar, né? Nossa vida é assim.

Quem escreveu esse trecho que a senhora acabou de falar sobre Jovelina escrito no livro?

Foi uma sobrinha de madinha Zuquinha. Ela mora no Recife. Graça Rosendo. Tem tudo de tudo de madinha Zuquinha a vida de madinha Zuquinha toda, toda o livro tá. É porque eu não mandei tirar toda, só essa página que gostei muito por causa da morte de madinha Jovelina.

Quem contou essa história?

Quem contou foi madinha Zuquinha. Olha antes de ela adoecer, ela contou essa história. Ela disse: Cléia, olha a tua vida foi uma vida muito precária, mais graças a Deus tu chegou onde tu chegou, casou-se encontrou um bom marido, teus filhos, mais a tua vida foi uma vida muito precária, viu? Eu digo é assim mesmo. Nosso pai eu não sei se morreu, não sabe

se é vivo, sei que nossa mãe faleceu. Isaura disse que ela faleceu. A Neusa, ainda conheceu, Isaura, mais eu não conheci ela de jeito nenhum porque a mais nova era , sou seu. Porque ela, ela disse que não tinha dicomer. Não tinha condição de criar a gente. Ele foi comprar uma farinha pra fazer comida pra gente. E que farinha foi essa que não apareceu mais nunca. Aí ela disse que pra nós não morrer de fome pegou deu a gente. Com três anos de idade. Eu tinha três anos de idade, bem pequenininha, três anos de idade. Três aninhos que eu tinha.

Antes da senhora ir morar com Jovelina com quem ela morava?

Morava sozinha. Ela morava sozinha nessa casa, sozinha e Deus. Ninguém morava com ela.

Como Jovelina chegou em Canaã?

Há quando ela chegou no Uiraúna eu não sei né? Porque quando eu fui pontar ela eu já tava no Uiraúna. Aí eu não sei como ela chegou no Uiraúna.

O que falavam sobre Jovelina? Como era a rotina de vida de dela?

Contou que disse que ela se esforçou muito pelos estudos dela, o que ela queria era ser professora, como ela foi, mais só que veio o assassino vai matou ela porque queria casar com ela e ela não queria aí foi e matou. Uma professora casar com um vagabundo o quê que você acha, né? Né, não? O que eu escutava era que só dava vida boa, que ela era uma pessoa caridosa, que gostava de fazer favor, nunca deixou de fazer favor a ninguém. Como justamente a mãe desse rapaz que matou ela, que ave maria ela fazia tudo por essa mãe desse rapaz e aconteceu do que aconteceu. Assim diz lá os vizinhos dizia, eu mesmo não sei de nada que muito criança eu não sei contar nada. Eu conto o que os outros conta. Aí quando eu vim conhecer minhas irmãs meu Jesus, eu já tava casada, morava em Petrolina, quando eu vim conhecer essas irmãs minha legítima. A vida de madinha Jovelina era como criança ela conversava comigo, era do colégio pra casa, ela não gostava de festa. Nesse dia ela foi pra essa festa, não sei que festa foi essa se foi de colégio eu não sei, né? Eu era pequenininha eu não sabia dizer como foi, essa festa que ela foi. Sei que eu não fui pra festa. Eu fiquei com a mãe de Artemísia que essa eu não vou levar. Ela disse eu não vou levar Cléia, porque Cléia é muito pequenininha. Eu tinha vontade de levar ela e não deu certo. Então vou deixar ela com a mãe de Artemísia. Artemísia essa que morreu que foi pra festa junto com ela. Aí quando ela chegou, aí mim pegou levou pra casa. Aí ela muito enfiada, né? Só foi disse que tirou a

roupa vestiu a camisola, e ele já estava na cozinha, disse que ele subiu pelas telhas aí esperando ela deitar, quando ela deitou-se disse que foi mesmo que uma pedra, Artemísia ficou rezando. Ele mesmo que dizia eu não vou lhe matar não, vou matar dona Jovelina. Aí não sei se ele ia matar ou se não ia. E como ele disse que só não mim matou porque eu não acordei. Disse que pra eu não descobrir. O que eu ia descobrir se eu não sabia de nada, não, é?

Quanto tempo Jovelina morou em Canaã?

Sei não. Aí eu não sei. Quem devia saber era madinha Zuquinha, nera? Não, nunca ouvi falar. Eu não vou dizer que já ouvi porque não vou mentir né? Nunca ouvir quantos anos ela passou no Uiraúna, sei que Isaura sabe de tudo. Isaura minha irmã sabe de muita coisa da vida de madinha Jovelina. Por isso que eu estava dizendo se eu for no Uiraúna eu vou dizer ôh Isaura mim conta como foi essa vida de madinha Jovelina como foi. Porque eu sei de coisas porque as meninas já é quem conta. Madinha Zuquinha contava muito a gente. A não ser, minha filha, eu não sei de nada. Mais que eu ia ser bem criada eu ia.

O que sabe a respeito da vida da família de Jovelina?

Ele trabalhava. Mãe tinha um hotelzinho pra vender comida, né? Mais mim criaram bem criado graças a Deus, estudei, o que ela pode fazer comigo ela fez. Mim registrou como filha dela. O que ela pode fazer comigo ela fez, ela nunca mim maltratou, nunca mim judiou, o que ela pode fazer por mim ela fez. Deus levou ela, aí fiquei, mais é assim mesmo, né? Aí tem dia que eu dizia assim: Ôh meu Deus, ele podia ter mim matado também, que eu tinha ido logo mais ela, mais tudo é como, né? Cada um com seu tempo, sua vida.

O que escutou sobre a ida de Jovelina para morar em Canaã?

Eu não sei. Não sei se ela morava era em Serrita, daí eu não sei explicar. Mãe andou muito canto até em São Paulo mãe morou. Eu não sei se foi do Uiraúna que ela, de Serrita foi pra Uiraúna. Eu não sei os estudos dela como foi porque nunca mim contaram nada disso. Quem sabia a vida dela todinha, toda, toda, toda era madinha Zuquinha. Madinha Zuquinha sabia a vida dela, completa, irmã né? Irmã legítima. Mais velha do que ela. Não mim contaram nada. Olhe esse pessoal, mãe que mim criou, a mãe de madinha Jovelina mais o pai ele só disse assim que eu não tinha família. Minha família era madinha Jovelina, só que madinha Jovelina morreu então, minha família ia ser eles. Mais deixa que eu tinha minhas irmãs legítimas, da minha mãe e do meu pai, né? Que é a Isaura, a Creusa a Neusa. Quando eu vim saber dessas irmãs minha, eu morava em Petrolina, eu já era casada, já tinha meus filhos,

meus filhos tudinho já tinha todos os meus filhos. Aí intermédio Edite, madinha Dite, irmã de madinha Zuquinha. Ela foi no Uiraúna fazer uma visita no tumulo dela, eu morava em Petrolina, aí ela disse que foi, Isaura disse que foi pra o cemitério dia de finados. Ela disse eu vou porque eu sei que vai chegar família de dona Jovelina e eu vou saber noticia de Cléia, se Cléia ainda é viva ou não é, aí justamente encontrou com madinha Dite, irmã de madinha Zuquinha. Aí madinha Dite era uma pessoa muito boa, ave maria, madinha Dita fazia caridade a todo mundo, a irmã de madinha Zuquinha. Aí ela foi e se aproximou de Isaura aí perguntou quem era Isaura, Isaura foi e dise quer dizer que, você é irmã de Cléia? Sou. Pois Cléia casou-se mora em Petrolina, tem tantos filhos, deu o nome dos meus filhos tudinho, deu endereço onde eu morava em Petrolina. Com poucos tempos aí eu recebi uma carta da Isaura. Pronto aí comecei a se aproximar de Isaura de Neusa, de Creusa, mias por madinha Dite porque o pessoal da família de madinha Zuquinha disse que eu não tinha família, dizia você não tem família não, sua família somos nós. Tá bom mais a gente sempre tem família mesmo que seja pobre mais tem. Tem ou não tem? Num é? Cansei de dizer a mãe mesmo. Mãe a gente não nasce sem família não, eu posso não ter como a senhora ta dizendo, mais tenho, viu? E minha mãe, que mim deu a madinha Jovelina, né família não mãe? Há, mais o pessoal que você não sabe. Sim, são minha família. Eu não tenho contato com eles porque eu sai muito criança, mais eu tenho família sim. Aí agradeço muito a madinha Dite ter feito isso por mim, porque se não fosse até hoje eu não sabia se. Cansou de dizer você não tem família não, tá bom, quem sabe se um dia eu num tenho. Aí um dia eu ainda disse madinha Zuquinha a senhora disse que eu não tinha família, mais eu tenho madinha Zuquinha sabe porque ? Porque olha, minhas irmãs, minha mãe que mim deu eu a sua irmã, mim casei, tive meus filhos, tive meu marido, eu não tenho família não? Posso não ter família da parte da minha mãe mais da parte do meu marido tive, cansei de dizer a madinha Zuquinha. Cansei de dizer a ela. Ela dizia que eu era muito desafortada, não madinha Zuquinha eu não sou desafortada não, eu sou positiva. Quando eu tenho que dizer eu digo não tem isso comigo não. As meninas mesmo dizia, Isaura mesmo disse Cléia tu é desafortada viu? Sou não Isaura, sou não. Eu tando no meu direito eu falo, eu respondo, agora se eu tiver errada aí eu fico calada, não respondo não, mais se eu tiver no meu direito, eu respondo seja lá quem for eu sou desse jeito. E sou uma pessoa melhor do mundo, eu luto com todo mundo, vivo com todo mundo, pra fazer favor já fiz muito, agora não depois que adoeci não faço mais favor a ninguém. Meu marido dizia era muito, Cléia tu faz tanto favor que no dia em que tu precisar não acha quem faça mais eu disse é não tem nada não e aí foi dito e certo. Mais tenho minha finha que mora na Coabe, mora três filhos meu aqui, são tudo casado, todos são casado. Tem um solteiro, esse aí casou

mais não deu certo aí ficou morando comigo. Quando o pai dele morreu ele já estava comigo. Mais to levando a vida ate o dia em que Deus quer. Só tenho desgosto disso de dizer que eu não tinha família eu tendo. É assim mesmo. Madinha Jovelina tinha o maior ciude de mim vixe disse que ave maria madinha Jovelina não confiava com todo mundo não, ela não confiava de mim de todo mundo de jeito nenhum. Se ela ia para escola, ela mim levava, não deixava de jeito nenhum não. E nesse dia como quem ela estava advinhando alguma coisa aí para essa festa ela não levou. Disse que não que eu era muito criança, não dava certo que queria matar ela lá nera? Não consegui matar, ele ficava chamando ela, pra tomar refrigerante e tudo mais ela nunca quis. Ele disse mesmo eu não matei ela, eu ia matar ela na festa mais não deu certo eu matar não. Voltei e esperei ela chegar. Ela tinha 25 anos quando ela morreu.

A senhora passou quanto tempo morando com Jovelina?

Mulher tu sabe que eu não sei, não sei. Não sei se eu cheguei há passar um ano, não sei. Ainda vou perguntar a Isaura. Isaura quando eu fui pontar Jovelina eu passei quantos tempo com a madinha Jovelina? Porque Isaura morava lá morava na mesma rua que ela morava, que Isaura foi criada pelos outros, mais morava mais pra cima. Isaura deve saber o tempo que passei com ela. Não sei. Mãe devia ter mim dito tudo, olha você passou tantos anos com Jovelina, não era? Mais não mim contaram nada. To contando o que elas ouviam falar. Eu não to contando nada que eu vi. So conto o que eu ouvia.

Além do sonho de Jovelina de ser professora, existia outros motivos que levasse a mesma a sair do seio de sua família para um lugar onde a mesma não conhecia?

Eu não sei não. Eu não sei se era a condição do lugar que ela tava que não tava dando certo, nera? Que Serrita era um lugar muito atrasado. Madinha Zuquinha disse que já morou em Canaã, não sei aonde, mais mãe foram pra São Paulo, andaram o mundo todo, antes dela mim conhecer. Aí foi nesse tempo que madinha Jovelina ainda era mocinha, frangotinha, não sei. Sei que quando eu fui pra Recife, eu fui pra casa da minha irmã, aí o marido da minha irmã disse: Cléia nós vamos passar lá no lugarzinho onde tu morava, eu disse vixe maria, mais eu vou lhe mostrar a casinha onde vocês moravam que justamente nós passemos no cantinho já que casa não tinha mais, né? Era ali Cléia onde vocês moravam, quando tua mãe deu você. Aí nós passemos no Uiraúna. Do Uiraúna fomos pra Natal. Pra casa de Neusa, não Creusa, Neusa é a do Recife. E Creusa é a do Rio Grande do Norte.

Será que além do sonho de Jovelina, havia motivos financeiros que também contribuiu com sua decisão de exercer o magistério em Canaã?

Aliás os dois. Disse que foi uma família pobre né? Não foram família mais ou menos. E o sonho dela era ser professora. Professora, disse que pra ensinar. Agora queria ensinar queria que nunca fosse pago, queria ensinar pelo estado para dá a boa vida as crianças. A conversa de mãe foi essa pra mim, mim dizendo que não sei se foi também. Como diz no papel se esforçou e até que se formou aí foi morar pra acolá pra morrer né? Morrer não, pra matarem.

Cléia naquela época as mulheres solteiras trabalhavam? Como se comportavam e quais eram seus costumes?

Eu não sei. Que essa mãe minha disse que lavava roupa pra ganhar o pão pra dá a gente só disse que não aguentou mãos aí pegou deu a gente, como ela deu nós aí foi viver com outro homi e teve outros filhos de outro homi ãm? E porque ela não criou nós? Mim diga? Aí a menina disse tia, Cléia tu é porque, eu digo não eu não sou errada não, mulher num já tinha nós quatro porque ela dá a gente e arranjar outro homo e arranjar outros filhos? Quer dizer que ela não gostava da gente, se ela deu. A desculpa dela foi pra não morrer de fome, não, não existe isso não. Uma mãe faz trabalho por cima de pau e pedra pra dá comida o filho. E não arranjou outro homi? E não teve filho? Isaura mesmo conheceu, eu não conheci não, mais Isaura conheceu. Aí ela disse é não. Não, não é assim mesmo ela tá errada em ter feito isso, eu sou a mais nova, mais sei que ela está errada em ter feito isso, errou em ter dado a gente. Devia não ter dado a gente. Ter criado nós. Nós trabalhava, se fosse preciso trabalhava. Boto culpa nela e culpa nele no pai e na mãe. E nela mais por causa que ela pegou deu a gente pra viver com outra pessoa pra ter outros filhos, né?

O que ouviu falar sobre o comportamento de Jovelina em Canaã?

Disse que era muito querida. Querida mesmo madinha Jovelina. Era uma pessoa que todo mundo gostava de madinha Jovelina. Uma vez quando eu cheguei lá pela primeira vez Neusa mim levou, aí veio um pessoal mim conhecer, Isaura foi e disse aqui é Cléia e é o mais menina quem diria, nós vimos Cléia com três aninhos de idade, pois é aqui é Cléia. Eu ficava sei lá, não mim sentia bem não. Sei lá como era que eu ficava. Eu não tenho nenhuma foto dela acredita? Que eu não tenho nenhuma foto de madinha Jovelina? Tenho nenhuma. Porque a obrigação não era de mim dá uma, porque foi ela que mim criou? Não mim deram, também não pedi. Pedi não. Eu não tenho o que dizer das filhas de madinha Zuquinha ave

maria, não. Gosto muito delas, elas gostam muito de mim, Zarita, todas as que moram no Recife graças a Deus, não tenho o que dizer de nenhuma, de Clóvis, Zé Nilton, que foi o que faleceu agora, não tenho o que dizer de nenhuma.

Com relação a casamento, Jovelina falava em se casar?

Mulher,[risos] eu não sei não. Sei que ela, mãe disse que tinha um médico que tava doido por ela e ela não queria. Ela disse que o negócio dela não era casar, era viver a vida dela sem se casar. Não queria se casar. Aí quando o caba se apaixonou aí foi isso. Sei que disse que o Uiraúna ficou que eita minha nossa senhora, com essa morte de madrinha Jovelina. Jovelina era muito querida no Uiraúna. Tem a foto dela lá no colégio, num tem? Respon-di tem. Eu andei lá eu vi. Passemo mesmo de frente pra poder ir pra casa de Isaura na rua São Francisco. Aí quando eu passei na porta, passei com a Neusa, aí Neusa disse Cléia tu quer entrar eu disse não, não quer não? Eu disse quero não. Quer dizer que tu não quer entrar? Não. Não mim sinto bem vamos cimbora pra casa, aí nós fomos pra casa de Isaura. Que Neusa minha irmã é espírita, sabe? Ela a Neusa recebe a madrinha Jovelina, ela e Artemísia. Aí Neusa disse que madrinha Jovelina é um espírito, é uma pessoa espírita. Olha tudo o que eu peço a madrinha Jovelina eu vejo, tudo, tudo que eu peço, eu mim pego muito com ela. Toda vida que eu to numa aflição eu mim pego com ela, nessa doença minha eu também mim peguei muito com ela, que ela mim desse uma luz assim, não mim levasse agora não, mim deixasse. Eu cansei de ver assim, madrinha Jovelina. Quando eu era pequena, eu cansei de ver ela assim batendo na minha rede, mim chamando pra mim ir com ela. Balançava a rede e eu via direitinho ela balançando a rede e mim chamando pra ir com ela. Aí mãe disse que eu se acordava agoniada e disse o que foi madrinha Jovelina tá mim chamando pra eu ir com ela. Ela disse minha filha, não mãe mais eu vi ela assim, vamos simbora comigo. Mais esse povo antigamente não tinha fé nas coisas né? Mais madrinha Jovelina é um espírito. Olha o marido de Zuleide mesmo, quando ele está numa aflição ele se pega com ela. Esse Zumilton também, se pegou muito com madrinha Jovelina, aí tá com um ano que Neusa tava aqui. Passou três dias aqui comigo. Isaura não, só veio uma vez aqui. Não veio mais. Foi pra Petrolina quando eu morei, foi ela e Neusa. A Creusa quando veio mim visitar já tava morando aqui, aqui em Salgueiro, eu morava na Coape nessa época. Pronto acabou. Morreu o marido de Isaura, morreu o de Creusa, morreu o meu, ficou só o de Neusa. Mais é assim. A gente tem que levar a vida do jeito que Deus quiser.

Quem foi o criminoso?

Era um Chiquinho, disse que o nome dele é Chiquinho. Disse que ele já morreu, disse que ele já morreu, sei lá? Ele era um sapateiro, mais disse que ele andava, diz Isaura que eu não sei, eu era muito criança ele andava bêbado, aí se apaixonou por madinha Jovelina sem madinha Jovelina se apaixonar por ele. Aí como madinha Jovelina não quis casar com ele e foi e matou. Ele disse mesmo na cadeia que eu matei porque ela não mim quis casar comigo aí eu tirei a vida dela aí disse que a polícia disse você acha que você fez coisa bem feita? Não, não sei se eu fiz, só sei que ela não quis casar comigo não, mais com ela ninguém casava, assim conta a família de madinha Zuquinha e Isaura também né? Que eu não sei contar nada que eu era muito criança. Não sei contar nada dessas história direito. Depois que ela faleceu eu fui no Uiraúna, deixa eu vê só duas vezes, só, só. Aí eu quero ir agora se Deus quiser. Ela completa ano no dia 14, Isaura eu quero ta lá no dia 13 já combinei com Neusa minha Irmã a que mora no Recife. Ela disse vou vê se eu consigo a Creusa, é a que mora no Natal, eu digo mulher Creusa não. Não adiante não, a Creusa não vem, aí não sei.

Sobre o autor do crime o que falavam sobre ele?

Disse que diziam que tinha que ser vingado, que ela não merecia essa morte. O que ele fez com ela foi uma tragédia muito grande. A família dele era muito pobre, mais disse que, Isaura disse que era uma família pobre mais era uma família de fazer caridade tá entendendo? Mais ele se apaixonou por ela, só que ela não queria né? Ele era sapateiro, mais ela disse que não. Não queria porque disse que, ela disse que não nascia para casar. Mãe disse que ela dizia, eu não nasci para casar, tenho que morrer sem mim casar. Nunca vou querer casar? Com esse médico mesmo que se apaixonou por ela mais ela não quis também. Aí olha qual foi a vida dela. Mais antes tivesse casado com esse médico tinha sido mais de futuro. Nera não? Sei lá eu digo assim, mais não sei não. Se ela não queria. Eu tenho uma filha minha, ela disse mãe eu não nasci pra casar. Eu digo não minha filha porque? Não eu não quero mim casar. Pois se minhs filha não quer se casar pra que tu foi arranjar uma pessoa pra viver, se tu não quisesse casar mulher? Ficasse moça velha velha dentro de casa comigo rrsrrs. Eita Jesus!

Ouviu falar se Chiquinho já teve relacionamento de namoro com Jovelina?

Eu ouvi a conversa que não, eu não sei também né?. Tu acha que ele não namorou com ela? Se ele se apaixonou. Como é que se apaixonou? E se apaixonou sem namorar? Sei lá? Rrsrrsr eu nem posso dizer sim nem não né? Que eu era muito criança. Mais eu não sei não.

Como é que a pessoa se apaixona se a pessoa nunca namorou? Só em ve? Eu digo assim, hoje em dia não, que a pessoa se apaixona né? Mais ainda é muito diferente dos tempos atrás, nós já tamos é em 2014 rersrs, não é? Ei minha filha,


O que a senhora acha de tudo o que escutou sobre Jovelina, de toda essa história construída em torno dela?

Mulher, eu não sei nem o que te diga. Eu acho que se ela não tivesse falecido eu tinha, até mim formado eu tinha mim formado. Porque disse que ela fazia tudo por mim, tudo, o desejo dela era criar uma menina né? Como mim criou. Mais não chegou a criar né? Aconteceu do que aconteceu mais não tenho o que dizer dela de jeito nenhum. Agora se tivesse mim levado tinha sido bem melhor também, mais Deus não quis né? Eu não tenho o que dizer de jeito nenhum.

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A morte entre os labirintos da memória: o assassinato de Jovelina Gomes na cidade de Uiraúna em 1943, recontando uma história.
Pesquisador Responsável: Rosemere Olímpio de Santana
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 35207314.0.0000.5575
Submetido em: 26/05/2015
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio





Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_370539

- DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

- ▼ Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 2
 - ▼ Projeto Original (PO) - Versão 2
 - ▼ Documentos do Projeto
 - Folha de Rosto - Submissão 1
 - Informações Básicas do Projeto - Subm
 - Projeto Detalhado / Brochura Investigad
 - TCLE / Termos de Assentimento / Justif
 - ▶ Apreciação 1 - Centro de Formação de Pro
 - ▶ Projeto Completo

Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações
-------------------	----------	---------	----------	-------

- LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO

Apreciação	Pesquisador Responsável	Versão	Submissão	Modificação	Situação	Exclusiva do Centro Coord.	Ações
PO	Rosemere Olímpio de Santana	2	26/05/2015	05/08/2015	Aprovado	Não	   

- HISTÓRICO DE TRÂMITES.

Apreciação	Data/Hora	Tipo Trâmite	Versão	Perfil	Origem	Destino	Informações
PO	05/08/2015 17:50:44	Parecer liberado			Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande		
PO	10/06/2015 20:39:05	Parecer do colegiado emitido			Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	
PO	10/06/2015 20:38:50	Parecer do relator emitido			Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	
PO	10/06/2015 20:37:07	Aceitação de Elaboração de Relatoria			Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	
PO	10/06/2015 20:38:52	Confirmação de Indicação de Relatoria			Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	
PO	10/06/2015 20:38:40	Indicação de Relatoria			Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	
PO	10/06/2015 20:38:25	Aceitação do PP			Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	
PO	26/05/2015 12:53:24	Submetido para avaliação do CEP		Pesquisador Principal	PESQUISADOR RESPONSÁVEL	Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	
PO	24/11/2014 18:47:00	Parecer liberado			Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	
PO	24/11/2014 18:46:28	Parecer do colegiado emitido			Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande	

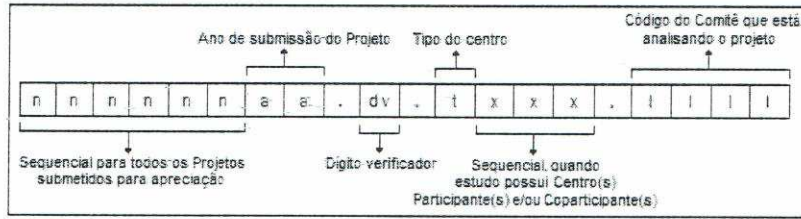
Ocorrência 1 a 10 de 16 registro(s)

LEGENDA:

(*) Apreciação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador	POp = Projeto Original de Centro Participante	POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
E = Emenda de Centro Coordenador	Ep = Emenda de Centro Participante	Ec = Emenda de Centro Coparticipante
N = Notificação de Centro Coordenador	Np = Notificação de Centro Participante	

(*) Formação do CAAE



[Voltar](#)

Este sistema foi desenvolvido para os navegadores Internet Explorer (versão 7 ou superior) ou Mozilla Firefox (versão 9 ou superior).